Maria Aparecida Lino Pauliukonis
Mônica Magalhães Cavalcante

Texto e Ensino

Coleção
Material Didático
SÉRIE DIGITAL

Texto e Ensino

Autoras:

Maria Aparecida Lino Pauliukonis (UFRJ)

Mônica Magalhães Cavalcante (UFC)

Assessoria e revisão técnica:

Claudia Assad Alvares (UPE)

FICHA DE CRÉDITOS

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Reitora Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitor José Daniel Diniz Melo

Secretaria de Educação a Distância (SEDIS)

Secretária Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Secretária Adjunta Ione Rodrigues Diniz Morais

Coordenação do Setor de Materiais Interativos Kaline Sampaio de Araújo

Design instrucional Kaline Sampaio de Araújo

Revisão de Língua Portuguesa Cristinara Ferreira dos Santos

Revisão de normas ABNT Cristiane Severo da Silva

Revisão de Estrutura Camila Maria Gomes

Projeto gráfico e Diagramação Rommel Figueiredo F. C. de Carvalho

Ilustrações e Gráficos Dickson de Oliveira Tavares
Maurício da Silva de Oliveira Júnior
Rommel Figueiredo F. C. de Carvalho

Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN/Secretaria de Educação a Distância – SEDIS.

Pauliukonis, Maria Aparecida Lino.
Texto e ensino / Maria Aparecida Lino Pauliukonis e Mônica Magalhães Cavalcante. – Natal: SEDIS-UFRN, 2018.
1 PDF.

Modo de acesso: http://repositorio.ufrn.br

ISBN 978-85-93839-89-4

1. Letras - Português. 2. Ensino. 3. Texto. 4. Profletras. I. Cavalcante, Mônica Magalhães. II. Título.

CDU 81:134.3
P328t

Elaborada por Verônica Pinheiro da Silva CRB-15/692.

Sumário

Apresentação

Um dos objetivos do ensino de línguas na Escola atual é tornar o aluno participante dos processos de interlocução e protagonista na recepção e na produção de textos adequados a cada situação social. Constitui-se, talvez, esse o mais complexo trabalho dos professores: propiciar ao aluno condições de se apropriar do conhecimento, usá-lo de forma crítica e se integrar ao mundo como leitor autônomo e como produtor de texto, segundo escolhas pessoais capazes de gerar significados em todos os campos da vida social e cultural.

Tomando por base os desafios que o ensino de texto representa para o professor, em qualquer grau do ensino, vimos apresentar reflexões sobre noções de "texto e ensino" e sugerir práticas de aplicação pedagógica, com o intuito de diminuir certas ***angústias*** dos professores, quando se defrontam com os problemas do letramento e da produção textual.

Esta obra busca traduzir, de forma objetiva e clara, e com exercícios práticos, temas ligados à linguística do texto, à enunciação e ao discurso. Pretende-se apresentar subsídios para uma prática pedagógica que tenha a língua em funcionamento como objeto de estudo, o que, acredita-se, permitirá a abertura da Escola à pluralidade de sentido dos textos, por meio do exame de diversos gêneros textuais.

O e-book organiza-se em três capítulos: no primeiro, discutem-se noções gerais de texto, os conceitos de cotexto e contexto e a integração de texto e de discurso, faz-se uma revisão das noções de coerência e coesão e analisam-se diversos gêneros textuais.

No capítulo 2, estudam-se os modos de organização da matéria linguística em forma das sequências que compõem os textos, com o intuito de se observar sua funcionalidade para a constituição dos sentidos.

O capítulo 3 constitui-se de práticas de atividades referentes ao que foi discutido nos dois capítulos anteriores e de comentários sobre as propostas e as soluções apresentadas, o que acreditamos sejam passíveis de ser transmitidas aos alunos.

Ao final, espera-se que a Escola possa responder aos anseios da sociedade para a efetiva melhoria dos discentes no processo da leitura, da interpretação e da produção de textos. Os desafios são muitos, esperamos que esta obra possa constituir-se um rumo nessa direção.

As autoras

Objetivos

Objetivo geral: Pretende-se contribuir para uma maior conscientização do aluno/leitor em relação às estratégias de construção do texto, a fim de direcioná-lo para uma leitura crítica e para a produção de textos menos "inocentes".

Objetivo específico: Capacitar o aluno a interpretar textos de vários gêneros e a produzir outros, a partir de modelos dados.

Noções gerais do texto

Neste espaço, serão tecidas algumas considerações sobre o ato de ler e interpretar, com foco na produção do sentido, e discutidos temas como (a) relação entre texto, situação e contexto; (b) locutor, interlocutor e cenário de enunciação e (c) interação, contrato comunicativo e funções argumentativas dos parâmetros de organização textual, que pertencem ao mesmo campo associativo.

Temos defendido, em Linguística Textual, a ideia de que o texto é um evento comunicativo cuja unidade de sentido, ou coerência, é construída conjuntamente entre os participantes dessa *enunciação*, que acontece sempre integrada a um contexto social específico.

É por meio de textos que as pessoas se comunicam, por isso todo texto é um "ato de comunicação", o qual se processa por meio de um "contrato comunicativo", ou seja, por meio de um código de condutas que regula o processo de interlocução.

Isso explica por que uma conversa descontraída entre amigos é bem diferente de uma entrevista de emprego, ou de um interrogatório perante uma autoridade, por exemplo, como apresentamos nas figuras seguintes:

Figura 1 – Interrogatório perante um juiz.

Figura 2 – Conversa entre amigos.

Figura 3 – Entrevista de emprego.

A noção de texto tem sido discutida por vários autores sob enfoques diversos e complementares, como encontramos em Koch e Elias (2006), Marcuschi (2008), Fiorin e Platão (2002), Koch e Travaglia (2011), Antunes (2009), Cavalcante (2012), Werneck et al. (2011), Pauliukonis et al. (2006; 2007), para citar apenas algumas obras nacionais mais acessíveis.

O assunto não se esgota e, devido à complexidade da própria noção de texto e do ato de ler e interpretar, talvez seja esse um dos mais instigantes problemas do ensino atual de leitura e de produção textual.

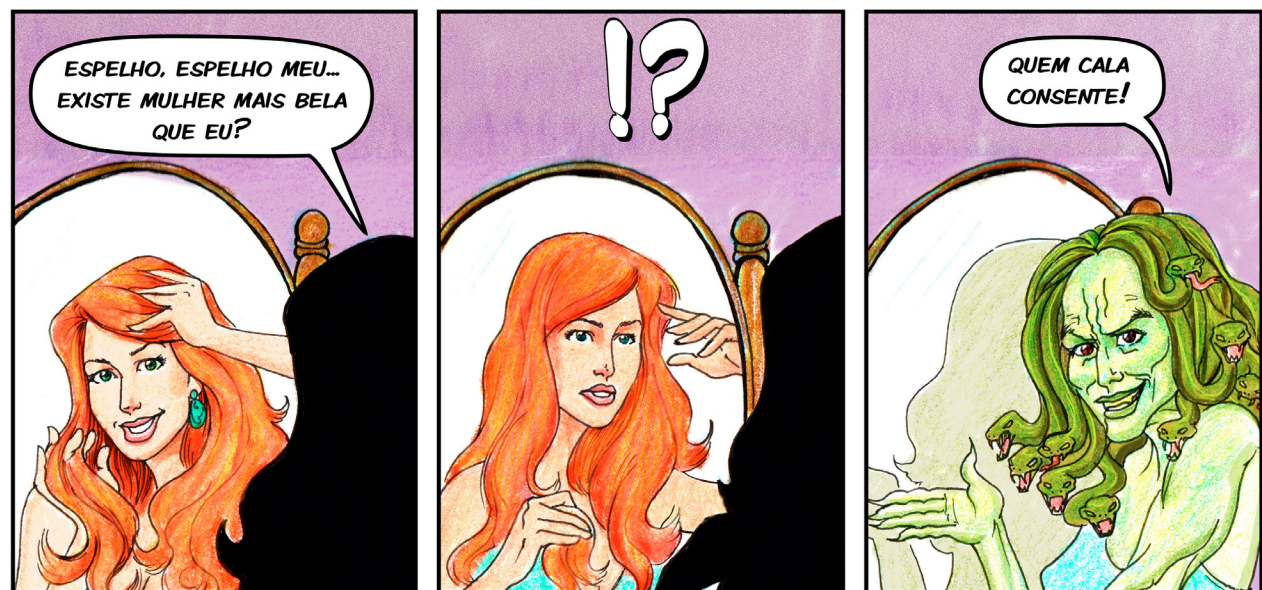
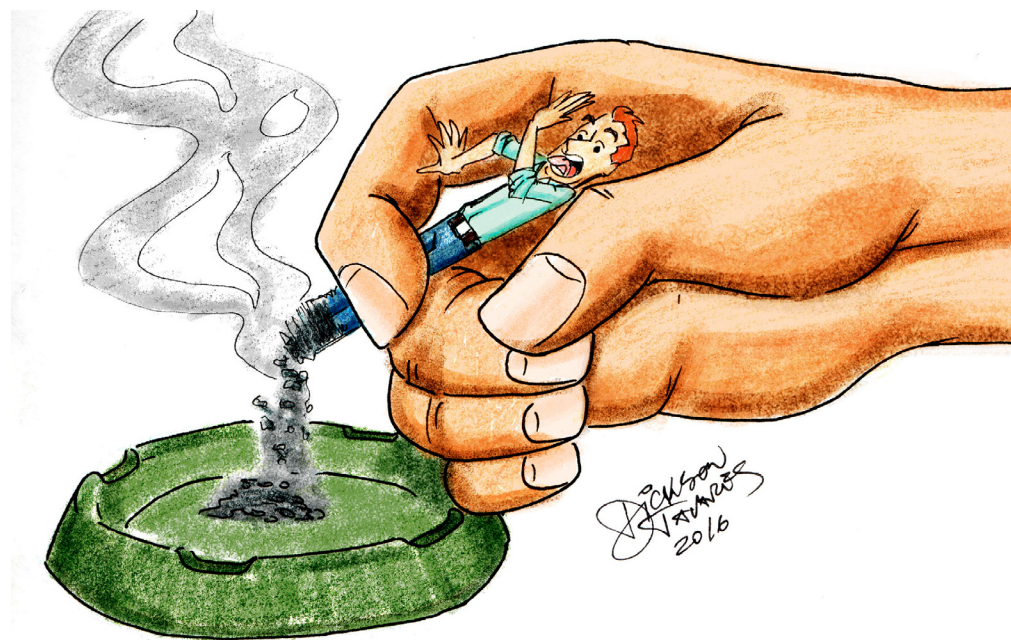
Segundo cse considerarmos a língua numa perspectiva dialógica, os participantes da interação devem ser vistos como atores sociais que constroem os sentidos e as referências e, ao mesmo tempo, são afetados por eles no momento histórico de que participam. Esse caráter, a um só tempo, sociocognitivo e discursivo está, pois, embutido na própria concepção de texto (muito devedora dos estudos seminais de Beaugrande e Dressler, de Halliday & Hassan e de Van Dijk), que inclui as noções de cultura e de processamento mental como duas instâncias constitutivamente interligadas.

Para compreender e produzir qualquer texto, afirma Koch (1997), é necessário mobilizar conhecimentos, não apenas linguísticos mas também todos os outros conhecimentos adquiridos com a convivência social, que nos informam e nos tornam aptos a agir nas diversas situações e eventos da vida cotidiana.

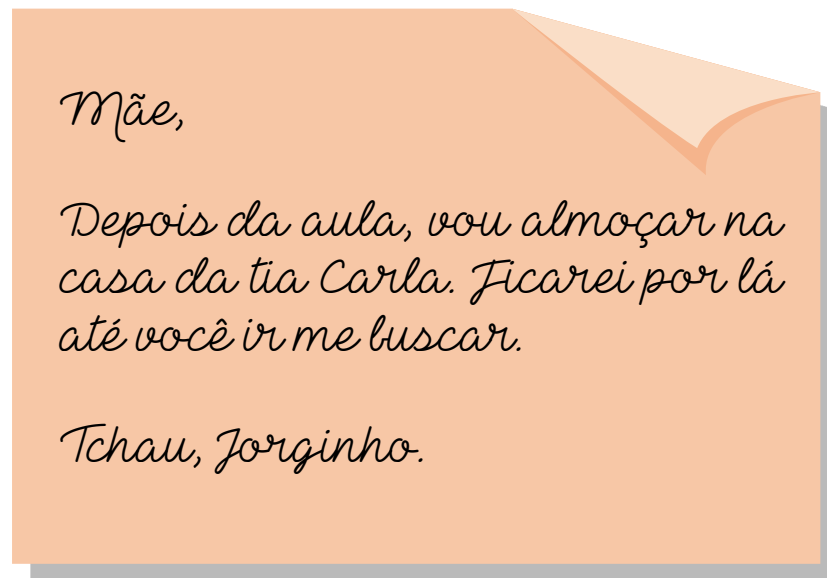
Os exemplos a seguir podem ilustrar como diferentes tipos de conhecimento são convocados simultaneamente no momento da comunicação.

Exemplo 1

Na tira anterior, a referência à "história da cigarra e da formiga" exige do leitor o conhecimento de mundo da fábula de La Fontaine para reconstruir o processo intertextual e entender a razão do humor. De maneira semelhante, a tira cômica a seguir parodia as falas da madrasta no conto infantil "Branca de neve e os sete anões", dos Irmãos Grimm:

Exemplo 2

Exemplo 3

Trata-se aqui de uma metáfora visual em que o "cigarro" é o próprio fumante; ou seja, a imagem do fumante sendo "tragado" e "transformado" em cinzas é uma analogia com o que o cigarro faz no organismo de uma pessoa, o que pode ser inferido a partir do conhecimento de que o fumo é prejudicial à saúde.

Em linguagem verbal, podemos ter uma infinidade de textos: desde um pedido de socorro, ou um bilhete, a sequências maiores que constituem gêneros convencionados, como uma notícia jornalística, um relatório, uma ata, um sermão, ou um romance de mais de seiscentas páginas, ou ainda uma novela, um conto, uma sentença proferida por um juiz etc. Veja-se a seguir um exemplo de bilhete:

Exemplo 4

Mãe,

Depois da aula, vou almoçar na casa da tia Carla. Ficarei por lá até você ir me buscar.

Tchau, Jorginho.

Texto, cotexto e contexto

Podemos dizer que o texto é o produto de uma enunciação situada em um determinado contexto histórico e social. A integração das marcas linguísticas com o cenário social em que o texto se insere favorece a criação da coerência pelos interlocutores, permitindo-nos compreender devidamente um texto.

Podemos concluir, dessa forma, que o texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos sociais. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante.

Assim sendo, a atividade interativa textual não se realiza exclusivamente por meio dos elementos linguísticos presentes na superfície do texto. Por muitos anos, essa era a ideia que se tinha de cotexto — a parte verbal materializada do texto. Estamos propondo que o cotexto abarque não somente elementos linguísticos, mas todas as formas explicitadas na superfície textual e o modo como elas se dispõem e se hierarquizam, o que pode incluir imagens, sons, ou até percepções táteis. Os conhecimentos

compartilhados pelos sujeitos durante a interação, suas práticas comunicativas, sua cultura e sua história comporiam o que chamaríamos de contexto.

O que representaria o cotexto nos dois exemplos seguintes?

Exemplo 5

TRÁFICO DE PESSOAS MIRA MULHERES, CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA EXPLORAÇÃO SEXUAL, DIZ PESQUISA

Fernanda Calgaro

Do UOL, em Brasília 18/10/201316h09. Atualizada18/10/2013 18h43

O Ministério da Justiça divulgou nesta sexta-feira (18) estudo inédito que aponta haver grande incidência de tráfico de pessoas para fins de trabalho escravo nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Pará, Amazonas, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Os dados foram coletados entre os anos de 2002 e 2012 com base em diferentes fontes e pesquisa e entrevistas in loco. No entanto, o estudo não traz dados estatísticos que permitam a comparação entre as regiões.

A justificativa apresentada pelo ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, para a falta de números é que o tráfico de pessoas é um "crime subterrâneo e de difícil detecção" por conta do grande número de pessoas que não o denunciam.

Fonte: Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/últimas-noticias/2013/10/08/trafico-de-pessoas-mira-mulheres-criancas-e-adolescentes-para-exploracao-sexual-diz-pesquisa.htm>. Acesso em: 12 fev. 2014.

(Texto adaptado para utilização exclusiva em sala de aula.)

A noção de cotexto compreende todas as informações expostas na superfície material dessa notícia, que anuncia, desde o título, tratar-se do tráfico de pessoas envolvendo mulheres, crianças e adolescentes levados à exploração sexual. Os dados do cotexto convocam informações do conhecimento partilhado entre os interlocutores e permitem, com isso, a identificação dos tópicos e dos subtópicos.

No texto em foco, o tópico central se manifesta dividido em dois segmentos tópicos inter-relacionados: a divulgação pelo Ministro da Justiça do estudo sobre tráfico de pessoas para fins de trabalho escravo e a falta de dados específicos sobre as regiões. Cada um desses segmentos tópicos

se subdivide em outros, organizados no cotexto, que, no exemplo, se restringe à linguagem verbal.

As informações expressas nesses segmentos não bastam à construção da unidade de coerência de um texto; por isso outros dados contextuais são ativados e reativados na dinâmica da compreensão textual, entrelaçados aos elementos explícitos ou cotextuais.

E o que representaria um dado contextual? Diz respeito a conexões de sentido geradas nas condições de produção de um texto: noções de tempo e lugar, imagens recíprocas e papéis representados pelos interlocutores, relações sociais e reconhecimento do ato comunicativo praticado. Os sentidos contextuais nascem, pois, dessa intersubjetividade (ampla) do discurso, como preconizava Bakhtin (2001).

Não compartilhamos representações estáveis do mundo, e os referentes emergem a cada interação, o que dá à linguagem um caráter sempre dinâmico. O referente de "tráfico humano" não se apresenta da mesma maneira para todos os leitores da notícia anterior, por exemplo. Alguns leitores podem fazer associações imediatas com o tráfico de escravos, outros não. Ou, por deterem a informação de que existe uma definição internacionalmente aceita para "tráfico de pessoas", podem convocar à mente os referentes de violência, abuso de autoridade, venda de órgãos, prostituição, adoção ilegal, ou outros que estejam, por algum motivo, mais salientes no momento da enunciação.

Todos esses implícitos são possibilidades acessíveis no contexto que esse ato comunicativo cria no cenário de uso da notícia. Os sentidos do texto vão sendo transformados a cada instância de uso, por isso, como diz Tomasello (2005), o texto é a unidade de análise por excelência por ser um importante meio de transmissão e organização da cultura.

Atentemos, agora, para o que pode representar o cotexto em um texto não exclusivamente verbal, como nos exemplos que seguem:

Exemplo 6

Uma vez que consideramos como cotexto qualquer elemento explicitado na superfície textual, diremos que, nessa charge, além do cotexto verbal do título composto pela expressão referencial "lençóis maranhenses", temos o cotexto das imagens, quatro delas muito salientes para o contexto que se pretende configurar: a governadora maranhense Roseana Sarney; um corpo ensanguentado; o lençol que o cobre; e a lagosta. Mas, evidentemente, nenhum dado do cotexto, verbal ou não, comporta todos os sentidos necessários à construção da coerência.

Os referentes evocados pelas imagens e pelo título só se atualizam com as informações contextuais de que, no início do ano de 2014, em presídios do Maranhão, dezenas de detentos foram assassinados, três dos quais degolados diante de câmeras de celular. Esse dado se integra à imagem do homem morto, cujo referente se recategoriza em um dos presos assassinados, e do lençol de cobrir o corpo, cujo referente se recategoriza metaforizando o ponto turístico dos Lençóis Maranhenses, que, num processo metonímico, representa o próprio Maranhão. A lagosta pareceria simples componente de um cenário refinado, mas é transformada (recategorizadas) negativamente quando se tem o conhecimento de que, no mesmo período da barbárie dos presídios, a imprensa noticiara que Roseana havia encomendado 80 kg de lagosta, o que acirrou as críticas feitas à gestão da governadora.

Como vemos, assim como os significados se reatualizam, em cenários específicos, a cada ato comunicativo, também os referentes vão evoluindo no texto, em sucessivas desestabilizações e estabilizações.

Em função da importância de se considerar que o sentido de qualquer enunciado está ligado a um contexto e a uma situação interativa de linguagem, nós nos deteremos um pouco mais no exame do que se entende aqui pela noção de texto como elemento de comunicação, sabendo-se que um texto ocupa um lugar no "cenário" social. Para agirem como atores do discurso, os sujeitos tentam demonstrar um mínimo de legitimidade para obter credibilidade perante o seu interlocutor. Como propõe Charaudeau (2008), parte dessa legitimidade deriva da posição social do sujeito e do poder que exerce — ele pode ser o chefe de uma nação ou de uma seção, o comandante de um batalhão ou de uma aeronave etc. Mas só isso não basta: é preciso adquirir também uma credibilidade que deriva de sua capacidade de atuação e de transmissão ao outro de informações fidedignas, avaliadas segundo o grau de pertinência à situação dada.

Por sua vez, o locutor de um texto deve ser capaz, além de argumentar, de também persuadir — atividade que consiste em fazer crer ao outro, isto é, ambos devem participar do universo de crenças (opinião, pensamento) que envolve o campo tanto da racionalidade como da emotividade.

Além disso deve também seduzir, isto é, ser capaz de atrair o outro, uma atividade que consiste em "fazer prazer" ao outro, ou transferir-lhe um estado emocional, capaz de atraí-lo para seu universo de referências.

Finalmente deve incitar o outro, isto é, sugerir atitudes, ações, capazes de gerar outras ações, ou seja, uma atividade que consiste em "fazer agir". Eis que tais técnicas fazem parte do processo da demonstração, da persuasão e também da sedução. Existe, pois, um acordo tácito quanto a um direito à palavra em um mercado social da linguagem, regulamentado por regras específicas ou contratos sociais.

Diante disso, podemos representar o ato de comunicar como uma técnica de encenação, na qual cada um dos parceiros se entrega a um cálculo para colocar em cena uma série de estratégias de sedução e persuasão. Por meio desse cálculo, cada um faz hipóteses sobre a imagem, a identidade e a competência do outro. Por sua vez, a estratégia básica de interação consiste em realizar atos que vão produzir efeitos de persuasão e sedução. Como nunca teremos domínio completo sobre o pensamento, as ações e as reações do outro, ou sobre os efeitos de sentido de nossas realizações textuais, estamos condenados sempre a usar de estratégias, que vão sendo testadas e avaliadas durante toda a interlocução.

Comunicar é utilizar-se sempre de operações linguístico-discursivas, de alguma forma, estratégicas. Qualquer texto, escrito, oral, multimodal, hipertextual, dentro dessa concepção, é o resultado do uso de uma série de processos linguísticos e sociais, a um só tempo.

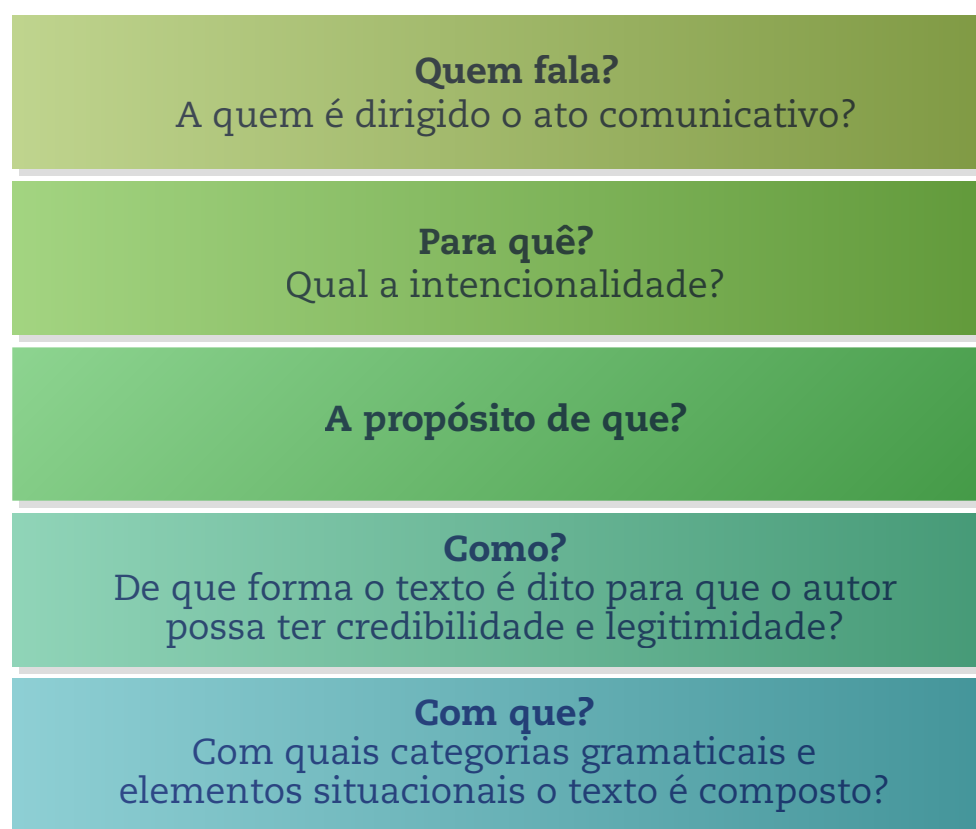
Os textos se arrumam linguisticamente em função dessas estratégias específicas, constituindo-se em modos de organização dos discursos. Cada texto cumpre uma função específica dentro de um contexto sócio-histórico. Aceitando-se esse princípio de que todo texto cumpre uma função, já que é um ato de linguagem em situação, precisamos admitir que, para a sua interpretação, deve-se considerar como fundamental a análise de algumas variáveis importantes, base para o estudo e a análise de estratégias comunicativas adequadas. Citaremos algumas dessas variáveis:

Quem fala?
A quem é dirigido o ato comunicativo?

Para quê?
Qual a intencionalidade?

A propósito de que?

Como?
De que forma o texto é dito para que o autor possa ter credibilidade e legitimidade?

Com que?
Com quais categorias gramaticais e elementos situacionais o texto é composto?

Em relação à disposição da materialidade linguística no texto, temos que considerar que há modos básicos de organização textual, dispostos em sequências que se sucedem no texto. A cada modo corresponde um dispositivo e um objetivo comunicativo/discursivo. Temos três modos básicos: o narrativo, o descritivo e o argumentativo.

Para organizar o texto no modo narrativo, é necessário pensar numa visão dinâmica, de sequenciação cronológica de fatos e ações envolvendo seres protagonistas e antagonistas, agindo numa lógica coerente, e marcada por uma finalidade como, por exemplo, construir um relato ou definir a moral da história:

Exemplo 7

O tigre desta vez não demorou: apenas se achou a quinze passos do inimigo, retraiu-se com a força de elasticidade extraordinária e se atirou como um estilhaço de rocha cortado pelo raio. Foi cair sobre o índio, apoiado nas largas patas de trás, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar sua vítima e os dentes prontos a cortar-lhe a jugular. Mas tinha um inimigo digno pela força e agilidade (...). o índio havia dobrado um pouco os joelhos e segurava na esquerda a larga forquilha, sua única defesa e, no momento em que o tigre se lançou, curvou-se ainda mais e fugindo com o corpo, apresentou o gancho.

Fonte: ALENCAR, José de. O Guarani. 20. ed. São Paulo: Ática, 2010, p. 56.

Um texto no modo descritivo se organiza numa perspectiva estática, em que se propõe reconstruir o mundo de forma descontínua, atendo-se à enumeração de detalhes, de certas aspectualizações do objeto ou do processo:

Exemplo 8

Sou pretinho...

de uma perna só,

uso gorro vermelhinho

e cachimbo de cipó

Faço cada traquinagem

E sou esperto como eu só.

Fonte: ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática. São Paulo: Parábola, 2007. p. 83.

Um texto no modo argumentativo se organiza numa perspectiva dialética, em que, a partir de um tema, o sujeito argumentador apresenta uma tese que endossa algo polêmico sobre o mundo e assume uma posição contra ou a favor, ancorada em argumentos que vão fundamentar seus pontos de vista:

Exemplo 9

"No dia em que as escolas se dessem conta de que estão ensinando aos alunos o que eles já sabem, e que é em grande parte por isso que falta tempo para ensinar o que eles não sabem, poderia ocorrer uma revolução no ensino".

Fonte: POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado das Letras,1996. p. 32.

Texto, textualidade e discurso: coerência e coesão

A coerência de um texto (e, a reboque dela, a coesão) traduz o próprio princípio da tessitura textual, ou seja, da textualidade. Pensada em sentido mais amplo, a coerência tem um duplo funcionamento: ao mesmo tempo em que é uma totalidade na qual todos os elementos formais e funcionais atuam num sistema de relações interdependentes para constituírem uma unidade pragmática de comunicação, é também uma relação contextual com a situação em que o texto foi produzido.

O que dá consistência ao texto é exatamente a coerência, aqui concebida amplamente como um princípio de interpretabilidade, que ultrapassa as conexões abstratas internas e supõe relações sociodiscursivas de produção e de uso.

A coesão é tão somente uma das condições para que a coerência se estabeleça, porque diz respeito à articulação entre construções sintático-semânticas e unidades tópicas do texto. Não deve ser compreendida, portanto, como o mero emprego de elos linguísticos, manifestados explicitamente na imanência do texto. Não negamos o caráter eminentemente relacional dos elementos formais de função coesiva, aqueles que promovem a conexão referencial e/ou sequencial de um texto. Estando presentes na superfície textual e sendo adequadamente utilizados, evidentemente eles ajudam a estabelecer com clareza a continuidade e a progressão do tópico.

Como demonstra a farta literatura sobre o assunto, os elos coesivos referenciais, sobretudo expressões nominais e pronominais, fazem com que se mantenham no texto os temas ou tópicos, os respectivos

subtemas (subtópicos) e os referentes ligados a todos eles. À proporção que se articulam os subtemas e que as coisas referidas no texto vão sendo naturalmente transformadas, isto é, recategorizadas, no jogo de informações novas, velhas e inferíveis para os interlocutores, vai-se construindo a progressão tópica e referencial, esperável em qualquer texto.

Veja o exemplo a seguir, de uma descrição, que vai, aos poucos, retratando o físico de um homem de meia idade, pela aspectualização:

Exemplo 10

"(...) o dr. Lustosa brincava distraído com a corrente do relógio. *Era um homem baixo, de ombros estreitos e caídos. Uma gordura mal distribuída acumulava-se-lhe nos quadris, no ventre e nas bochechas. Quanto ao rosto dava a impressão de um tipo magro e ágil. Os braços, coxas e pernas eram finos. Tinha a pele macilenta e pintalgada de cravos, principalmente na testa, no nariz e no queixo, onde a barba azulava, mais cerrada".*

Fonte: VERÍSSIMO. Érico. O resto é silêncio. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 17, grifos nossos.

Já os elos coesivos sequenciais explicitam a vinculação entre estruturas simples e complexas: coordenadas, subordinadas e correlatas, agregando sentido a elas. Tais elos operam como conectivos (conjunções, preposições, expressões adverbiais e quaisquer outras formas que fazem as vezes desses elementos), os quais podem realizar ligações tanto entre termos dentro de enunciados como entre porções textuais maiores.

O exemplo seguinte denota a sequenciação dos termos e sua coesão:

Exemplo 11

Os antibióticos têm seus defeitos e suas virtudes. Assim como eles podem destruir bactérias indesejáveis, podem também destruir a flora intestinal dos pacientes. Também podem provocar alergias, atacar os rins, perturbar o fígado e a composição do sangue. Por esses motivos, devem ser tomados sob orientação médica, depois de analisados os sintomas específicos.

(redação ilustrativa apenas).

Em vista disso, percebemos a coesão como a articulação de conteúdos, razão por que a consideramos como um dos fatores definidores da coerência, porém não o único. Em linguagem simples, ser coerente implica ser coeso, ainda que a coesão não assegure, sozinha, a unidade de coerência de um texto.

A coerência é um princípio de interpretabilidade, não se abstrai apenas da decodificação de seus elementos linguísticos, mas de uma série de fatores pragmáticos e discursivos inerentes à construção de sentidos. Tais conhecimentos são acionados sempre durante a interação e variam de acordo com cada situação comunicativa.

Se há ou não textos incoerentes é uma questão que divide os linguistas. Pensamos que, em todos os textos, o locutor tenciona se fazer entender de algum modo. Quem se ocuparia em produzir algum texto para não ser compreendido pelos possíveis interlocutores? De acordo com Charolles (1989), há textos incoerentes apenas quando houver inadequação à situação de comunicação, levando em conta propósito comunicativo, objetivos, destinatário, regras socioculturais, outros elementos da situação, uso dos recursos linguísticos etc. Caso contrário, o texto será coerente, ainda que aparente problemas de coerência local.

O seguinte texto anônimo aparenta ser incoerente:

"Subi a porta e fechei as escadas.
Tirei minhas orações e recitei meus sapatos.
Desliguei a cama e deitei-me na luz.
Tudo porque
Ele me deu um beijo de boa noite".

(anônimo)

Os gêneros do discurso

Construir a coerência de um texto evidencia uma relação intrínseca com as determinações do gênero em que ele se enquadra e dos discursos que o atravessam. Os gêneros do discurso são padrões textuais que organizam os atos de comunicação nas práticas discursivas; tais padrões advêm da recorrência com que esses atos comunicativos cumprem determinados propósitos em situações típicas. Os gêneros são fundamentais para que saibamos como participar de uma dada ação social em determinada comunidade (MILLER, 2009). Como observam Schneuwly e Dolz (2004), o gênero funciona como um modelo comum que determina um horizonte de expectativa para os interlocutores. Por isso, como argumenta Bazerman (2000), quanto mais conhecimento temos dessas atividades de

comunicação recorrentes, mais compreendemos como usar os gêneros e mais conseguimos interagir eficazmente nas diversas situações sociais em que transitamos. Vejamos o exemplo seguinte.

Exemplo 12

A charge anterior satiriza a linguagem dos profissionais da área do Direito. A cenografia mostrada é a de um advogado em uma lanchonete; note-se a irritação do atendente diante da linguagem rebuscada usada para fazer um simples pedido. O gênero charge se presta muito bem a críticas sociais. Essa é uma evidência legítima de que o gênero é um modo de ação social. Por meio dos gêneros, é possível entender valores culturais de uma sociedade.

Segundo Swales (1990) apud Bakhtin (1979), os gêneros surgem convencionalmente, ganham certa estabilidade, medeiam as interações e podem, aos poucos, cair em desuso, transformando-se em outros que atendam às finalidades discursivas de um dado momento sociocultural. Para Swales (1990, p. 58, com adaptações), os gêneros representam

> [...] uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso, influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e de estilo.
>
> (SWALLES, 1990, p. 58, [com adaptações]).

Numa perspectiva interacionista sociodiscursiva, afirma que ter consciência dos gêneros do discurso é fundamental para que se possa participar adequadamente das práticas discursivas. Essa ideia, consensual entre os estudiosos, ganha força nas pesquisas de Bazerman (2000, p. 16), para quem os gêneros nos ajudam a reconhecer o próprio cenário social dos atos comunicativos, os papéis dos participantes, o conteúdo que se espera e a relação de tudo isso com nossas vidas.

A relação entre discursos

A noção de discurso tem sido definida de diferentes maneiras; focalizaremos aqui apenas algumas delas. Cada uma percebe a noção de texto por uma ótica diversa. Dentro da abordagem das análises do discurso críticas, o discurso se configura como um conjunto de princípios, de valores e de significados investidos de ideologias para diferentes grupos sociais. Tal abordagem vê o texto como mera realização linguística dos discursos, o que contraria a visão sustentada pela Linguística Textual. Um traço importante das análises de discurso críticas é o pressuposto de que todo discurso é reflexo de um poder hegemônico.

Para outras correntes teóricas, como a análise do discurso sustentada por Maingueneau, o discurso é tomado como práticas discursivas associadas à linguagem e aos posicionamentos ideológicos de um determinado grupo. Por isso supõe um conjunto de regras sócio-históricas, num dado tempo e espaço, as quais estabelecem as condições de comunicação. Pode-se falar, por exemplo, do discurso da Academia, do discurso jurídico, do discurso religioso (evangélico, católico etc.), dentre outros. As condições de produção de um discurso envolvem não só os interlocutores, mas o modo como se posicionam com relação ao assunto de que vão tratar, à imagem que fazem de si e dos outros e ao contexto sócio-histórico do momento em que interagem. É preciso considerar as crenças e os valores sociais da comunidade de que fazem parte os interlocutores.

Para efeito de ilustração, transcrevemos, a seguir, uma análise discursiva de um texto jornalístico elaborada por Brandão (1999):

Exemplo 13

O grande roubo do trem

Rio de Janeiro – O cinema nacional pode ser acusado de crimes hediondos, mas não foi em nenhum filme brasileiro que tomei conhecimento da frase: “Índio só é bom depois de morto”. Antes de descobrir o sexo, façanha que tardou um pouco, o cinema americano gastou suas melhores energias fazendo filmes sobre matança de índios. Só depois daquela comissão do senador MacCarthy foi descoberto novo inimigo para o melhor povo da terra. Antes disso, eram os índios. Contra eles valia tudo, desde missionário pentecostal até opereta de Ruldolph Flynn. Uma rápida visita aos mapas históricos da América explica a formação desse colosso – não havia então nenhuma ONG nem a Greenpeace para reclamarem. As chamadas “13 colônias originais” formavam uma estreita faixa de terra que ia do Maine à Geórgia, na costa atlântica. Aí surgiram os “tratados”, as “anexações” e as “cessões”. A Flórida foi “comprada” em 1819. Outra enorme porção foi “adquirida” e “reconhecida” em 1783: os atuais Estados do Alabama, Mississipi, Illinois, Ohio e outros. Os

Estados centrais (Arkansas, Oklahoma, Kansas, Iowa, as duas Dakotas) foram "comprados" em 1803. A faixa voltada para o Pacífico, segundo expressão textual dos mapas, foi "cedida" pelo México em 1848. E a parte sul do nobre país, ainda segundo os mapas históricos, foi simplesmente "anexada" em 1845. Acontece que todo esse território comprado, adquirido ou anexado era habitado por alguns milhões de peles vermelhas, touros sentados e filhos do trovão que tinham a mania de brincar de índio, de atirar flechas contra as locomotivas que iam levando a mala postal defendida pelo John Wayne sob a direção do John Ford – tudo bem, não se faz história, literatura ou cinema com boas intenções [...]" (Carlos Heitor Cony, Folha de S. Paulo, 26/05/1993, Primeiro Caderno, p. 2).

Nesse texto, o jornalista coloca em confronto duas formações discursivas: a) Uma que é a voz da história oficial dos Estados Unidos. Essa voz vem citada nas expressões entre aspas: "13 colônias originais", "tratados", "anexações", "cessões", "comprada", "adquirida", "reconhecida" ... b) Outra que, ao pôr entre aspas essas expressões, mostra distância em relação a essa voz da história oficial. Isto é, o discurso do jornalista não se identifica com essa voz oficial e a crítica. A voz oficial dá a versão de que a expansão territorial dos Estados Unidos foi feita por meios legais, pacíficos, enquanto que essa voz crítica mostra (sem o dizer claramente) que essa expansão se deu por métodos violentos, matando os indígenas, invadindo e conquistando seus territórios, tratando-os como inimigos e seres do mal (como está retratado nos filmes de faroeste). Há, portanto, nesse texto duas formações discursivas que se opõem: a formação discursiva da história oficial que leva em conta a perspectiva, o ponto de vista do dominador e a formação discursiva da história real que trata os fatos da perspectiva do dominado.

Fonte: Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1>. Acesso em: 22 abr. 2014.

Texto e discurso

Texto não é discurso, mas um não se define sem o outro

Uma análise textual não deixa de considerar a situação enunciativa mais ampla, mas também não tem por objetivo explicar as práticas sociais incrustradas nos discursos. O que comporta uma análise do texto? Elaborar uma definição precisa de texto não é uma tarefa sem riscos. O primeiro é pensar-se em texto apenas como um objeto material, uma superfície linear na qual os sentidos se acham organizados — neste caso, nada sobraria para o texto como construção teórica e, além disso, seriam depositadas na noção de discurso todas as demais propriedades atinentes a aspectos enunciativos (pragmáticos, em sentido estrito) e a aspectos socioculturais ligados às condições de produção do (inter) discurso.

O segundo risco é, ao pressupor uma separação radical entre texto e discurso e ao admitir a noção de texto como construto teórico, considerá-lo somente como a representação, evidentemente abstrata, de sua textualidade (ou tessitura, ou ainda textura). Foi ao abrigo dessa perspectiva que se propuseram as noções fundamentais da Linguística Textual em seus primeiros desenvolvimentos. Por esse prisma, dois grandes parâmetros assegurariam a textualidade, ambos orientados por um princípio de dependência semântica: a coerência e a coesão. Halliday e Hasan (1976), por exemplo, descreveram detalhadamente os recursos linguísticos que poderiam conferir textura ao texto, de modo que, por meio deles, seria possível diferenciá-lo de um não texto, isto é, de uma mera sequência de enunciados. Estabelecer a tessitura de um texto é, para os autores, cumprir uma das funções que comporiam o sistema linguístico: a função textual.

Ainda que tencionando contemplar a análise do contexto pragmático e, por vezes, do processamento cognitivo, o texto se pautava por uma excessiva dependência semântica. Por isso, a propalada separação entre coesão e coerência parecia residir no nível de análise em que poderiam incidir as relações semânticas. Dessa maneira, a coerência seria avaliada pela unidade de sentido do texto como um todo, ou, para usar os termos de Van Dijk na época (1984), pelo seu conteúdo macroestrutural, em que se configuraria a coerência global do texto. A coesão, por outro lado, parecia cingir-se às relações semânticas que se estabeleceriam entre proposições expressas por orações, ou entre sequências de proposições, as chamadas macroproposições. Tratava-se de um fenômeno que, como bem delineou Koch (1989), operava em dois mecanismos coesivos: o da sequenciação e o da referenciação.

Com efeito, segundo Koch, fundado em Beaugrande e Dressler (1981), o conceito de coesão textual dizia respeito a todos os "processos de sequenciação que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual" (VILELA; KOCH, 2001, p. 467) e a todos os processos que tinham por função remeter a outras entidades manifestadas no texto, cumprindo uma função coesiva referencial.

O fragmento seguinte destaca essa função coesiva, por exemplo, na junção dos traços físicos do personagem com os traços de seu caráter para construção do perfil de "um velhaco":

Exemplo 14

"Figure o leitor um homenzinho nascido em dias de maio, de pouco mais de trinta e cinco anos de idade, magro, narigudo, de olhar vivo e penetrante. Se os sinais físicos não falham, quanto ao moral, via-se-lhe logo: quem olhasse a cara do Senhor José Manuel assinalava-lhe um lugar distinto na família dos velhacos de quilate. Se tinha ele alguma virtude era a de não enganar pela cara".

Fonte: ALMEIDA, Manuel A. de. Memórias de um sargento de milícias. Disponível em:<http://www.sinergia-spe.net/editoraeletronica/autor/023/02300100_5.htm>. Acesso em: 28 abr. 2016.

Vê-se que, do modo como foram concebidas nesses estudos, essas ligações de sentido terminam muito vinculadas a manifestações formais dos elos coesivos e se efetuam num nível mais local. Não deixam de representar um tipo de coerência, razão por que van Dijk, mesmo sem especificá-las, chamou-as de coerência linear. Essas noções principalmente semânticas que dão forma e conformidade ao texto perduraram por um longo período de tempo e permanecem até hoje em alguns manuais didáticos de ensino fundamental e médio, encapsulados, muitas vezes, em conceitos supersimplificados e gerais de coesão e coerência.

No decorrer dos estudos em Linguística Textual, o que se modificou profundamente não foi a visão de texto como unidade de análise, para a qual se deve, necessariamente, considerar sua composição, sua "tessitura", mas a extensão dos contextos efetivamente integrados à análise — englobando cotexto verbal e não verbal, situação enunciativa, condições socioculturais, conhecimentos compartilhados, papel dos enunciadores etc.

Um direcionamento mais sociocognitivo foi dado, já em 1981, por Beaugrande e Dressler, que influenciaram sobremaneira os estudos de Linguística Textual no Brasil nesse momento, como os de Koch, Marcuschi e Costa Val, para citar apenas alguns. Dos sete fatores de textualidade apontados por Beaugrande e Dressler, dois estariam ligados à substância linguístico-conceitual de um texto: a coesão e a coerência; e os outros cinco se relacionariam a aspectos pragmáticos, a saber: a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade.

Relacionando-se diretamente aos atores do ato de comunicação, a intencionalidade e a aceitabilidade, sem dúvida, cumprem um papel primordial nessa tarefa de produzir um texto com propósitos particulares, que surtam um certo efeito no receptor. Além do que, é no bojo dessa negociação que se avaliam os demais critérios de situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Como afirmam Indursky e Ferreira (2006, p. 50):

Como é possível perceber, em que pese o desejo dos autores de que estes sete critérios sejam interdependentes, fica claro que há uma diferença qualitativa bastante forte entre eles, em decorrência da qual fica estabelecida uma certa hierarquia entre estes diferentes critérios que pretendem dar conta do texto. Diria que, dos dois primeiros critérios, de natureza semântico-formal, decorrem as qualidades propriamente ditas do texto que são fundantes de sua textualidade. Estes são, de fato, os fatores essenciais para refletir sobre o texto, neste quadro teórico. No momento que se passa dos critérios semântico-formais aos critérios pragmáticos, inicia-se uma espécie de escala descendente de importância que marca que nem todos os critérios pragmáticos têm a mesma importância e a ordem pela qual estes critérios foram sendo enumerados não é aleatória.

Frisando que a intencionalidade e a aceitabilidade promovem a passagem do que era entendido como "lado interno" para o "lado externo" do texto, Indursky e Ferreira acrescentam que, pelo critério da situacionalidade, o interlocutor avalia a relevância do texto para o contexto específico em que o texto está inserido; que, pela informatividade, ele pondera sobre o volume de informação nova contida no texto; e que, pela intertextualidade, ele vai relacionar um texto com outros. Vejamos os exemplos:

Exemplo 15

A charge retoma o conto de fadas "Branca de Neve e os sete anões", acrescentando-lhe uma nova situação pelo lado irônico – a chegada da modernidade em pleno século XIX e, junto com ela, a ditadura das dietas, que alcançou até mesmo a Branca de Neve, na figura do "lanchinho low carbô" (a maçã, que não é mais envenenada; ao contrário, é saudável devido à baixa porcentagem de carboidratos) e das hashtags "#firmenadieta" e "#vidasemglutem", tudo emoldurado em uma selfie.

Exemplo 16

A relação é com o conto infantil "Os três porquinhos", que são proibidos de edificar suas casas. Novamente é exigida do interpretante a informação relativa ao contexto do conto e da situação atual de proibição de desmatamento em área ambiental protegida pelo Ibama.

Nas últimas décadas, cada vez mais, os fatores pragmáticos e discursivos foram se integrando ao núcleo duro coesão-coerência e vêm, assim, conquistando cada vez mais destaque nas análises do texto, pois são, na verdade, constitutivos dele. Assim, vem-se admitindo a ideia de que aspectos linguísticos e "extralinguísticos" estão muito naturalmente imbricados e de que não cabe falar de mecanismos puramente linguísticos da trama textual. Os aspectos cognitivo-pragmático-discursivos são, necessariamente, convocados para a análise do texto.

Portanto, a coesão não se encerra no emprego de elos, e, assim sendo, não cabe perguntar "se há texto sem coesão", pois que, havendo coerência, linear e global, necessariamente há também coesão. Mas é possível, sim, falar-se de coesão-coerência sem o uso de elos coesivos, ainda que a ausência deles, dependendo do gênero, possa dificultar a reconstrução da coerência pelo interlocutor.

Também a noção de intertextualidade não pode se reduzir a um dos critérios que asseguram a tessitura textual, ao lado da intencionalidade, da aceitabilidade, da informatividade e da situacionalidade. Nenhum desses fatores se restringe a "condições extralinguísticas" que pesam sobre decisões semântico-estruturais. A intertextualidade toca ao fato de todo texto se construir a partir de formas e de conteúdos de outros textos e de deixar marcas que evidenciem esse diálogo entre textos. Vejamos um exemplo:

Exemplo 17

Sendo uma charge, o exemplo anterior tem o propósito (a intencionalidade) de criticar uma prática social, criando um efeito de humor: as instituições de ensino que costumam usar como publicidade o desempenho de seus alunos em seleções e concursos. Muitas delas, visando ao lucro, anunciam falsos resultados como estratégia de persuasão, a fim de aumentar a aceitabilidade do que dizem. Para ridicularizar esse tipo de ação social, o chargista põe em cartaz uma frase absurda: "22 alunos entre os dez primeiros colocados".

A concepção de texto ultrapassa, portanto, a visão de construto teórico definido apenas por uma unidade estrutural coesa e coerente, na medida em que os sentidos de um texto integram as trilhas da superfície textual às condições socioculturais em que se dá o ato comunicativo e aos processos sociocognitivos que se estabelecem entre os interlocutores.

A unidade textual, apenas aparentemente fechada, reflete uma heterogeneidade constitutiva. Assim como o domínio e controle do eu sobre seu próprio dizer é somente uma ilusão necessária, também a ideia de texto como unidade acabada não passa de um efeito simbólico, mas necessário. É como se, ao mencionar o texto, nas diferentes investigações do texto e do discurso, estivéssemos sempre diante de um termo polissêmico, ressignificado e recategorizado de acordo com cada perspectiva teórica. Mas, em meio a essa dispersão referencial, fundada pelas várias inscrições teóricas, sobrevive uma constante até hoje irrevogável: a noção de texto como unidade de análise que exorbita os limites da frase (do enunciado, em sentido estrito) e que acontece num ato de comunicação interativa com começo, meio e fim.

Muitas vezes, como estamos vendo, a interpretação do significado de um fragmento de texto é decorrência da situação em que se processa o ato comunicativo:

Exemplo 18

Em certa ocasião, uma família inglesa foi passar férias na Alemanha.

Numa pequena cidade, repararam em uma casa de campo que lhes pareceu boa para passar as férias de verão. Falaram com o proprietário, um pastor protestante, e pediram que lhes mostrasse a casa. Deixaram o aviso de que voltariam no próximo verão.

Uma vez na Inglaterra, discutindo acerca da planta da casa, a senhora se lembrou de não ter visto o "WC". Escreveram imediatamente ao pastor para obter tal pormenor.

A carta foi escrita assim:

Gentil Pastor:

Sou membro da família que há pouco o visitou a fim de alugar sua propriedade no próximo verão. Mas, como nos esquecemos de um detalhe, muito agradeceríamos se nos informasse onde se encontra o "WC"...

Julgando o pastor tratar-se da capela da seita inglesa "White Chapel", respondeu assim:

Gentil Senhora:

Recebi sua carta e tenho o prazer de comunicar-lhe que o local a que se refere fica a doze quilômetros da casa. E isto é muito cômodo, sobretudo se tem o hábito de ir frequentemente; nesse caso, é preferível levar comida para ficar o dia todo. Alguns vão a pé, outros de bicicleta. Há lugar para 400 pessoas sentadas e 100 em pé. O ar é condicionado para evitar inconveniências de aglomerações. Os assentos são de veludo e recomenda-se chegar cedo para pegar lugar sentado.

As crianças sentam-se ao lado dos adultos e todos cantam em coro. Na entrada, é fornecida uma folha de papel para cada pessoa, mas, se alguém chegar depois da distribuição, pode usar a folha do vizinho do lado. Tal folha deverá ser restituída para ser usada todo mês. Existem também amplificadores de som. Tudo é recolhido para as crianças pobres da região. Fotógrafos especiais tiram fotos para os jornais da cidade de modo que todos possam ver seus semelhantes no cumprimento de um dever tão humano.

Atenciosamente, Fulano.

Autor Anônimo

Fonte: Disponível em: <http://www.reocities.com/Heartland/Flats/8055/w hitechapel.html>. Acesso em: 22 abr. 2014.

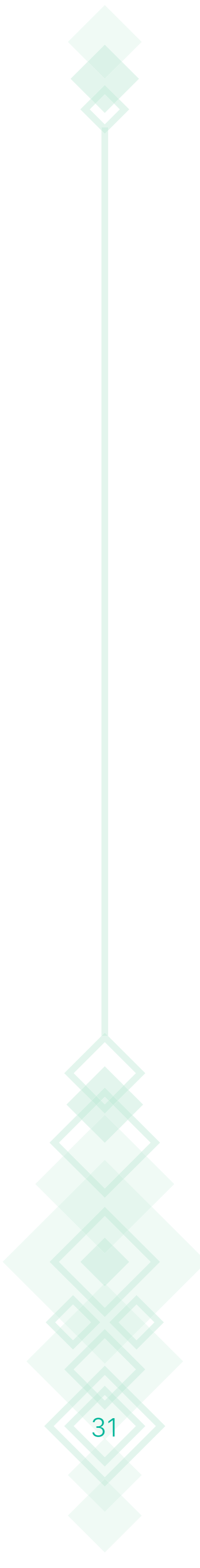
O humor do texto é construído a partir do mal-entendido com relação à sigla WC, comumente usada para banheiros em locais públicos. O próprio "lócus" onde o texto está situado, o site que o veicula e os aspectos da organização textual que promovem a quebra de expectativa são fatores contextuais que indicam ao leitor tratar-se de uma piada.

Dessa forma, somente por meio do desvendamento das estratégias utilizadas em determinadas situações é que se pode chegar ao significado contextualizado, ou aos efeitos de sentido no texto. Acrescente-se ainda que o texto constrói significados por eliminação de possibilidades, que só a situação/contexto pode instruir a reconstruir.

Interpretação e intenção comunicativa

Após essas considerações, pode-se questionar se há essa possibilidade de se estabelecerem critérios objetivos para a efetivação de uma interação discursiva, com certa probabilidade de identificar o(s) sentido(s). Vamos verificar, a seguir, alguns princípios gerais que, segundo Charaudeau (2006), devem ser observados para que haja a garantia do reconhecimento de uma intenção comunicativa, presente em um texto. São eles os princípios da interação, da influência, da regulação e da pertinência.

Segundo o princípio da interação, os parceiros estão ligados por um "contrato de comunicação" que os intima ao reconhecimento e à aceitação recíproca de seus papéis comunicativos; logo, tanto o emissor quanto o receptor devem estar conscientes de seu papel e agir de acordo com ele.

O princípio da influência predica que cada um dos parceiros procura sempre influenciar e modificar o comportamento do outro, buscando formas de se conseguir sua adesão às teses apresentadas, nos textos, segundo as leis gerais argumentativas e persuasivas.

O princípio da regulação exige a obediência às regras gerais do funcionamento da linguagem. Tal princípio coloca os parceiros em "luta" pela construção de seus papéis e pelo reconhecimento e aceitação das condições linguísticas e sociais em que se processa a comunicação. Como consequência do embate entre eles, pode haver:

(a) recusa ou desvalorização de um dos parceiros, ou um desrespeito ao direito de fala do outro;

(b) pleno reconhecimento e aceitação da dinâmica do diálogo, que exigem a obediência às normas, linguísticas e sociais, à troca de turno, à aceitação das imagens criadas e propostas pelos interlocutores etc., ou seja, às condições necessárias para que se processe a interação.

Finalmente o princípio da pertinência fundamenta a recorrência a um saber comum partilhado, a obediência a um projeto de fala do emissor e o reconhecimento pelo interlocutor de uma intenção comunicativa que deve estar concretizada nas estratégias utilizadas.

Focalizando-se o texto como uma interação de estratégias, em que cada um deve reconhecer o papel do outro – não há locutor sem interlocutor e vice-versa –, podemos concluir que o contrato de comunicação textual exige negociação, cumplicidade, por isso produzem-se sempre diversos sinais de intercâmbio, como perguntas e respostas, repetições, por exemplo, cuja finalidade é a captação das intenções do emissor pelo interlocutor. Tais sinais devem ser reconhecidos e aceitos como parte do jogo de comunicação.

Em cada interação, no entanto, é preciso que se diga, não há transparência total entre a linguagem utilizada e a realidade, pois na construção discursiva tudo tem que ser reconstruído pelos recursos linguísticos para haver a comunicação. Por sua vez, diz-se muito mais do que se pretende quando se enuncia, não se pode ignorar que há os implícitos, pressupostos e subentendidos, os sentidos derivados que escapam ao emissor o qual, por sua vez, não é o dono absoluto dos efeitos de sentido que vai produzir no outro, nem pode dominá-los integralmente.

Há uma ideia generalizada de que o Tu representa uma ameaça para o Eu; na verdade, não se pode esquecer que é o próprio ato de comunicação como um ritual, que se impõe, talvez até como uma ameaça, aos dois interlocutores, a ponto de se poder afirmar que comunicar é sempre lançar-se em uma aventura. Daí ser comum em uma interação, quer escrita, quer oral, o uso contínuo do recurso das reiterações, das explicações, das retomadas, do uso de ênfase, ou do recurso de hesitações e autocorreções, feitas tanto pelo emissor quanto pelo interlocutor, que estão dando prova do respeito às regras da interação textual.

O reconhecimento recíproco dos papéis discursivos e do direito à palavra é também um fator importante a ser considerado, uma vez que também os papéis sociais são reconstruídos no momento da interação, e prova disso é o recurso às formas de tratamento, aos códigos de polidez, aos rituais de abordagem inerentes ao comportamento social, que devem ser respeitados por ambos. Um senhor mais velho deve ser tratado com respeito pelo mais jovem, assim como há tratamentos especiais para pessoas hierarquicamente superiores, como chefes, professores, por exemplo.

Um dos principais fatores responsáveis pela realização do ato comunicativo por meio de textos é a aceitação do projeto de fala do Eu, ou seja, o interpretante precisa reconhecer que seu interlocutor tem um propósito que o torna digno de ser escutado. O direito à palavra e a implicação disso, portanto, constituem o próprio fundamento da relação interativa que se apoia em três condições: o reconhecimento do saber do falante (baseado nas verdades e crenças), do poder de falar (legitimidade da palavra) e do saber fazer (credibilidade) do sujeito.

Em contrapartida, a atenção à intertextualidade e a um conjunto de crenças partilhadas também é um fator preponderante para que se processe um ato de linguagem. Ninguém pode referir-se a um universo totalmente novo e desconhecido para seu interlocutor, pois há um saber preexistente, que é comum aos interlocutores e deve aflorar na interação, sob pena de se ficar falando sozinho e/ou ser desqualificado como interlocutor. Todo falar processado pelos textos deve assim estar ligado a um domínio do saber partilhado, a cujos limites o sujeito emissor deve se restringir.

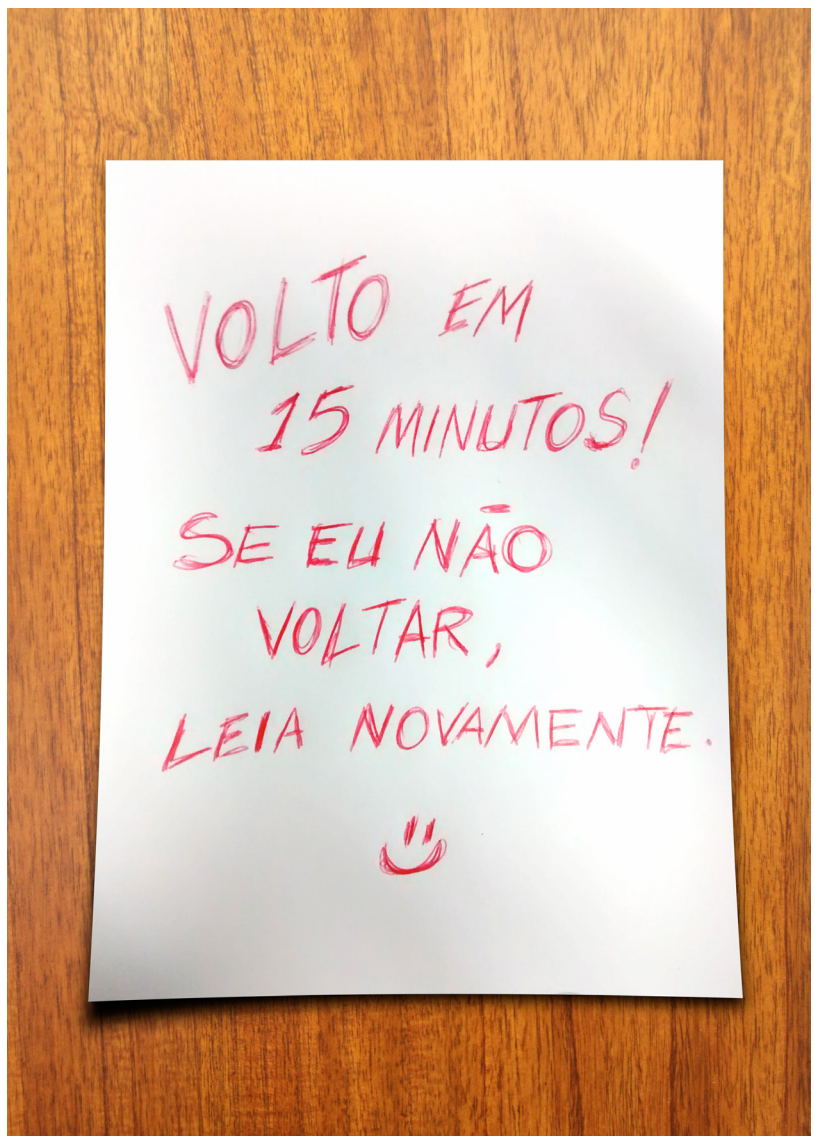
Sugestões de atividades

Neste item, sugerimos algumas atividades que podem ser aplicadas em sala de aula para levar o aluno a reconstruir a coerência textual. Para cada texto, foram elaboradas apenas algumas questões iniciais; compete ao professor dar continuidade a elas, explorando os indícios que o texto oferece para a geração de sentidos.

Atividade 1

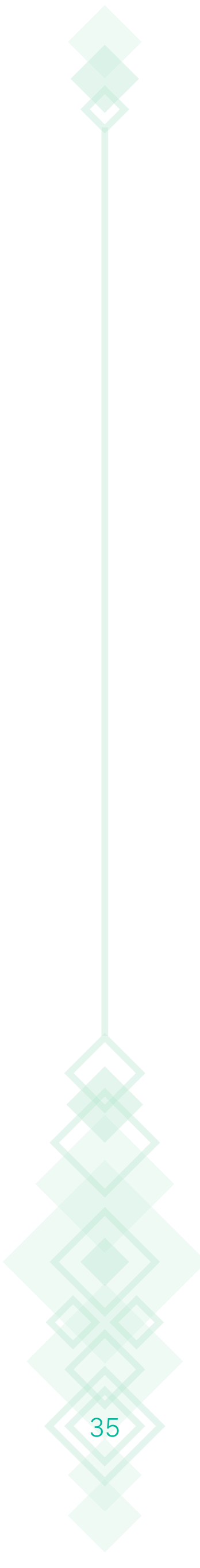
Objetivo: refletir sobre o entrecruzamento dos tipos de conhecimento na compreensão do texto para levar o aluno à construção do sentido.

Com base no que foi visto até o momento, discuta com seus colegas que tipos de conhecimento são necessários para que se compreenda o humor no texto a seguir:

Não vamos apresentar uma resposta única, mas apenas lembrar que a atividade sugere levar-se em conta as noções de conhecimento de mundo e a situação comunicativa que são responsáveis pela instauração da coerência do texto, já que toda vez que a pessoa ler o aviso, novos quinze minutos deverão ser contados.

Atividade 2

Objetivo: ajudar o aluno a entender que é nas entrelinhas, decifradas com os conhecimentos que trazemos, que se constroem os sentidos do texto, o que as torna essenciais no processo de compreensão textual.

Leia o texto na página seguinte e responda ao que se pede.

Depois
Marisa Monte
Compositor: Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, Marisa Monte

Depois de sonhar tantos anos
De fazer tantos planos
De um futuro pra nós
Depois de tantos desenganos
Nós nos abandonamos como tantos casais
Quero que você seja feliz
Hei de ser feliz também

Depois de varar madrugada
Esperando por nada
De arrastar-me no chão
Em vão
Tu viraste-me as costas
Não me deu as respostas
Que eu preciso escutar
Quero que você seja melhor
Hei de ser melhor também

Nós dois
Já tivemos momentos
Mas passou nosso tempo
Não podemos negar
Foi bom
Nós fizemos história
Pra ficar na memória
E nos acompanhar
Quero que você viva sem mim
Eu vou conseguir também

Depois de aceitarmos os fatos
Vou trocar seus retratos pelos de um outro alguém
Meu bem
Vamos ter liberdade
Para amar à vontade
Sem trair mais ninguém
Quero que você seja feliz
Hei de ser feliz também
Depois

Fonte: Disponível em: <www.marisamonte.com.br/pt/musica/o-que-voce-quer-saber.../depois>. Acesso em: 12 jan. 2016.

a) A que se refere o termo "depois", que intitula a canção? Relacione o termo "depois" a trechos da canção que tenham ajudado você a entender a que se refere o "depois".

b) Pelo final da canção, é possível inferir que, "agora", o locutor não está feliz? Indique os trechos que favorecem essa inferência.

Resposta: O primeiro "depois" do título refere-se à situação do(a) amante após a separação; o segundo já se refere à fase da aceitação do fato, quando, então cada um talvez possa ser feliz.

No final da canção, após a aceitação, há a promessa de que poderão ser felizes, refazendo suas vidas.

Atividade 3

Objetivo: Levar o aluno à percepção de trechos incoerentes presentes nos textos.

Leia, atentamente, a redação a seguir, que teve como tema "Viver em rede no século XXI: entre o público e o privado", para responder às questões propostas:

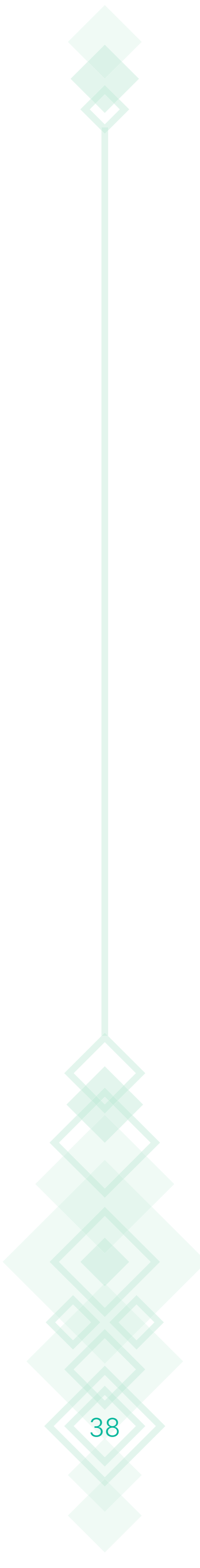
1 Como saber o que é público e privado nas redes sociais? esse é
2 um dos cuidados que devemos tomar.
3 O proprio nome já diz tudo, redes sociais, varias pessoas tem
4 acesso a o que publicamos. temos visto o acesso a internet crescer
5 em grande escala e com ele o grande numero de usuários,
6 tornando assim as redes mais anplas dentro da sociedade.
7 Existem vários sites que nos proporcionam publicar fatos que
8 ocorrem com nós no dia a dia, cabendo assim a nós saber o que
9 expor ao meio publico ou não.
10 Pois apartir do momento, que colocamos nossa vida na rede,
11 nos tornamos totalmente responsaveis pelo que irá ocorrer
12 depois, uma palavra mal colocada pode ocasionar um grande
13 mal entendido entre os usuários do site.
14 Viver nas redes sociais é um desafio diário, devemos está nos
15 atualizando, pois cada dia que passa surgem novas regras,
16 facilitando assim sabermos o qué é publico e privado.

(1) Com base no conceito de coerência estudado, aponte a parte em que há quebra de sentido e explique por que isso ocorre.

(2) Explique o que o autor do texto poderia ter feito para resolver os problemas de coerência que o texto apresenta.

Atividade 4

Objetivo: Levar o aluno a perceber os recursos argumentativos que disfarçam o posicionamento do locutor/enunciador.

Leia atentamente o texto a seguir e responda às perguntas:

Um arriscado esporte nacional

Os leigos sempre se medicaram por conta própria, já que de médico e louco todos temos um pouco, mas ***esse problema*** *jamais adquiriu contornos tão preocupantes no Brasil como ocorre atualmente. Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional. Cerca de 40% das vendas realizadas pelas farmácias nas metrópoles brasileiras destinam-se àquelas pessoas que se automedicam. A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda "livre" de seus produtos – isto é, das vendas realizadas sem que se apresente receita médica.*

Diante desse quadro*, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio, sem que, necessariamente, faça junto com essas advertências uma sugestão para que os entusiastas da automedicação passem a gastar mais dinheiro em consultas médicas. Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura e fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas "novas" ou simplesmente para tentar manter a juventude. Embora as causas variem, os resultados sempre são danosos.*

É comum, ***por exemplo,*** *que um simples resfriado ou uma gripe banal leve um brasileiro a ingerir doses insuficientes ou inadequadas de antibióticos fortíssimos, reservados para infecções graves e com indicação precisa. Quem age assim está ensinando bactérias a se tornarem resistentes aos antibióticos. Um dia, quando realmente precisar do remédio, este não funcionará. E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega à farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz? Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C e produtos aromáticos – tudo isso sem saber dos riscos que está correndo pela entrada súbita desses produtos na sua circulação.*

Fonte: MEDEIROS, Geraldo. *Revista Veja*, 18 dez. 1985, p. 78.

1. A que se refere a expressão “esse problema”? Qual a importância de empregar “esse problema” e não uma outra expressão genérica, como “esse fato” ou “isso”?

2. Assim como “esse problema”, a expressão “desse quadro” resume uma série de informações no texto. Explicite o que está sendo resumido (encapsulado) por “desse quadro”.

3. Diferentemente dos casos anteriores, a expressão “por exemplo” não remete a coisas ditas anteriormente no texto. Trata-se, pois, não de um elo coesivo referencial, mas de um tipo de elo coesivo sequencial, que apenas liga segmentos do texto por meio de uma relação de sentido. Diga que partes do texto tal expressão está ligando e qual a importância dela para os trechos que ela articula.

Sugestão de respostas:

O Autor do texto faz uma avaliação da situação, por isso se posiciona com a escolha do léxico “esse problema”, ele não se posiciona como neutro, mas avaliador da situação.

O termo “esse quadro” é resumitivo de tudo que foi dito antes no texto: *a venda de medicamentos sem receita médica.*

O terceiro parágrafo vai exemplificar o comportamento de risco de grande parte dos brasileiros, tema do texto; ele retoma o segundo parágrafo, mas com exemplificação.

Atividade 5

Objetivo: Instigar o aluno a discutir as pistas do contexto que permitem inferências e colaboram para a construção da coerência.

Diante do seguinte texto humorístico, vemos que muitos elementos do contexto são responsáveis pelo reconhecimento da coerência da piada. Observe que muitos sentidos não são ditos explicitamente:

Mulher de banhista chega em casa e encontra o marido beijando outra mulher no sofá da sala.

– O que é isso?!, pergunta.

– Treinamento de respiração boca a boca, querida, responde o marido.

– Quantas vezes já lhe disse para não trazer trabalho pra casa?

1. A que se refere a expressão "trabalho" no final da piada? Em que partes do texto você se ancorou para responder isso?

2. Qual o sentido humorístico desse texto? O que faz provocar o riso?

3. Que imagem da mulher é construída pela piada? Essa imagem condiz com a imagem da mulher em nossa sociedade?

Sugestão de resposta:

"Trabalho" refere-se à atuação do marido, que é salva-vidas.

O sentido humorístico advém da situação inusitada, provocada pela resposta do marido, a que a mulher não reagiu, aceitando-a como se fosse normal.

Passa a imagem de uma mulher inocente, que não desconfia do marido, coisa que é impossível se o caso fosse na vida real, mas como o texto se configura como uma "piada" tende-se a aceitar essa imagem.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

______. Jean-Michel. **Les textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992.

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2009.

______. I. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, M. **Maxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2001.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2000.

______. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.

BEAUGRANDE, R. A. **New foundations for a science of text and discourse**. Norwood: Ablex, 1997.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

CAMPOS, P. M. **De um caderno cinzento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARNEIRO, A. D. **Texto em construção**. São Paulo: Moderna, 1990.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

______. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, A. D. (Org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-44.

______. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. (Org.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 11-30.

______. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudos das práticas pedagógicas. In: GALVES, C. et al. **O texto**: leitura e escrita. Campinas: Pontes, 1988.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague/Paris: Mouton, 1957.

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. S. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2002.

GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Org.). **O texto**: escrita e leitura. Campinas: Pontes, 1988. p. 39-85.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: ______. (Org.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 39-46.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Campinas: Pontes, 2006.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

______. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.

______. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

______. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. v. 3. p. 251-300.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

______. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 2011.

LAKOFF, G. Linguistic gestalts. **Chicago Liguistic Society**, v. 13, p. 236-287, 1977.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Londres: The University of Chicago Press, 1980.

LINS, M. da P. P.; GONÇALVES, L. S. **O humor como discurso de prevenção**: o cartum sob a ótica da pragmática. Vitória: UFES, 2013.

LYONS, J. **Linguagem e linguística:** uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. Recife: EDUFPE, 1983.

______. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER, C. Gênero como ação social. In:______. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: EDUFPE, 2009. p. 21-44.

PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PAULIUKONIS, M. A. L. **Processos de discursivização:** da língua ao discurso. Veredas. Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 89-96, 2001.

PAULIUKONIS, M. A. L.; SANTOS, L. Werneck dos. (Orgs.) **Estratégias de leitura**: texto e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

REDDY, M. (1979). The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Org.). **Metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 164-201.

ROSCH, E. H. et al. Basic objects in natural categories. **Cognitive Psychology**, v. 8, p. 382-439, 1976.

SANTAELLA, L. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, I. (Org.). **[Re] discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 47-72.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, A. F. da. **Um estudo da realização da sequência narrativa no gênero notícia**. 2007. 79 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: english in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAN DIJK, T. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1994.

______. **La ciencia del texto**: um enfoque interdisciplinario. Barcelona/ Buenos Aires: Edicionaes Paidós, 1978.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

WACHOWICZ, T. C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. Curitiba: Ibpex, 2010. v. 1.

WERNECK, L. dos S. et al. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2011.

Modos de organização textual

Palavras iniciais

Existe uma infinidade de classificações de textos nos vários domínios do saber — literários, didáticos, midiáticos, científicos, humorísticos, publicitários — que se subdividem em categorias de gêneros reconhecidos socialmente pela função social que cumprem: notícias, reportagens, receitas, poemas, romance contos, receitas, artigos científicos, entre muitos outros. Qualquer texto se enquadra em um dado gênero do discurso, que pode ser descrito por diferentes parâmetros, tais como propósito comunicativo, *locus* em que é veiculado, formato superestrutural, funções sociais que cumpre e interlocutores que participam da interação. Além disso, orienta-se por uma dada estrutura composicional (narrativa, descritiva, explicativa ou argumentativa), para a qual contribuem certas formas de organização linguística.

Com a finalidade de compreender quais são as estratégias empregadas na sequência composicional de um texto, seguiremos a definição de sequência textual proposta por Jean-Michel Adam em1990 e adotaremos alguns traços descritivos da matéria linguística nesses modos de organização do texto, sugeridos por Charaudeau (1983, 2008). Tais *modos de organização do texto* são *princípios de organização* da matéria linguística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante, que pode querer descrever, contar, explicar e argumentar. Todo texto, portanto, resulta de escolhas (conscientes ou inconscientes) feitas pelo sujeito, em função das restrições impostas pela situação e pela identidade social de seu interlocutor, além de restrições linguísticas.

Assim, utilizam-se categorias de língua para produzir sentido; por uma questão de estratégia, ao optar por uma determinada estrutura, o locutor pode perguntar a si mesmo: como fazer para que meu ouvinte/leitor me entenda? Que devo falar ou escrever neste momento para preencher o que se espera de mim? Que papéis estamos os dois desempenhando? Tudo isso irá influenciar nas escolhas das formas de construir os textos, por exemplo, utilizando-se da adjetivação, na produção do modo descritivo, de verbos de ação no modo narrativo ou de técnicas de argumentação na construção do modo argumentativo.

Atentemos para o fragmento de um texto, no Exemplo 1, sobre as condições climáticas das grandes cidades. O gênero é notícia; são fornecidas algumas informações sobre os resultados das inversões térmicas com um teor avaliativo.

Existe uma infinidade de classificações de textos nos vários domínios do saber — literários, didáticos, midiáticos, científicos, humorísticos, publicitários — que se subdividem em categorias de gêneros reconhecidos socialmente pela função social que cumprem: notícias, reportagens, receitas, poemas, romance contos, receitas, artigos científicos, dentre muitos outros. Todo texto se enquadra em um dado gênero do discurso, que pode ser descrito por diferentes parâmetros, tais como propósito comunicativo, "locus" em que é veiculado, formato superestrutural, funções sociais que cumprem e interlocuitores que participam da interação social.

Além disso, todo texto orienta-se por uma dada estrutura composicional, narrativa, descritiva, explicativa e argumentativa, para a qual contribuem certas formas de organização linguística. Com a finalidade de compreender quais são as estratégias empregadas na sequência composicional de um texto, vamos adotar aqui a classificação de Patrick Charaudeau (2008) para organizar a matéria linguística em modos de organização do discurso, que tentaremos aplicar a três sequências textuais: descrição, narração e argumentação.

Os modos de organização do discurso são princípios de organização da matéria linguística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante, que pode escolher entre descrever, contar e argumentar. Todo texto resulta de escolhas (conscientes ou inconscientes) feitas pelo sujeito, em função das restrições impostas pela *situação e pela identidade social dos interlocutores*, além de restrições de ordem linguística. Seguem três exemplos de fragmentos de texto nos modos de organização: *narrativo, descritvo e argumentativo*.

Exemplo 1 — três fragmentos de textos em diferentes modos de organização

Texto no modo narrativo:

Quatro pessoas morreram após o capotamento de um carro em Barueri (Grande São Paulo), por volta das 22h do último sábado (16). Segundo a Guarda Civil Municipal, o motorista perdeu o controle da direção e capotou um Gol na estrada Dr. Cícero Borges de Morais. Três adolescentes morreram no local do acidente e três adultos foram levados ao hospital Municipal de Barueri, mas um deles também não resistiu aos ferimentos e morreu.

Fonte: Folha de São Paulo, 18 de janeiro de 2016. Caderno B, Cotidiano. p. 6.

Texto no modo descritivo:

“Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os dois gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa- de-meia esburacada para se defender do frio da noite.”

Fonte: SABINO, Fernando. Protesto tímido. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009>. Acesso em: 22 abr. 2015.

Texto no modo argumentativo:

“Os antibióticos têm os defeitos de suas virtudes. Podem destruir, junto com as bactérias indesejáveis, outras bactérias necessárias ao equilíbrio da flora intestinal. Também podem provocar alergias, atacar os rins, o fígado, o aparelho digestivo e a composição do sangue; por isso devem ser tomados sempre com acompanhamento médico” (apud CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. Rio de Janeiro: Moderna, 2001. p. 104. Proposta de exercício).

Comecemos nossa exposição pelo cuidadoso exame do modo descritivo:

O modo de organização descritivo

Descrever é sempre enumerar aspectos de um objeto, de um lugar, de personagens, de acontecimentos, tendo em vista princípios de caracterização, ou de denominação ou de definição. Enquanto *denominar* está mais voltado para temática e classificação, *definir* consiste em expandir o tema em subtemas aos quais se associam atributos próprios do ser e do fazer.

No processo de definição, podemos observar, como exemplo, o modelo usado nos dicionários, em que se parte, primeiramente, de uma categorização gramatical, depois de generalização de sentido para a caracterização própria do objeto, seguida da indicação de sua funcionalidade. Eis que o vocábulo *Colher* é descrito como pertencente à classe gramatical de substantivo concreto, do gênero feminino; generalizado como certo tipo de talher, caracterizado como tendo parte côncava presa a um cabo e que funciona como instrumento para conduzir alimentos líquidos à boca.

A função principal do modo descritivo é manter uma relação de inclusão metonímica do todo com as partes, daí seu duplo papel: ao mesmo tempo que unifica o referente, ele o fragmenta no plano da aspectualização, destacando-se o detalhamento. Por isso, enquanto numa narrativa o leitor espera o resumo de um relato, uma história, enfim, na descrição ele espera um estoque lexical que aponte partes importantes de um referente, de forma ordenada e coerente, de modo a caracterizá-lo ou enquadrá-lo dentro dos objetivos do texto. O texto descritivo apela bastante, portanto, para a competência lexical do leitor/ouvinte.

Decorrem desse fato duas dificuldades que se apresentam para quem descreve. O primeiro refere-se ao inventário necessário à lista do objeto descrito, com a qual vai enumerar seus elementos constitutivos; a segunda, à necessidade de essa escolha produzir um efeito de coerência ao conjunto.

Você observará, a seguir, que, na descrição de pessoas, podem-se apresentar traços físicos — como altura, idade, marcas específicas como cor dos cabelos, da pele etc. — ou traços psicológicos, da personalidade, do caráter, caracterizados por modos de ser e de agir. Sempre será escolha do autor apresentar alguns desses traços, como se pode perceber no exemplo 2, em que o autor descreve Floripa fornecendo detalhes sobre sua idade, altura, traços do rosto, dos olhos etc.:

Exemplo 2

A Floripa era uma mulher gorda e baixa, que aparentava ter uns cinqüenta anos. O rosto redondo tinha qualquer coisa de bebê. Os olhos empapuçados brilhavam miúdos, com um brilho em que havia mais sentimento maternal que malícia. Nos dedos curtos e grossos chispavam anéis com grandes pedras.

Fonte: VERÍSSIMO, Érico. O resto é silêncio. Disponível em: <http://artigosefemeros.blogspot.com.br/2009/07/o-resto-e-silencio-de-erico-verissimo.html>. Acesso em: 22 abr. 2014.

Em função da escolha do autor, temos a visão de Floripa pelos detalhes que ele escolheu apresentar, mas que poderiam ser outros, que ficam assim, digamos, no “estoque lexical”, a depender do interesse do autor. Também na descrição de ambientes, a aspectualização é fundamental. Vejamos, no exemplo 3 a seguir, um trecho de O Mulato, de Aluísio Azevedo, com descrição de um sobrado, pelas partes que o constituem:

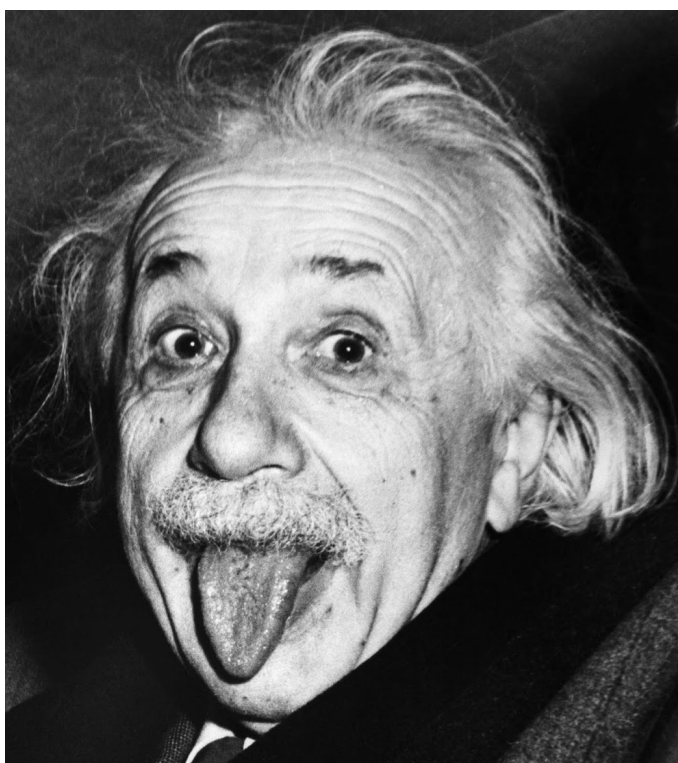
Exemplo 3

A casa tinha dois andares e uma boa chácara nos fundos. O salão de visitas era no primeiro. Mobília antiga, um tanto mesclada; ao centro um grande lustre de cristal, coberto de um filó amarelo. Três largas janelas de sacada, guarnecidas de cortinas brancas davam para a rua; do lado oposto um enorme espelho de moldura dourada e gasta inclinava-se sobre um sofá de molas.

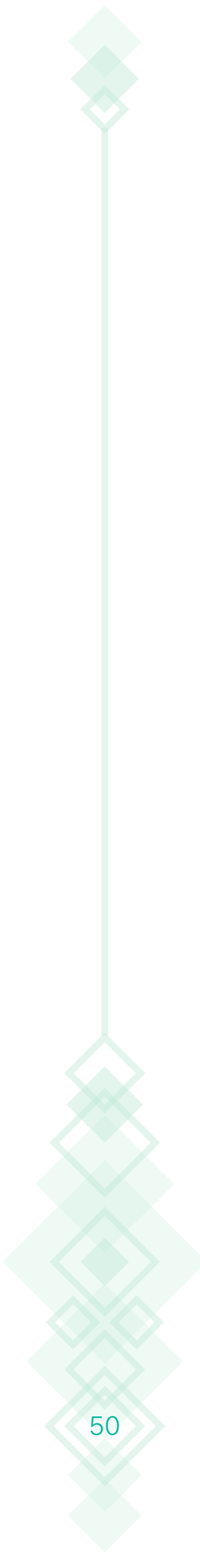
Fonte: AZEVEDO, Aluísio de. O Mulato. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]. p. 45.

Muitas vezes, a escola tem negligenciado o ato de descrever em favor de um saber metalinguístico sobre como descrever, esquecendo-se de que o ato de descrever é o resultado de um processo de observação. Sabe-se, porém, que a descrição é produto de uma seleção, logo, não se consegue descrever tudo. Por isso, todo texto se apresenta como um recorte, que presentifica um ponto de vista.

Observemos o exemplo 3, a seguir. Trata-se de um roteiro de como fazer caricaturas, chamando a atenção para detalhes que devem, nesse caso, ser exagerados — o que se espera de uma boa técnica de como fazer caricaturas.

Exemplo 4

Os cabelos são desarrumados e a testa é marcada por rugas.

As sobrancelhas pequenas e o nariz arredondado.

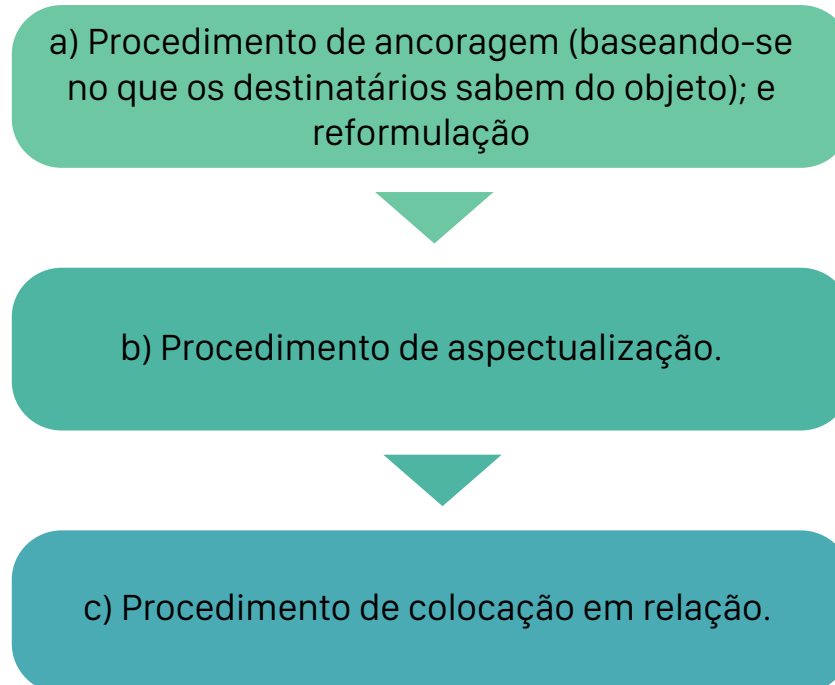
O bigode e a língua para fora são detalhes para caricaturar.

Os olhos são pequenos e as pálpebras superiores são caídas nos cantos. Destacar esses detalhes para reforçar o efeito cômico.

A flacidez da face, as linhas de expressão e a orelha grande também fornecem matéria-prima para trabalhar na caricatura.

Foto: Arthur Sasse
Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Einstein_tongue.jpg>

Em textos do modo descritivo, não se verbaliza tudo que se observa, há sempre escolhas, certo ângulo que se oferece. Como fruto da atividade do sujeito descritor, a descrição é resultado de atos relativos à língua e aos conhecimentos de mundo dos interlocutores. A descrição depende, enfim, do gênero de texto em que se insere e tem papel importante a exercer. Portanto, a configuração do texto descritivo, por exemplo, passa por processo de seleção, dentro de um estoque lexical, que envolve o sujeito descritor em face do sujeito receptor e que demanda ainda competência descritiva e avaliativa dos envolvidos.

Podemos concluir, com base em Adam (1992), que, em termos composicionais, um texto organizado dominantemente em sequência descritiva apresenta um conjunto hierárquico de ideias que devem ser capazes de reconstruir o objeto a ser, dessa forma, reconhecido pelo leitor do texto.

Para elaborar uma descrição, recorre-se aos seguintes procedimentos:

O exemplo 5, a seguir, também é ilustrativo do processo — parte-se de uma ideia núcleo, partilhada — dia abafadiço —, desenvolvida pela caracterização de aspectos citados por meio de pormenores — "as pedras, os lampiões, as paredes, as folhas" que tornam mais viva a generalização de "um dia abafadiço e aborrecido na cidade de São Luís".

Exemplo 5

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase não se podia sair à rua: as pedras escaldavam, as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol, as paredes tinham reverberações de prata polida, as folhas das árvores nem se mexiam...

Fonte: AZEVEDO, Aluísio. O Mulato. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]. p. 5.

Quanto a sua configuração formal, a descrição pode ocorrer em duas situações básicas:

(1) ou se presta a constituir um texto descritivo inteiro, como no caso de listas de nomes ou de objetos, de um conjunto de informações ou instruções em manuais de aparelhos eletrônicos em geral. Exemplos típicos disso são as descrições de um tipo de rocha por um geólogo, como no tópico (a) do Exemplo 7, a seguir; ou a caracterização do sistema de pronomes ou de um nome por um linguista, nos tópicos (b) e (c):

Exemplo 6

	Texto descritivo inteiro
(a)	magma: massa natural, fluida, ígnea, de origem profunda e que, ao esfriar-se, se solidifica e origina a rocha magmática;
(b)	o sistema pronominal em português abrange os pronomes substantivos, que podem substituir os nomes – exemplo: o livro está sobre a mesa, mas ainda não o li – e os adjetivos, que acompanham o nome – exemplo: seu livro, meu caderno etc.
(c)	Grampo: subst. masc. 1. Prego em forma de U, próprio para prender arame de cerca. 2. Gancho de metal com que as mulheres prendem o cabelo. 3. Haste de ferro ou madeira, em forma de meia-lua, usada para segurar peças com que se trabalha. 4. Pedaço de arame fino com as pontas dobradas em ângulo, usado em grampeadores. 5. (gíria) Aparelho colocado em linha telefônica para interceptar e gravar ligações: grampo telefônico.

(2) ou serve para constituir sequências inseridas em sequências dominantes, como as narrativas e as argumentativas. Nesse caso, fornece elementos de um determinado referente, a fim de identificá-lo de acordo com os objetivos do texto de que faz parte.

Analisemos, no exemplo 7 a seguir, um fragmento do conto "O menino", em que Lygia F. Telles nos dá alguns detalhes da figura da mãe, observada pelo filho, quando ela acabava de se despedir do amante, os quais apontam para a configuração da trama narrativa[1].

---

1 **Fonte:** Disponível em: <http://1bomenino.blogspot.com.br/2008_11_01_archive.html>. Acesso em: 15 maio 2015.

Exemplo 7

"[...] olhou para a mãe. Ela sorria com aquela mesma expressão que tivera diante do espelho, enquanto se perfumava. Estava corada, brilhante".

Fonte: Disponível em: <http://1bomenino.blogspot.com.br/2008_11_01_archive.html>. Acesso em: 15 maio 2015.

Para o desenrolar da trama, interessa apenas ***a expressão da mulher*** percebida pelo garoto no momento do impacto da descoberta da verdade: a mãe sempre o convidava para ir ao cinema, mas o convite era um subterfúgio para se encontrar com o amante.

Nesse conto, as descrições da mãe, em dois momentos, são fundamentais para evidenciar as mudanças psicológicas pelas quais a personagem passa. Toda a descoberta de uma vida de aparências e a destruição da imagem de seu ídolo contrasta com o modo como ele via a mãe, antes, no início do texto, quando o garoto a observava, admirando-a, ainda sem o impacto da verdade, como se vê no seguinte fragmento que compõe o exemplo 8):

Exemplo 8

"Através do espelho olhou para o menino. Sorriu. Ele sorriu também, era linda, linda, linda! Em todo o bairro não havia uma moça linda assim".

Fonte: Disponível em: <http://1bomenino.blogspot.com.br/2008_11_01_archive.html>. Acesso em: 15 maio 2015.

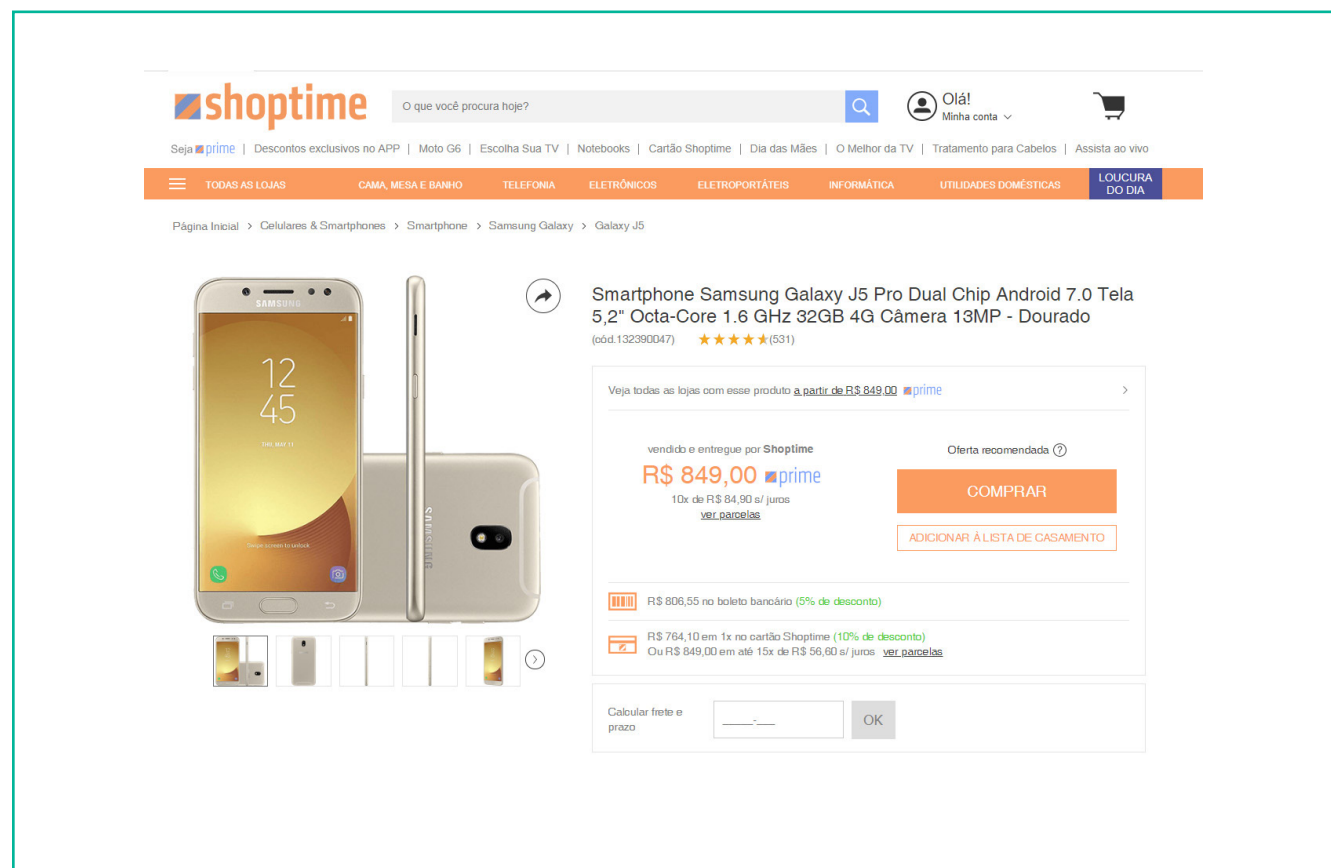
Importância da descrição

Os textos narrativo e dissertativo-argumentativo têm sido objeto de vários estudos, ao passo que o descritivo tem permanecido em segundo plano. A descrição tem sido vista como auxiliar da narração — daí o enfoque pedagógico privilegia a narração e a argumentação como tipos de sequência textual que merecem mais atenção do ensino. Os estudos, mesmo sobre a narrativa, já prenunciavam que há uma competência descritiva do leitor de textos, ao lado da competência narrativa, e que é necessário destacar essa competência descritiva, tanto no escrito quanto no oral. É esse saber fazer descritivo no ser humano que implica competências, habilidades no ato de denominação e de expansão, que entram em um jogo responsável pela caracterização de algo.

Dessa forma, deve-se chamar a atenção para um ato que passa despercebido, muitas vezes, mas que é fundamental para o ensino de redação. A descrição está presente no dia a dia de nossos discursos, como se pode notar no exemplo 9, seguinte, em que umprograma de televisão utiliza-se da descrição detalhada de produtos e de sua funcionalidade como base de seu discurso argumentativo, cujo fim é vender e convencer o ouvinte das vantagens da compra. Toda propaganda tem na descrição a base para a argumentação. É o que se verifica no exemplo 9:

Exemplo 9

SHOPTIME: DESCRIÇÃO A SERVIÇO DA ARGUMENTAÇÃO

Fonte: Disponível em: http://www.portalimprensa.com.br/content_file_storage/2014/07/23/shoptimeciro.png>. Acesso em: 22 abr. 2015.

Fonte: Disponível em: <https://www.shoptime.com.br/produto/132390047/smartphone-samsung-galaxy-j5-pro-dual-chip-android-7.0-tela-5-2-octa-core-1.6-ghz-32gb-4g-camera-13mp-dourado?pfm_carac=smartphone%20samsung%20galaxy%20j7&pfm_index=19&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page%20>. Acesso em: 19 jan. 2018.

Pode-se concluir que qualquer objeto pode ser descrito sob vários ângulos, que dependem de observação e de detalhes, como, por exemplo: dimensão, forma, cor, posição no espaço e no tempo etc. Uma pessoa recebe o recorte de sua constituição física ou de seu caráter; um problema pode ser analisado sob vários enfoques; e assim por diante. O importante é detectar que o texto cumpre uma função descritiva e que pode ser analisado por meio de uma organização composicional comum a vários textos.

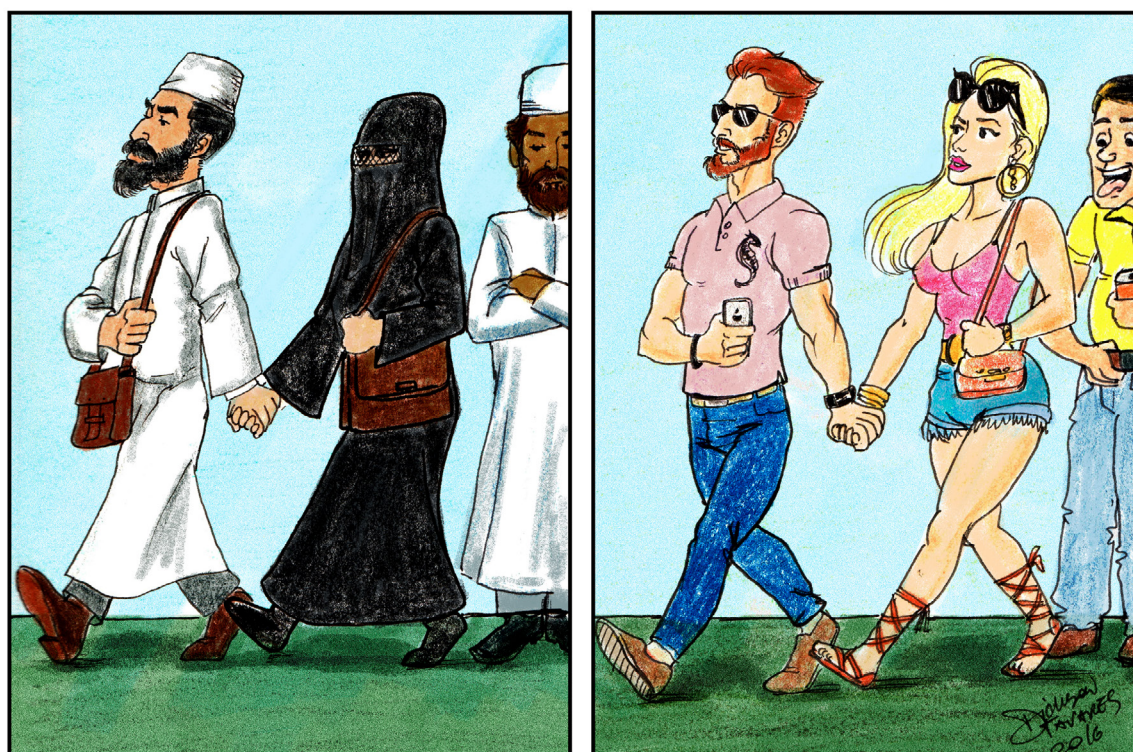
Já o texto não verbal, próprio de cartuns e charges, apresenta imagens que, por si, contêm os detalhes do ambiente e de personagens, como o cartum do exemplo a seguir, que poderia ilustrar "o tema do machismo".

Observar que uma descrição por palavras poderia se ater à apresentação das duas mulheres em seus aspectos físicos: uma moça alta, loura, trajando um short curtinho e uma camiseta decotada e usando óculos escuros, caminha ao lado do namorado enquanto o observa; é de se notar que sua expressão facial denota alguma contrariedade; outra moça caminha à sua frente, ao lado do marido, inteiramente coberta, inclusive o rosto e os cabelos, pelo traje típico dos muçulmanos.

Ambas poderiam tecer comentários a respeito das respectivas vestimentas e, apesar de oriundas de diferentes culturas, apresentar o mesmo preconceito a respeito das roupas: a moça loura poderia concluir, por exemplo, que é a cultura machista, cruel e dominadora que faz a outra vestir-se daquela forma. A outra, por sua vez, poderia julgar que o traje da

loura, que deixa boa parte do corpo à mostra, é uma forma de dominação machista. Isso pode comprovar que o texto descritivo pode estar a serviço da argumentação, tanto a favor ou contra uma tese. O mesmo raciocínio se poderia aplicar às personagens masculinas do cartum; à esquerda, senhor de si, o marido caminha ereto e um pouco à frente da esposa; sua postura corporal denota autoconfiança e elevada autoestima (WEIL; TOMPAKOW, 1973). Note-se que esse casal é observado discretamente por outro muçulmano. À direita, o namorado da loura tem comportamento idêntico ao do marido da outra, mas o observador da direita assume atitude francamente desrespeitosa em relação à mulher. Esta, por sua vez, parece estar insatisfeita com a postura do companheiro; enfim, se considerarmos o uso informal da palavra machismo, poderemos inferir com relativa segurança que o comportamento das personagens masculinas comprova as possíveis impressões que as duas mulheres possam ter uma da outra.

A descrição demonstra pontos de vista variáveis.

Exemplo 10

Neste outro texto de um retrato falado, no exemplo 11 a seguir, é possível concluir que as observações ou impressões podem variar de uma pessoa para outra. Desse fato, depreende-se que há um processo de base subjetiva, mesmo em uma descrição em que se busca a objetividade.

Exemplo 11

16/8/2013 às 14h18 (Atualizado em 16/8/2013 às 17h26) **[sic]**

Polícia do DF divulga retrato falado do "tarado do Lago Sul"

Quem tiver informações sobre o suspeito, deve entrar em contato pelo telefone 197

Vítimas deram características diferentes para o suspeito, o que resultou em dois desenhos. Polícia acredita ser a mesma pessoa

Divulgação/PCDF

A polícia divulgou o retrato falado de um homem acusado de atacar mulheres na região do Lago Sul, área nobre de Brasília. Segundo as vítimas, ele age sempre em uma motocicleta.

Ele costuma atacar na rua que liga as QI's 27 e 29, que é deserta. As casas estão localizadas em um lado da rua e, do outro, é só mato.

Duas mulheres já registraram ocorrência na delegacia da região e contaram que foram abordadas por um homem que usava roupas e capacete pretos. Ele simulou que pediria uma informação, mas, quando elas foram responder, ele tentou atacá-las. Uma delas, teria sido, inclusive, ameaçada de morte.

(...)

As duas, que conseguiram fugir do possível tarado, ajudaram a polícia a fazer o retrato falado do suspeito. Cada depoimento resultou em um desenho diferente, com algumas semelhanças.

Segundo o delegado-chefe da 10º DP (Lago Sul), as duas mulheres podem ter tido impressões diferentes do suspeito, até mesmo por causa do trauma sofrido.

A polícia pede que quem reconhecer o suspeito, a partir do desenho, deve entrar em contato pelo telefone 197.

Fonte: Disponível em: <http://noticias.r7.com/distrito-federal/policia-do-df-divulga-retrato-falado-do-tarado-do-lago-sul-16082013>. Acesso em: 22 abr. 2015.

Assim, observemos que o modo descritivo serve para caracterizar objetos e personagens – física e psicologicamente – e, ainda, a situação ou o espaço em que se movem no espaço da narrativa; além disso, podemos encontrar textos dominantemente descritivos, que caracterizam seres, objetos, paisagens e ambientes em gêneros diferentes, como guias turísticos, verbetes de enciclopédia, reportagens, receitas, manuais – enfim, textos do nosso cotidiano, com finalidades explicativas.

Como você já deve estar percebendo, o modo de organização descritivo, quer seja em um texto de sequência descritiva dominante – (veja-se o exemplo 6, mostrado anteriormente – tópicos a, b e c), quer seja em trechos narrativos ou argumentativos, tem a função geral de *determinar*/*nomear*, *localizar* e *qualificar* os seres de acordo com pontos de vista que o locutor do texto administra e tira vantagem para a construção do sentido de seu texto. Podemos agora, a partir dos exemplos dados, definir *descrição*:

É o resultado de um ato de descrever, que consiste em apontar detalhes de elementos importantes de um referente qualquer, com o intuito de defini-lo, caracterizá-lo, apresentá-lo ou simplesmente enquadrá-lo dentro dos objetivos de um texto.

O modo de organização narrativo

Como afirma Adam (1992), todo texto é heterogêneo em termos de sequências textuais, quer dizer, um texto não contém apenas uma composição sequencial, mas, sim, uma mistura de segmentos narrativos, descritivos, explicativos e argumentativos. Em muitos casos, porém, uma dessas sequências é "dominante", o que acontece quando ela corresponde ao propósito comunicativo maior do texto, e, nesse caso, as outras sequências inseridas aparecem a serviço da dominante. Por exemplo, para contar uma história, isto é, para desenvolver uma sequência narrativa, inevitavelmente, recorremos também a trechos de sequência descritiva. Assim, teremos um texto de sequência narrativa – dominante, mas com trechos de sequência descritiva. Vejamos, no exemplo 12 adiante, como isso pode acontecer:

Exemplo 12

ELA SUBIU sem pressa a *tortuosa ladeira*. À medida que avançava, as casas iam rareando, *modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios*. No meio da rua *sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro*, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde. Ele a esperava encostado a uma árvore. *Esguio e magro*, metido num *largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados*, tinha um *jeito jovial de estudante*.

– Minha querida Raquel. [...]

– Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia...

Fonte: Disponível em: <http://www.beatrix.pro.br/index.php/venha-ver-o-por-do-sol-lygia-fagundes-telles/>. Acesso em: 22 maio 2015.

Primeiramente, trata-se de uma história contada em terceira pessoa, por isso dizemos que o texto é estruturado pelo modo de organização *narrativo*; é essa sequência que predomina no texto do Exemplo 13. Isso se comprova pela presença de um narrador e de personagens, em suas ações, pela ordenação cronológica de fatos que ocorrem em um determinado local, num dado tempo, e também pela mudança de predicados que se desencadeia, por exemplo, quando o jovem fica esperando uma moça com quem marcara um encontro em um local afastado e ela aparece.

Assim, ainda que haja outras sequências inseridas, elas estarão abrigadas no desenvolvimento deste modo de organização dominante: a narração. Um exemplo de sequência inserida na dominante é a dialogal, no final do texto, o que se nota pelas marcas da conversação, diálogo face a face que se passa entre os dois personagens.

Entremeados na narrativa, vemos segmentos descritivos. É constitutivo da narração apresentar trechos descritivos que se prestam à apresentação de detalhes sobre o local e de caracterizações dos personagens. No exemplo em foco, há descrições:

(a) **do local** (em itálico sombreado, no exemplo) — uma ladeira tortuosa, rodeada de casas modestas, localizadas longe umas das outras, entremeadas por terrenos baldios, a rua sem calçamento, coberta aqui e

ali pelo mato rasteiro, onde há crianças brincando de roda;

(b) **do jovem rapaz** (em itálico, no exemplo) – jeito jovial de estudante, alto, magro, cabelos compridos e desalinhados, vestido com um blusão largo, azul-marinho.

Conforme você pôde observar, o modo de organização narrativo focaliza as ações de personagens, em uma sequência de tempo sujeita a uma relação lógica de causa e efeito. Essa sequenciação tem o objetivo principal de construir uma "intriga" que se destina a definir uma "trama ou fato narrativo" que vai se desenvolver até um determinado clímax que, depois, apresenta um desfecho, do qual se permite retirar uma mensagem, "uma moral" (conclusão) para o texto.

Nesse trecho apresentado, há apenas o início do fato narrativo – a marcação de um encontro em um local deserto e o primeiro diálogo entre os personagens. A moça estranha a ideia de o encontro ser em local tão afastado, o que ajuda a construir o início de um suspense. Sabemos que o conto tem um final trágico; quem quiser conhecer, recomendamos que leia o conto "Venha ver o pôr do sol", uma obra-prima de suspense narrativo de Lygia Fagundes Telles (1982).

A narração está, pois, a serviço do "fazer". Como vimos, o modo descritivo caracteriza-se por especificar características e atributos de um objeto particularizado, o qual pode ser um objeto, um ser vivo, um fato, uma paisagem ou uma cena, como nesse exemplo; está, pois, a serviço do "mostrar".

O modo narrativo tem por função mostrar a sucessão de ações dos participantes de uma história no tempo e no espaço, história essa que segue uma lógica narrativa e constrói um enredo, um relato que faz parte de um universo narrado. Para haver narração, é preciso que os acontecimentos relatados sejam produzidos ou sofridos pelos participantes, em uma dada sequência temporal e em um dado espaço. Existem, portanto, certas condições para que se possa reconhecer uma sucessão de fatos como sendo uma narrativa. De acordo com Adam (1992), é necessário que estejam presentes seis aspectos, juntos, para que possamos falar de narrativa. Os aspectos são apresentados a seguir:

1. Sucessão de acontecimentos:

É necessário que se observe uma temporalidade, mínima que seja, na qual a tensão da narrativa caminha para uma situação final.

2. Unidade temática:

É preciso que exista pelo menos um ator (individual ou coletivo, paciente ou agente) que seja responsável pela unidade da ação.

3. Predicados transformados:

Um sujeito se encontra em um determinado estado inicial e passa a agir em busca de algo; assim, o estado inicial em que o sujeito se encontra sofre mudança e se estabelece numa nova situação.

4. Causalidade narrativa:

É preciso que haja uma colocação em intriga, uma trama.

5. Processo:

Como existe uma trama, ela acontece formando um todo que desenvolve em três determinados momentos – situação inicial, transformação de predicados durante o processo, situação final ou fim do processo. O esquema da página 62, adaptado de Adam (1992), permite que visualizemos as etapas do processo da narrativa.

6. Avaliação final:

Toda narrativa (explicita ou implícita) é motivada por uma avaliação que o locutor faz do conteúdo narrado; é, na verdade, o que motiva alguém a narrar um acontecimento.

Um fragmento ilustrativo do esquema citado, apresentado no exemplo 13, pode dar ideia dos componentes da narração, ao lado de fragmentos descritivos a serviço do modo narrativo:

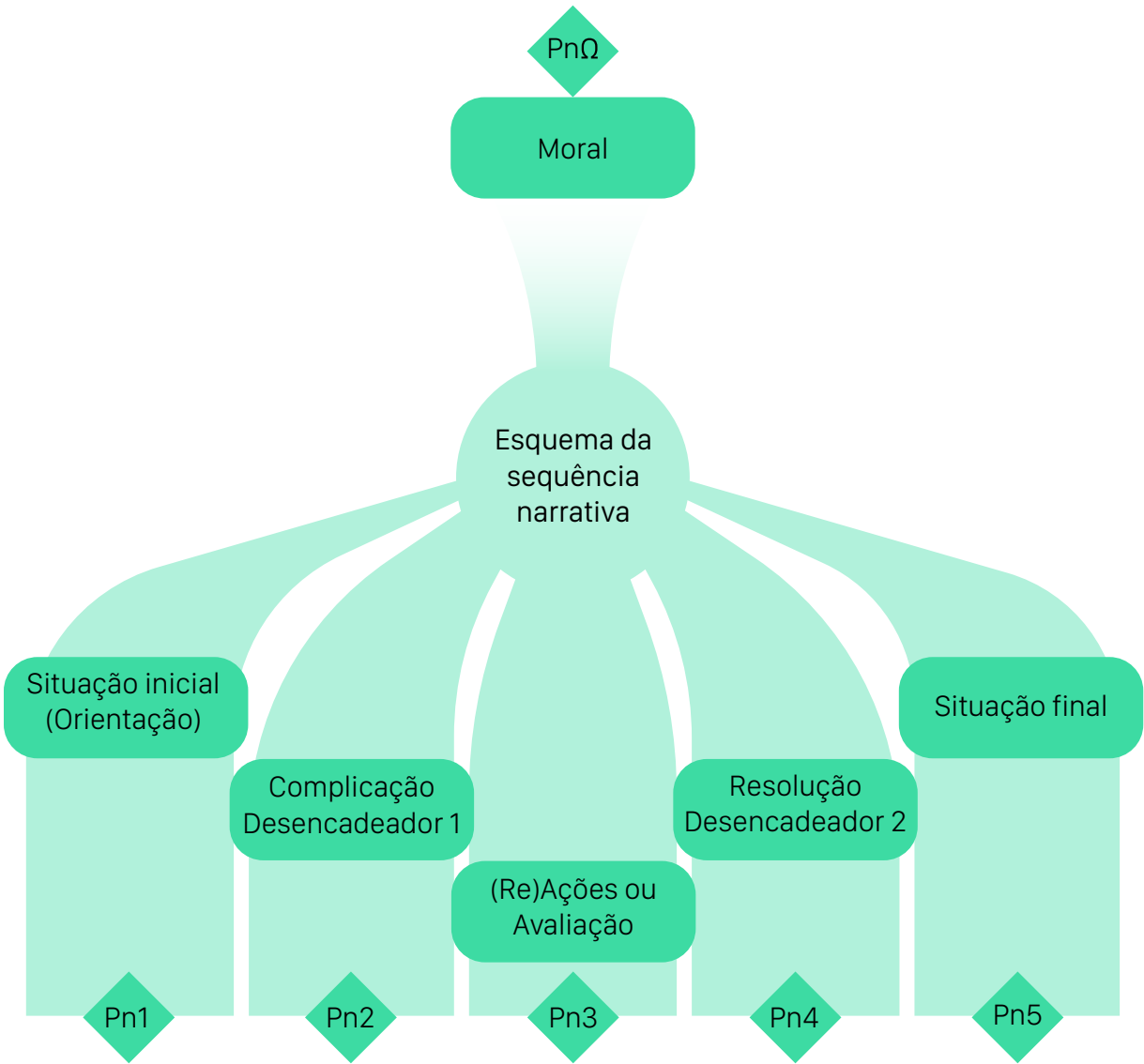
Exemplo 13

"Abriu-se de novo a porta do curro e um touro preto investiu contra a praça. Era um verdadeiro boi de circo: chifres compridos e revirados nas pontas, pernas delgadas e movimentos rápidos e bruscos. Apenas tocara o centro da praça, estacou, deslumbrado, sacudiu a fronte e escavando o chão, impaciente, soltou um mugido feroz no meio do silêncio que se seguiu aos gritos dos espectadores. Dentro em pouco só se viam os toureiros saltando a pulos as trincheiras, fugindo à velocidade espantosa do animal, enquanto no chão dois cavalos já expirantes denunciavam sua fúria".

Fonte: SILVA, Rebelo da. Última corrida de touros em Salvaterra *Contos bem contado*. Disponível em: <http//www.fatos históricos. com.br>. Acesso em: 20 jan. 2016.

A avaliação ou a moral pode vir implícita, ou explícita, como no quadrinho exposto no exemplo 14, a seguir, em que o personagem faz referência a uma das partes da narrativa (a moral), que pode vir implícita ou explícita:

Exemplo 14

Como toda sequência, a narrativa também se estrutura em fases, representadas por cada (P) do esquema seguinte, adaptado de Adam (1992, p. 57):

O esquema de toda narrativa prevê as fases enumeradas: uma situação inicial de harmonia que já delineia a sequenciação; esta só pode ser uma complicação que vai quebrar a harmonia inicial. Logo depois disso, já temos configurado o fato narrativo, que exige uma resolução com avaliação ou não, o que vai constituir a moral ou sanção.

Vejamos, então, como podemos reconhecer as macroproposições ou fases da narrativa na fábula de La Fontaine, no Exemplo 16, a seguir:

Exemplo 15

O leão e o rato

Certo dia, estava um Leão a dormir a sesta quando um ratinho começou a correr por cima dele. O Leão acordou, pôs-lhe a pata em cima, abriu a bocarra e preparou-se para o engolir.

– Perdoa-me! – gritou o ratinho – Perdoa-me desta vez e eu nunca o esquecerei. Quem sabe se um dia não precisarás de mim?

O Leão ficou tão divertido com esta ideia que levantou a pata e o deixou partir.

Dias depois o Leão caiu numa armadilha. Como os caçadores o queriam oferecer vivo ao Rei, amarraram-no a uma árvore e partiram à procura de um meio para o transportarem.

Nisto, apareceu o ratinho. Vendo a triste situação em que o Leão se encontrava, roeu as cordas que o prendiam.

E foi assim que um ratinho pequenino salvou o Rei dos Animais.

Moral da história: Não devemos subestimar os outros.

Fonte: Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/o_leao_e_o_rato/>. Acesso em: 20 fev. 2015.

Vejamos, então, como você poderá reconhecer as macroproposições ou fases da narrativa também presentes na fábula de La Fontaine, a seguir:

Conjunto de proposições	Identificação das macroproposições da narrativa
Situação inicial ou Orientação	Certo dia, estava o Leão a dormir a sesta quando um ratinho começou a correr por cima dele.
Complicação ou Desencadeador 1	O Leão acordou, pôs-lhe a pata em cima, abriu a bocarra e preparou-se para o engolir. – Perdoa-me! – gritou o ratinho – Perdoa-me desta vez e eu nunca o esquecerei. Quem sabe se um dia não precisarás de mim? O Leão ficou tão divertido com esta ideia que levantou a pata e o deixou partir.
(Re)ações e clímax	Dias depois o Leão caiu numa armadilha. Como os caçadores o queriam oferecer vivo ao Rei, amarraram-no a uma árvore e partiram à procura de um meio para o transportarem.
Resolução ou Desencadeador 2	Nisto, apareceu o ratinho. Vendo a triste situação em que o Leão se encontrava, roeu as cordas que o prendiam.
Situação final	E foi assim que um ratinho pequenino salvou o Rei do Animais.
Situação inicial ou Orientação	Moral da história: Não devemos subestimar os outros.

Fonte: Adaptado de Silva (2007).

O exemplo anterior contém todas as fases de uma narrativa, como mostra o quadro explicativo, mas nem sempre os textos de sequência narrativa apresentam todas essas etapas. A fábula de Esopo abaixo transcrita não contém, por exemplo, a situação final de avaliação:

O cão e a sombra

Um cão, com um pedaço de carne na boca, atravessa uma ponte sobre uma correnteza. Olhando para baixo, viu a própria sombra dentro d'água. Pensando que o reflexo era um outro cão, com um pedaço maior de carne na boca, decidiu roubá-lo e, para tanto, abriu as mandíbulas. O pedaço de carne caiu na correnteza e lá se foi...

'Quem tudo quer tudo perde' (Fábulas de Esopo).

Fonte: Disponível em: <http://www.contandohistoria.com/>. Acesso em: 20 fev. 2015.

Conjunto de proposições	Identificação das macroproposições da narrativa
Situação inicial ou Orientação	Um cão, com um pedaço de carne na boca, atravessava uma ponte sobre uma correnteza.
Complicação ou Desencadeador 1	Olhando para baixo, viu a própria sombra dentro d'água.
(Re)ações e clímax	Pensando que o reflexo era um cão, com um pedaço maior de carne na boca, decidiu roubá-lo e, para tanto, abriu as mandíbulas.
Resolução ou Desencadeador 2	O pedaço de carne caiu na correnteza e lá se foi...
Situação final	
Moral (explícita ou implícita)	Quem tudo que tudo perde.

O aparecimento ou não das fases de uma sequência depende diretamente do gênero do discurso a que o texto está associado. No caso do gênero fábula, é muito provável que a maioria das fases da narrativa apareça, mas não em todos os casos. Falta, por exemplo, à fábula de Esopo exposta anteriormente, a ***situação final**, que descreve ou explica o equilíbrio que advém da resolução do clímax*. Mas é muito recorrente, nas fábulas, a presença da moral, no final do texto, com o objetivo de conduzir a interpretação da história.

Outros gêneros que costumam se manifestar em textos de sequência narrativa dominante, como as piadas, não trazem outras etapas da narrativa, principalmente a moral, como podemos examinar no texto seguinte (exemplo 16):

Exemplo 16

O sujeito e a sogra

Um sujeito voltava do enterro da sogra e passou no boteco para comemorar. Bebeu bastante e ia para casa, quando ao passar perto de um prédio em construção um tijolo caiu perto do seu pé, ele diz assustado:

– Não é que aquela maldita já chegou lá!

Fonte: Disponível em: <http://www.piadascurtas.com.br/>. Acesso em: 20 fev. 2015.

Conjunto de proposições	Identificação das macroproposições da narrativa
Situação inicial ou Orientação	Um sujeito voltava do enterro da sogra.
Complicação ou Desencadeador 1	Passou no boteco para comemorar, bebeu bastante e ia para casa,
(Re)ações e clímax	quando, ao passar perto de um prédio em construção um tijolo caiu perto do seu pé.
Resolução ou Desencadeador 2	Ele diz assustado: – Não é que aquela maldita já chegou lá!
Situação final	
Situação inicial ou Orientação	

Vale notar que não se verificam, nessa piada, nem a situação final, nem qualquer tipo de avaliação ou comentário relativo ao desenrolar da história, nem a moral. O propósito da piada é, pela supressão de certas fases, provocar um efeito de sentido no interlocutor, o que se obtém pela quebra de expectativa, que leva ao riso. Explicar a piada seria fazê-la perder a graça.

Outros gêneros do discurso, tradicionalmente caracterizados por narrativa dominante, costumam exibir poucas fases dessa sequência, por isso se aproximam mais de uma exposição de informações. Isso acontece com certos tipos de notícia. Silva (2007) verificou que muitas notícias têm ênfase no relato de tragédias e, nelas, é recorrente encontrar o elemento *intriga ou trama* – essencial para a construção da narrativa prototípica.

Em sua pesquisa, o autor pôde constatar que as notícias policiais, por exemplo, contêm fases fundamentais da narrativa, que se apresentam desde o lide. Lide, forma aportuguesada de *lead*, é, em jornalismo, a primeira parte de uma notícia, geralmente posta em destaque relativo, que fornece ao leitor a informação básica sobre o tema. Na teoria do jornalismo, as seis perguntas básicas do *lead* devem ser respondidas na elaboração de uma notícia; são elas: "O quê" e/ou "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?", e "Por quê?". O lide, portanto, deve informar qual é o fato jornalístico noticiado e as principais circunstâncias em que ele ocorre, como se pode ver na notícia sobre um acidente de carro, no exemplo 17 a seguir:

Exemplo 17

Em um acidente de carro, ontem de madrugada, no recreio dos Bandeirantes, em Jacarepaguá (RJ), uma pessoa morreu e duas ficaram feridas. O carro Fox KP-4758, dirigido por X, desgovernou-se e bateu contra um poste no Km 08 da Estrada dos Bandeirantes. José Carneiro dos Santos morreu imprensado nas ferragens, de onde foram retirados pelos bombeiros os dois outros ocupantes do veículo.

(O DIA, 12/08/2009, Primeiro Caderno, p. 03)

Situação inicial ou orientação e *Complicação*, muitas vezes, dispensam a (Re)ação e a Situação Final. Essas fases seriam mais especificadas no corpo da notícia, porém não obedeceriam à ordem cronológica dos eventos (como ocorre em grande parte das narrativas literárias), mas, sim, à particularidade jornalística da "pirâmide invertida", pela qual se relata o fato em ordem decrescente de relevância.

Observemos, a seguir, no exemplo 18, como Silva analisa a organização sequencial de uma notícia policial, que apresenta quase todas as fases da narrativa:

Exemplo 18

São Paulo, quinta-feira, 15 de setembro de 2005

GREVE NAS UNIVERSIDADES

Manifestação reuniu também professores e funcionários da USP, Unicamp, Unesp e Fatec

Estudantes e PMs duelam em avenida

Sandra Neaime/Folha Imagem

Manifestante é levado algemado por policiais militares durante o protesto na Assembleia Legislativa.

Fábio Takahashi

Às 19h45, os manifestantes resolveram deixar o portão que fica em frente ao Comando Militar do Sudeste e se deslocar até a Pedro Álvares Cabral, em frente ao parque Ibirapuera (10). Nesse momento, eles tentaram fechar a via. A Força Tática avançou, atirando bombas. Carros que passavam no local manobraram e fugiram na contramão. Após esse primeiro confronto, os manifestantes se dispersaram. A maior parte foi para a Brigadeiro Luís Antonio, onde foram perseguidos pela força policial até perto da avenida Nove de Julho.

Macroproposição	Descrição da ocorrência no corpo da notícia
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Apresentação do fato (o quê?) e dos personagens envolvidos no fato (quem?): confronto entre manifestantes e polícia; local em que o fato aconteceu (onde?): Pedro Álvares Cabral, em frente ao parque Ibirapuera; Tempo (quando?): às 19h45.
Complicação / Desencadeador 1 (Pn2)	Os estudantes tentaram fechar a via.
Ações ou Avaliação (Pn3)	A ação da polícia: "A Força Tática avançou, atirando bombas..."
Resolução / Desencadeador 2 (Pn4)	Os manifestantes se dispersaram. Foram perseguidos pela força policial.
Situação final (Pn5)	

É curioso o fato de o gênero notícia ser normalmente tratado nas aulas de língua portuguesa e nos livros didáticos como se fosse um caso prototípico de sequência narrativa. Nem sempre. Além disso, como Silva

(2007) constatou, algumas notícias não registram nem mesmo uma tensão ou intriga: restringem-se a uma simples e direta exposição de dados e de eventos. Na notícia a seguir (exemplo 19), analisada por Silva (2007), só identificamos a Situação Inicial e uma pequena mudança de estado:

Exemplo 19

REIVINDICAÇÕES

Funcionários dos Correios em greve

Teve início ontem a greve dos funcionários da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Cerca de 350 mil objetos são entregues diariamente pela empresa no Estado, mas, de acordo com o diretor regional da ECT, a greve não trará grandes prejuízos

15 de Setembro 03h05min 2005

As negociações entre a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) e o Comando Nacional de Negociação e Mobilização dos Trabalhadores dos Correios *não* chegaram *a um consenso e a greve foi deflagrada ontem* à meia-noite. *A empresa* concedeu 6,57% de reposição inflacionária mais 5% a partir de janeiro, chegando a um índice de 11,57%. Mas *a categoria*, que tem data-base em agosto, *não* aceitou a proposta apresentada pela direção dos Correios.

Macroproposição	Descrição da ocorrência no corpo da notícia
Situação inicial ou Orientação (Pn1)	Apresentação do fato (o quê?) e dos personagens envolvidos no fato (quem?): greve dos funcionários dos Correios; empresa e trabalhadores; local em que o fato aconteceu (onde?): não explicitado; Tempo (quando?): ontem à meia-noite.
Complicação / Desencadeador 1 (Pn2)	A ECT fez uma proposta de aumento, mas a categoria não aceitou.
Ações ou Avaliação (Pn3)	As negociações não levaram a um consenso. A greve foi deflagrada.
Resolução / Desencadeador 2 (Pn4)	Não identificada.
Situação final (Pn5)	Não identificada.

Pela leitura percebe-se que não há um fato complicador — fato narrativo — apenas, o impasse, não se nota também uma solução em decorrência de ações, muito menos a sanção ou avaliação final (moral).

O que chama a atenção, em notícias dessa espécie, é o breve desenvolvimento da intriga, porque, para os propósitos de notícias com essas temáticas, importa principalmente informar a mudança de estado: a deflagração da greve, nesse caso. Outras notícias, cuja temática as aproxima das notas, avisos e chamadas públicas, não se compõem de uma trama, por isso nos perguntamos se não seria apropriado pensar em notícias de sequência narrativa e notícias de sequência descritivo-expositiva.

Vejamos um exemplo de Silva (2007) — exemplo 20, a seguir:

Exemplo 20

INCLUSÃO DIGITAL

Prêmio recebe inscrições

16 de Setembro 01h21min 2005

Estão abertas até o próximo dia 29 as inscrições para o II Prêmio Telemar de Inclusão Digital. A promoção do Instituto Telemar é de abrangência nacional e tem o objetivo de reconhecer iniciativas de diversos estados e organizações voltadas a promover a inclusão digital no País. Nessa segunda edição, o prêmio também está abrindo oportunidade para jornalistas de todo o Brasil inscreverem reportagens, ensaios e artigos veiculados em mídia impressa sobre o tema. O Instituto Telemar **visa** estimular o desenvolvimento e a adoção de soluções eficientes que possam ser facilmente empregadas, de modo a alcançar parcelas da população que ainda não têm acesso à tecnologia digital.

Como vemos, não podemos sustentar a afirmação generalizada de que a sequência dominante de toda notícia é a narrativa. Outros gêneros de sequência narrativa se diferenciam, por outro lado, em função dos recursos multimodais pelos quais as fases da narrativa se manifestam. É o caso, por exemplo, dos textos em quadrinhos, que também se caracterizam por apresentar sequência dominantemente narrativa, mas em linguagem bem peculiar aos gêneros dessa natureza. Ramos (2009)[2] descreve gêneros em quadrinhos, entre eles, charge, cartum e tira cômica (seriada ou não), e demonstra a forma por que o rótulo, o formato, o suporte e o veículo

2 A obra contém uma descrição de gêneros em quadrinhos: RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2009.

de publicação orientam o leitor sobre como identificar cada um desses gêneros. Vejamos, no exemplo 21 a seguir, a indicação do veículo de publicação "Revista Vogue", que visa auxiliar o leitor na interpretação:

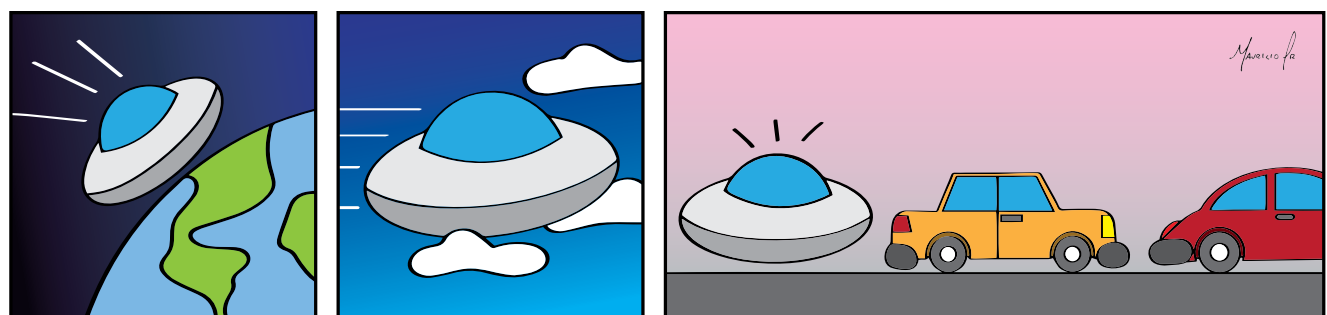
Exemplo 21

Fantasia de Sabrina no baile da 'Vogue' é alvo de críticas na web

Leia mais: <http://extra.globo.com/famosos/fantasia-de-sabrina-no-baile-da-vogue-alvo-de-criticas-na-web-15262517.html>. Acesso em: 20 fev. 2015.

A fantasia que Sabrina Sato usou no baile "Vogue", na noite desta quinta-feira, virou assunto nas redes sociais. Muita gente usou seus perfis na web para criticar – e muito – o modelo com inspiração no cabaré francês CrazyHorse. "Sempre acho que a Sabrina Sato humilha com seus looks, mas esse pro baile da Vogue desse ano tá muito vulgar!! Errou dessa vez amore", foi um dos muitos comentários.

Pensemos, também, nas tiras cômicas: elas evidenciam perfeitamente o modo de organização narrativo, pois contêm personagens e desenvolvem, em uma fração de tempo, em dado lugar, uma trama em um ou mais quadrinhos. É o que acontece nas tiras como a de Maurício de Souza, reproduzida no exemplo 22 a seguir:

Exemplo 22

Tal exemplo retrata bem a definição de Ramos para a tira cômica: "Um texto curto [...] construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final" (RAMOS, 2009, p. 24). Para Lins e Gonçalves (2013, p. 53), há, nesse gênero, "uma história que se passa no espaço de uma só tira, perpassando os quadros que a constituem".

O modo de organização explicativo

O texto explicativo tem uma base informativa, mas se caracteriza pela vontade de fazer compreender os fenômenos. Apresenta-se uma questão (problema) como ponto de partida – e o texto se esforçará para elucidá-la.

A sequência explicativa é, segundo Adam (1992), facilmente confundida com o texto expositivo e/ou informativo. Isso se dá porque um texto explicativo pode ser expositivo, por trazer uma série de dados relevantes não só para a execução de uma ação, como também para a compreensão de um evento ou acontecimento. Um bom exemplo, para entender o que é uma sequência explicativa, são os textos (de reportagens, de enciclopédia) que procuram tirar dúvidas sobre algum tema. Pensemos numa matéria de revistas como a *Superinteressante*, em que se tenta explicar o que é uma doença X ou como acontecem certos fenômenos:

Exemplo 23

Fonte: Revista Superinteressante, ed. 176, maio 2002.

É muito provável que o texto da reportagem de capa da *Superinteressante*, no exemplo 23, seja dominantemente explicativo. Por que não falamos de sequência informativa? Ou por que não se usa o termo *informativo*? Adam reconhece que todo texto tem graus de informatividade; assim, é

um elemento básico de um texto ter informações ou informar algo. Por conseguinte, usar o termo *expositivo* poderia ser mais adequado e menos vago que informativo.

Por outro lado, adotar o termo *explicativo* é reconhecer que se vai além da simples informatividade ou do desejo de expor, pois o propósito da explicação é dizer por que ou como alguma coisa acontece; é como se o locutor antecipasse possíveis dúvidas do interlocutor e explicasse as razões com voz de autoridade. Vejamos o exemplo 24, a seguir:

Exemplo 24

O que é Astrologia?

Astrologia é um instrumento que permite observar as relações entre as posições dos planetas no céu e os acontecimentos aqui na Terra. O astrólogo utiliza o mapa astral, que considera a data, o mês, o ano, a hora e o local do nascimento de uma pessoa, ideia ou empresa, para tentar compreender a sua natureza através das posições celestiais. Podemos dizer que a Astrologia é uma linguagem e o astrólogo é um intérprete. A Astrologia se fundamenta em um paradigma que afirma que todas as coisas que existem no Universo estão inter-relacionadas. Se todas as coisas estão conectadas entre si, a posição dos planetas num determinado momento de nascimento falará sobre essa vida e revelará seu propósito, seus talentos, suas motivações.

Fonte: Adaptado de <http://horoscopo.ego.globo.com/ctl.php?mdl=Descricao&cmd=TelaDescricao&DescricaoID=45>. Acesso em: 20 fev. 2015.

Os textos de sequência explicativa, como esse do exemplo 24, apresentam um modelo prototípico de base que pode estar repetido em outros textos com o mesmo modo de organização textual. O texto "O que é Astrologia?" procura explicar, como se falasse para um leigo, o que é, como surgiu, como se aplica, como se dá sua instrumentalização, para que se destina etc. O texto não apenas define o que é a Astrologia, pois, se assim o fizesse, estaria organizado dominantemente sob o modo descritivo, mas intenta apontar traços descritivos para atingir a finalidade maior de elaborar explicações sobre os pressupostos em que se baseia a Astrologia (como no trecho: "A Astrologia se fundamenta em um paradigma que afirma que todas as coisas que existem no Universo estão inter-relacionadas."). Explicando sobre os fins a que serve a Astrologia, o texto deixa implícita a avaliação de que são importantes as interpretações que um astrólogo faz de um mapa astral,

o que se percebe no trecho que esclarece a relação entre os planetas e o que acontece com as pessoas aqui na Terra: "Se todas as coisas estão conectadas entre si, a posição dos planetas num determinado momento de nascimento falará sobre essa vida e revelará seu propósito, seus talentos, suas motivações".

Os dados expostos são apresentados como novos para os leigos ou como elucidativos para quem tem algum conhecimento sobre o assunto. É no lugar de quem tem autoridade/saber sobre o assunto que se coloca o locutor do texto explicativo.

O próprio título de textos dominantemente explicativos já denuncia o objetivo que estes pretendem alcançar. Note-se que o título "O que é Astrologia?" já diz aonde o texto pretende ir. Para responder a tal questão, o locutor usa uma linguagem simples e elucidativa, fala das relações entre os planetas e do nascimento do leitor interessado; explica o modo como se faz o mapa astral; explana sobre a base fundante da Astrologia e mostra como se estrutura o seu pensamento. A proposta do texto não é reunir um conjunto de dados para caracterizar uma entidade, à moda de um texto de organização descritiva, nem apresentar uma ordenação de passos importantes para a execução de algo, à moda de um texto de organização instrucional; a intenção é apenas elucidar possíveis dúvidas do que seja a Astrologia, seu campo de estudo, seus fundamentos etc. Como bem observa Adam (1992), a sequência explicativa é uma espécie de justificativa, pois se propõe a demonstrar as razões pelas quais alguma coisa acontece, ou é o que é. Por isso, trata-se de um modo de organizar que procura responder a questões como: "por que afirmar isso? / por que é que...? / por que X se torna Y?". Dilemas do homem "pensador":

Segundo Adam (1992), na sequência explicativa, os interlocutores estabelecem uma espécie de "pacto": o locutor assume a voz de quem reúne as condições necessárias para fornecer as respostas esperadas. Ele cumpre o papel de "autoridade discursiva" e o interlocutor aceita colocar-se na posição de quem não detém o saber que lhe vai ser transmitido. Por essa razão, usa-se recorrentemente o texto explicativo em sala de aula, em conferência, em fórum de estudos e em materiais didático-pedagógicos.

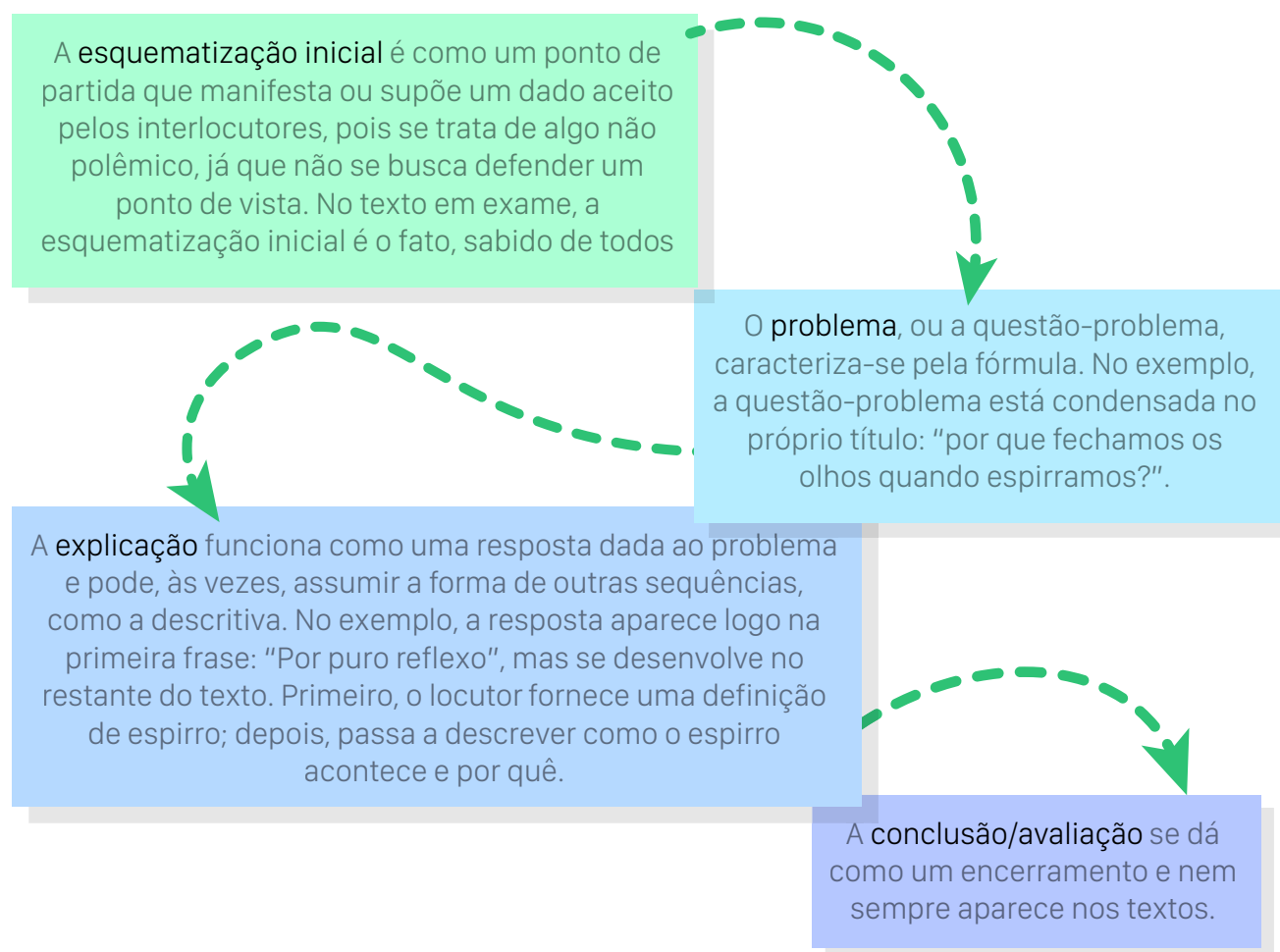
Como a descrição e a narração, a explicação pode se manifestar como a sequência dominante de um texto inteiro, ou como parte de outro tipo de sequência textual, como, por exemplo, a argumentativa. Quando a sequência explicativa é o modo de organização dominante de um texto, ela se apresenta conforme um padrão. Reflitamos sobre o exemplo 25 a seguir:

Exemplo 25

Por que fechamos os olhos quando espirramos?

Por puro reflexo. O espirro é uma reação tão violenta que leva quase todos os músculos da face a se contraírem. É por isso que, mesmo que a gente não queira, as pálpebras se fecham na hora do atchim. [...] Para o organismo, espirrar é bom, porque o sopro elimina impurezas, limpa as partículas de poeira que aderem ao nariz e melhora a filtragem do ar. Geralmente, soltamos os nossos atchins toda vez que uma substância prejudicial ao organismo, como pó, ácaros, vírus ou bactérias, entra em contato com as terminações nervosas do nariz. O cérebro, depois de receber esse estímulo, faz com que os pulmões e os músculos responsáveis pela respiração formem um minifuracão para expulsar as partículas agressoras.

Fonte: Adaptado de: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-fechamos-os-olhos-quando-espirramos>. Acesso em: 20 fev. 2015.

Para Adam (1992), o modelo de sequência explicativa se constitui de quatro *macroproposições: esquematização inicial, problema, explicação* e *conclusão-avaliação*. Essas quatro fases são como pequenas unidades de sentido típicas de uma sequência textual. O texto do exemplo 25 (*Por que fechamos os olhos quando espirramos?*) apresenta-se esquematizado no esquema a seguir:

Em síntese, podemos salientar as seguintes características da sequência explicativa dominante:

Características da sequência explicativa dominante
o fenômeno de explicar repousa sobre o que é incontestável, portanto trata-se de um fato;
tem caráter lacunar: o que está em questão é o que se pretende responder;
constrói-se a partir de um pacto: o interlocutor reconhece (aceita) as competências do falante, que apresenta a explicação na condição de quem domina as informações necessárias para "fazer-saber".

O texto explicativo transmite um saber, não para influenciar o interlocutor a aderir a um ponto de vista, tampouco para modificar suas crenças e convicções, como faz a sequência argumentativa. Consideremos o texto[3] seguinte, no exemplo 26, que poderia compor um panfleto informativo distribuído pelo governo em postos de saúde:

3 Texto elaborado pelas autoras, especificamente para esta obra.

Exemplo 26

Como reconhecer a dengue hemorrágica a tempo

A forma hemorrágica é o tipo mais severo de dengue, pois pode levar ao sangramento, à queda de pressão, à diminuição drástica das plaquetas e, consequentemente, à morte. Por isso, a dengue é considerada um dos principais problemas de saúde pública. Os sintomas da dengue hemorrágica são praticamente os mesmos da dengue clássica: febre, dor de cabeça, dor no corpo, nas articulações e por trás dos olhos, perda do paladar e do apetite, manchas e erupções na pele semelhantes às do sarampo, náuseas e vômitos, tonturas, extremo cansaço e moleza. A diferença entre os dois tipos de dengue ocorre quando acaba a febre e começam a surgir os sinais de alerta:

- Dores abdominais fortes e contínuas
- Vômitos persistentes
- Pele pálida, fria e úmida
- Sangramento pelo nariz, boca e gengivas
- Manchas vermelhas na pele
- Sonolência, agitação e confusão mental
- Sede excessiva e boca seca
- Pulso rápido e fraco
- Dificuldade respiratória
- Perda de consciência.

É preciso que o paciente seja hidratado no hospital, tão logo apareçam alguns desses sinais, pois o quadro clínico da dengue hemorrágica se agrava rapidamente e pode levar a pessoa à morte em até 24 horas. De acordo com estatísticas do Ministério da Saúde, cerca de 5% das pessoas com dengue hemorrágica morrem. Cada pessoa reage de uma forma e também pode não desenvolver todos os sintomas. Por isso, logo após a febre ceder, deve-se esperar 72 horas e prestar atenção ao agravamento do quadro clínico, realizando hemogramas e fazendo uma hidratação diferenciada com acompanhamento médico.

Um texto que se organiza de acordo com a sequência explicativa dominante contém, em geral, as etapas mostradas no quadro a seguir:

Sequência explicativa prototípica	
0.	Esquematização inicial
1. Por que X? (ou Como?)	Problema (questão)
2. Porque	Explicação (resposta)
3.	Conclusão-avaliação (nem sempre explícita)

Se refletirmos sobre o panfleto da dengue hemorrágica, podemos dizer que a temática do texto se enquadra na caracterização de uma doença, é assim que ela se esquematiza inicialmente. Decidindo em que gênero figurará o texto e sabendo, mais ou menos, a que tipo de leitor ele se destina, o locutor lança, já no título, a questão-problema que será respondida: como reconhecer a dengue hemorrágica a tempo, isto é, antes que ela provoque o óbito. Para chegar à explicação central, o locutor se vale da comparação entre as duas espécies de dengue, descrevendo-as, para, em seguida, informar como se pode impedir o avanço descontrolado da doença e a morte. Dois trechos evidenciam a resposta ao problema suscitado: "É preciso que o paciente seja hidratado no hospital, tão logo apareçam alguns desses sinais, pois o quadro clínico da dengue hemorrágica se agrava rapidamente e pode levar a pessoa à morte em até 24 horas"; e "Por isso, logo após a febre ceder, deve-se esperar 72 horas e prestar atenção ao agravamento do quadro clínico, realizando hemogramas e fazendo uma hidratação diferenciada com acompanhamento médico".

A conclusão avaliativa de uma explicação pode ser dita de maneira indireta, como ocorre nesse exemplo, em que se infere que não se deve permitir que o paciente morra de dengue hemorrágica, sendo possível salvá-lo. Importa entender, assim, que um texto dominantemente explicativo não se presta ao desenvolvimento de uma opinião nem à contestação de outra(s), mas, tão somente, à informação de como o "problema" apresentado pode ser resolvido e por quê. Quando um texto se organiza por uma sequência argumentativa dominante, a situação é outra: tem-se um ponto de vista sobre um fato, ou sobre um problema, sobre algo ou alguém; o locutor se empenha em demonstrar, provar que sua opinião é sustentável e bastante adequada. Vejamos um trecho organizado por sequência argumentativa, no exemplo 27, a seguir.

Exemplo 27

As virtudes e as desvirtudes do mundo virtual

Os tempos modernos, com sua tecnologia avançada, seus artefatos, inimagináveis até bem pouco tempo, forçam-nos a fazer reflexões que para algumas pessoas podem não ter importância ou soar como perda de tempo, algo como discutir o sexo dos anjos. Mas que, para quem trabalha com a palavra, com o texto, são, no mínimo, curiosas. [...]

Um questionamento que se tem feito se refere à perenidade do livro impresso, em uma época que nos oferece bibliotecas inteiras de livros virtuais. Semana passada, conversei com um professor que abraçou a tarefa de equipar de livros as escolas oficiais do estado do Ceará. Ele me disse que o estado está comprando livros virtuais em vez dos tradicionais livros impressos. Em termos de custo-benefício, explicou-me ele, há uma grande vantagem. Vejamos: um livro virtual – um e-book, como está sendo chamado – custa três ou quatro vezes um livro impresso. Acontece que ele atende a incontáveis leitores, ao mesmo tempo, o que redunda em uma economia inimaginável.

Sabemos que muitos estudiosos, como Umberto Eco, não acreditam no desaparecimento do livro impresso e em sua substituição pelo livro virtual. Eco fala na duração: um cd dura cinco anos, enquanto um livro impresso dura cinco séculos. Desfia ele as inconveniências dos eletrônicos: que fazer, quando falta energia? quando um equipamento cai e se quebra? quando um suporte é substituído por um mais moderno? Mas fala, também, no conforto e na conveniência dos livros impressos, vantagens que os virtuais não nos oferecem. [...]

Não sei se na *sua* época já se haviam popularizado os aparelhos portáteis próprios para a leitura de livros digitais. São do tamanho de um celular, cabem no bolso, mas sua tela, quando *abertos, estende-se até cinco polegadas. Um aparelho como esse invalida algumas das objeções feitas por Eco.*

É por ter em vista essas soluções tecnológicas que abordo o assunto com outro tipo de argumentação. Há algo, a meu ver, muito mais importante e muito mais forte do que as razões de Umberto Eco a nos dizer que o livro impresso dificilmente será substituído pelo livro eletrônico: o fetiche que esse objeto de 500 anos tem. Esse fetiche advém de uma tradição de séculos, de uma longa história, que empresta ao livro impresso um caráter quase sagrado, o que faz com que seu autor e seu leitor se sintam herdeiros de um artefato mágico.

Nenhum escritor ou aprendiz de escritor, como eu, conforma-se em ter somente leitores virtuais. Sabemos que um texto publicado em um site, em um blog, no Facebook, ou algo que os valha, é infinitamente mais lido do que um texto publicado em um livro impresso; mas não nos conformamos – queremos ter o objeto sagrado nas mãos, aspirar seu cheiro característico, sentir sua aspereza. Achamo-nos menores, quando nossa obra fica limitada ao mundo virtual.

Publico, senhores leitores, textos no site Câmara Brasileira dos Jovens Escritores, que todos os meses lança coletâneas de textos escolhidos – na versão impressa

e na versão virtual. Os autores mais lidos são assinalados com uma estrela: uma estrela prateada indica que esse autor já atingiu mais de 5.000 leitores; uma estrela dourada, que o autor alcançou mais de 50.000 leitores. Cinquenta mil leitores! É uma quantidade estonteante para publicações impressas, no Brasil, mesmo acumuladas por anos. Mas não nos conformamos com esse número miraculoso. Queremos o livro impresso. Podemos ter um blog particular, enviar trabalhos para variados sites... não nos satisfazemos, queremos ver nosso nome impresso em papel. [...]

Como se vê, a vida de quem trabalha com a palavra não é tão simples assim. Há uma relação autor-obra-leitor, indispensável no mundo que se constrói com palavras. [...]

Fonte: Trecho cedido da crônica inédita de Vicência Jaguaribe.

Nessa crônica, a autora mobiliza argumentos para defender a tese de que nem sempre os artefatos tecnológicos satisfazem plenamente o indivíduo, ou, mais particularmente, a de que os livros virtuais não substituíram os livros impressos, pois estes exercem um verdadeiro fascínio sobre os leitores e, principalmente, sobre os escritores.

Como se percebe, o modo de organização argumentativo tem como função defender um ponto de vista, em um enfoque racional, a fim de convencer o interlocutor. Tem por princípio, de um lado, a lógica argumentativa; de outro, a colocação desse dispositivo em um enquadramento argumentativo, no qual argumentos são selecionados para comprovar uma tese, uma tomada de posição a respeito de um assunto polêmico, havendo um empenho do locutor em persuadir o seu interlocutor. Desse modo trataremos a seguir.

Modo de organização argumentativo

Todo texto argumentativo fundamenta-se em um processo silogístico, em que, por meio de uma generalização, ou premissa maior, insere-se uma premissa menor, que conduz o raciocínio a uma conclusão. Assim, o texto fundamenta-se em um dispositivo argumentativo em que o locutor, um sujeito argumentador em interação com o interlocutor, diante de uma temática polêmica, propõe defender ou discutir uma tese, que é uma afirmação/asserção (ou sua tomada de posição) a respeito de uma problemática.

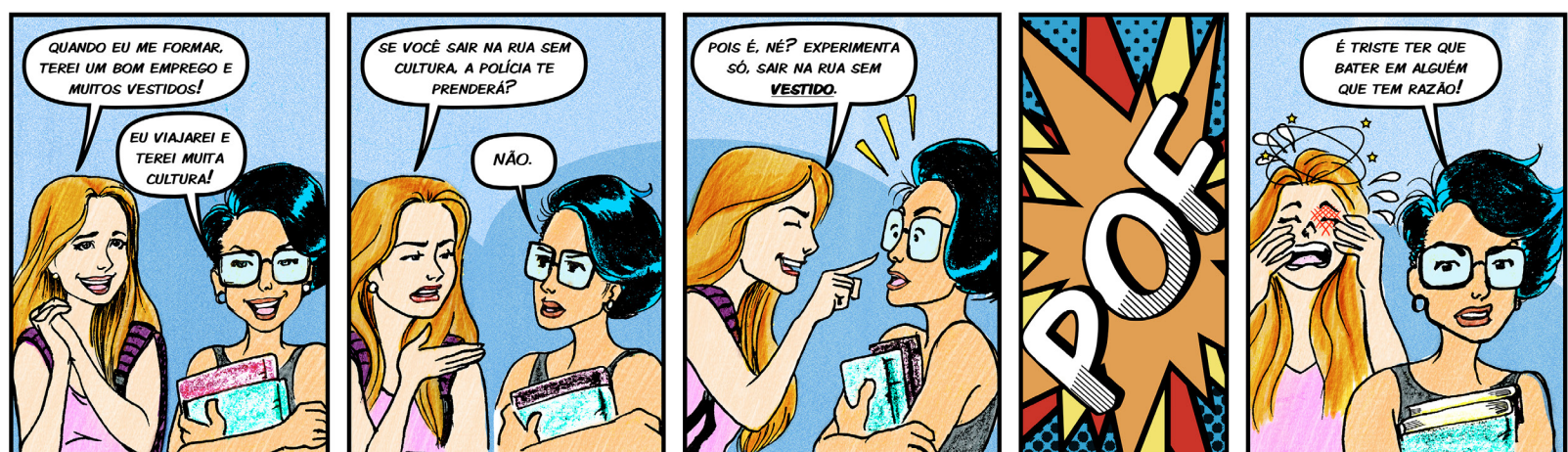
Na crônica do exemplo 27, a autora acorre a um jogo polêmico entre as vantagens e desvantagens dos livros digitais. Para confirmar as vantagens,

ela cita o depoimento de um professor que foi bem-sucedido na tarefa de equipar de livros as escolas públicas, adquirindo livros virtuais. O argumento que subjaz a esse depoimento é de que os livros digitais redundam em grande economia.

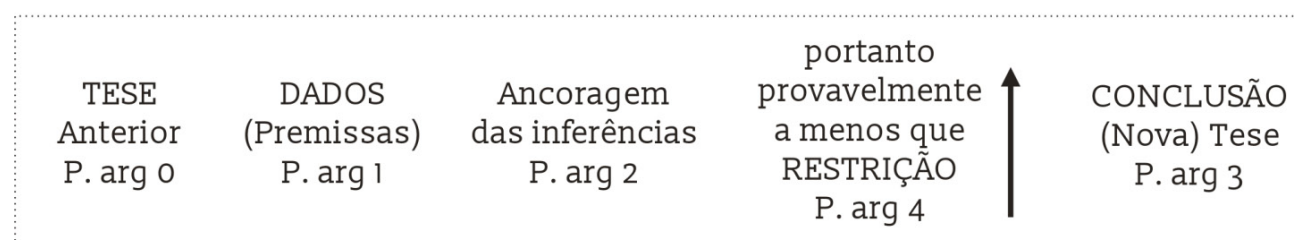
Para contraditar essa possível vantagem, a autora menciona o propalado artigo do escritor Umberto Eco que fala sobre as conveniências do livro impresso: dura mais que o virtual, resiste à falta de energia, não quebra quando cai e dá mais conforto ao leitor.

Logo em seguida, a autora comenta sobre algumas vantagens dos livros digitais que poderiam servir de contra-argumento para a opinião do próprio Eco. Mas o faz apenas para atingir o ponto máximo da construção de seu ponto de vista, quando defende que leitores e escritores têm uma relação afetiva com o livro impresso. Contra o que é da ordem do afeto, não há argumentos lógicos ou plausíveis.

Como se vê, para melhor persuadir, o locutor busca fundamentar-se em argumentos. Um texto organizado pelo modo argumentativo objetiva intervir nas opiniões, nas atitudes ou nos comportamentos de um interlocutor ou de uma audiência mais ampla, com vista a tornar mais confiável ou aceitável uma conclusão inferível a partir dos argumentos apresentados. Argumentos bem escolhidos são tão eficazes que podem deixar o interlocutor desarmado, sem saber como contraditá-los. É o que aparece na tirinha do exemplo 28, a seguir:

Exemplo 28

Assim como as demais sequências textuais vistas anteriormente, a argumentativa também obedece a um padrão: o texto começa, muitas vezes, por um comentário opinativo geral (a tese inicial) a respeito da temática a ser desenvolvida; apresenta alguns argumentos, que podem ser polemizados ou não com contra-argumentos explícitos (a restrição); e fornece elementos para que, por inferência, o interlocutor chegue à tese central (a opinião principal do texto, a nova tese). O esquema do padrão da sequência argumentativa idealizado por Adam está apresentado a seguir:

SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA

TESE Anterior P. arg 0	DADOS (Premissas) P. arg 1	Ancoragem das inferências P. arg 2	portanto provavelmente a menos que RESTRIÇÃO P. arg 4	↑	CONCLUSÃO (Nova) Tese P. arg 3

É fundamental que não se confunda o tema, que é o tópico central de um texto, com a ***tese***, que é a opinião que o locutor quer sustentar. Já os dados, ou ***argumentos,*** são as provas que permitem embasar o ponto de vista defendido. O modo argumentativo supõe polos opostos: o das opiniões do locutor, que tenta construir e ordenar argumentos para relacioná-los à tese central; o de outras opiniões contrárias à dele, que podem aparecer de maneira explícita ou estar apenas pressupostas.

Vejamos um exemplo de sequência argumentativa dominante em uma nota de enquete jornalística que o jornal O Povo, de Fortaleza, publica, periodicamente, na seção OPINIÃO, na coluna Confronto das ideias (Exemplo 29 a seguir). Nessa enquete, o jornal formula um questionamento em torno de uma temática polêmica e os articulistas se posicionam ou a favor dela, ou contra:

Exemplo 29

O POVO[sic]

Fortaleza-Ce, sexta-feira, 5 de junho de 2015.

O (a) senhor (a) concorda com o projeto de criminalização do porte de arma branca que está em tramitação no Congresso Nacional?

NÃO

O grande debate nacional da atualidade incentivado pela mídia é a criminalização do porte de faca, considerado arma branca pela Lei de Contravenções Penais. Ante o esfaqueamento e morte de um médico por dois menores na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, um projeto de lei de 2004 foi desarquivado, e, conforme relatos da imprensa, será apresentado pelo presidente da Câmara dos Deputados ainda neste mês de junho. Referido projeto busca aumentar a pena do crime de roubo se este for praticado com o uso de faca que tenha lâmina igual ou superior a 10 centímetros.

Causa-me espanto que, mais uma vez, o direito penal venha a ser chamado para resolver um problema que não tem nada a ver com a legislação criminal, mas com o desenvolvimento de políticas públicas. Ora, a lei penal não tem condições de resolver problemas decorrentes de desigualdades sociais. Este remédio é amargo, porque aumenta a população carcerária, e não tem efeito algum sobre a redução dos índices de criminalidade. Importante lembrar que a famigerada lei dos crimes hediondos foi promulgada com o mesmo objetivo, e, desde então, os índices de homicídio no Brasil cresceram exponencialmente. Outro exemplo visível foi a Lei do Desarmamento, que não reduziu os índices de crimes praticados com uso de arma de fogo.

Diante do absurdo da proposta de mais este projeto de lei de caráter nitidamente populista, os anseios sociais por uma sociedade menos violenta não serão atendidos. Da mesma forma, não terá qualquer efeito na redução da criminalidade a redução da maioridade penal. Aliás, tratam-se de medidas contraditórias: no intuito de diminuir a criminalidade, reforça-se a resposta penal, aumentando-a. Em outras palavras, medidas penais não produzirão qualquer efeito para a resolução de crimes, violentos ou não. Estamos no momento mais adequado para discutir, com seriedade, o que queremos de uma legislação penal.

Nestor E. A. Santiago

nestoreasantiago@gmail.com

Advogado criminalista, professor da Unifor e da UFC e doutor em Direito

Fonte: Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2015/06/05/noticiasjornalopiniao,3449022/confronto-das-ideias.shtml>. Acesso em: 13 out. 2015.

Essa nota de enquete jornalística (que, neste caso, aparece estruturada como um artigo de opinião curto) tem início com a tese inicial de que a criminalização do porte de faca (considerada uma arma branca pela Lei de Contravenções Penais) tem sido o grande debate nacional da atualidade. Deve-se notar que a "tese inicial" não coincide com a tese que o locutor quer defender, ainda que possa, por vezes, anunciá-la. Mas, no presente texto, ela se reduz a um comentário cuja única finalidade é situar a temática do debate.

O locutor justifica, em seguida, a razão pela qual o tema ganhou evidência nas mídias: houve o esfaqueamento e a morte de um médico por dois menores na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Acrescenta que esse fato motivou o desarquivamento de um projeto de lei que "busca aumentar a pena do crime de roubo se este for praticado com o uso de faca que tenha lâmina igual ou superior a 10 centímetros".

Assim, só após a delimitação do tema, o locutor procede à seleção dos argumentos para a elaboração de sua tese ou ponto de vista central. Valendo-se uma técnica argumentativa de causa e consequência, ele emite uma opinião de que não é uma lei penal que vai resolver os problemas decorrentes de desigualdades sociais e justifica por quê: esse tipo de "solução" é um remédio amargo, "porque aumenta a população carcerária e não tem efeito algum sobre a redução dos índices de criminalidade".

Para reforçar a ideia da ineficiência da lei penal para diminuir as desigualdades sociais, o locutor constrói outro raciocínio causal: demonstra, apelando para a técnica da exemplificação, que certas leis promulgadas só repercutiram no aumento do índice de homicídios, não na diminuição. Com isso, argumenta, indiretamente, contra todos aqueles que seguem uma direção oposta à dele. É assim que fica subentendida uma opinião contrária à que é defendida no texto. Essa posição contra a qual a tese do texto se coloca é a restrição, ou contra-argumentação. Cumpre notar, ainda, que esse movimento de argumentar e contra-argumentar é cíclico dentro de um texto. E, mesmo que o contra-argumento não venha explicitado, ele sempre existirá.

Os argumentos serão tão mais eficazes quanto mais eficientes forem as técnicas ou as estratégias argumentativas empregadas para chamar a atenção sobre eles. No caso em análise, as leis promulgadas funcionam como argumentos para a tese de que aumentar a pena não faz recrudescer a criminalidade; uma das técnicas usadas para demonstrar a razoabilidade disso é o exemplo. Citam-se exemplos de leis particulares para construir um ponto de vista geral, como nos seguintes trechos: "Importante lembrar que a famigerada lei dos crimes hediondos foi promulgada com o mesmo objetivo, e, desde então, os índices de homicídio no Brasil cresceram exponencialmente"; e "Outro exemplo visível foi a Lei do Desarmamento, que não reduziu os índices de crimes praticados com uso de arma de fogo".

Tanto os argumentos quanto as restrições estão ancorados em conhecimentos do senso comum, compartilhados no meio social em que a comunicação se insere. São as crenças e os princípios gerais que permitem estabelecer relações de pertinência entre os argumentos que selecionamos e a conclusão sobre a opinião principal do texto argumentativo. Neste caso, o articulista sustenta a tese de que "medidas penais não produzirão qualquer efeito para a resolução de crimes, violentos ou não". Para isso, fica implícita ainda uma espécie de comparação: se não deu certo antes, com essas leis, não dará certo agora. Como afirma Wakovickz (2010), a comparação pode ser utilizada para o exercício da desqualificação, ao promover uma escolha por um dos elementos relacionados.

Outras técnicas de argumentação podem tornar ainda mais persuasivo um texto, como o argumento de autoridade; o uso dos próprios argumentos do interlocutor para rebater o ponto de vista dele; a analogia; a transitividade dos silogismos, entre outros. Na lógica, como explica Fiorin (2015), a transitividade se espelha na relação matemática transitiva: se $a = b$, e $b = c$, então $a = c$. Por exemplo:

A	todo mundo tem direito a uma segunda chance
B	eu faço parte do mundo
C	logo eu tenho uma segunda chance

Deriva-se, pois, nesse tipo de silogismo, uma conclusão necessária, uma vez que a primeira premissa, "todo mundo tem direito a uma segunda chance", contém a segunda, "eu faço parte do mundo"; logo, se eu faço parte do mundo, então também tenho esse direito. Mas, nas técnicas argumentativas, a conclusão que deriva do raciocínio transitivo é apenas provável, como no exemplo dado por Fiorin (2010, p. 127): "Se o Clio é mais econômico do que o Volkswagen Up, e este é mais econômico do que o Nissan March, então o Clio é mais econômico do que o Nissan". É óbvio que esse argumento não está levando em consideração outras características desses modelos de automóvel, para afirmar, com segurança, que um é melhor do que o outro. Mas nisso consiste a arte de persuadir alguém de que uma dada tese deve ser aceita.

Por isso, apelamos para diversas técnicas de argumentação muito frequentes no dia a dia. Como conclui Fiorin (2015, p.19), "Os argumentos são os raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese".

Em textos de sequência argumentativa dominante, dois movimentos são essenciais para estabelecer relações entre os dados e a conclusão opinativa a que eles conduzem: um é a seleção e a hierarquização dos argumentos que possam ser adequados à tese pretendida; outro é a escolha de técnicas ou estratégias argumentativas que façam os argumentos parecer convincentes porque seriam capazes de afetar o interlocutor. Mostrar ao aluno as possibilidades de tornar sua argumentação mais convincente é um dos desafios do professor de língua portuguesa, em qualquer nível de escolaridade.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **Eléments de linguistique textuale.** Liège: Mardaga, 1990.

______. **Les textes:** types et prototypes. Paris: Nathan, 1992.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato.** Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]. p. 45.

CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em construção**. Rio de Janeiro: Moderna, 2001. p. 104.

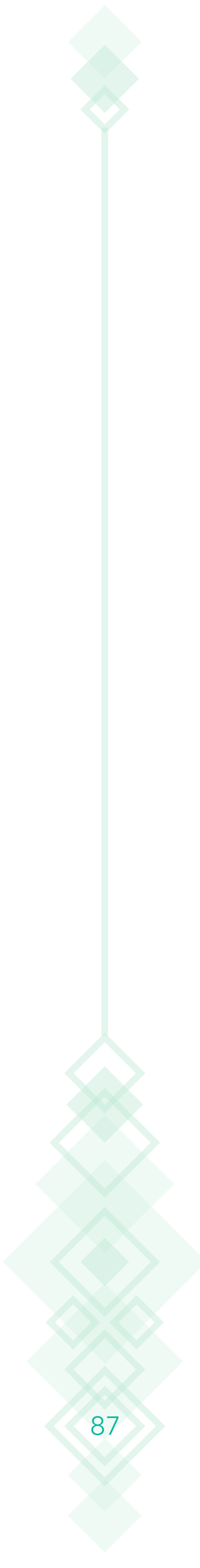
CHARAUDEAU, P. **Langage et discours**. Paris: Hachette, 1983.

______. **Linguagem e discurso:** modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

FOLHA De São Paulo. São Paulo, 18 jan. 2016. Caderno B, Cotidiano. p. 6.

FOLHA De São Paulo. São Paulo, 15 set. 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1509200501.htm>. Acesso em: 27 jun. 2017.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

O DIA. Rio de Janeiro, 12 ago. 2009, Primeiro Caderno, p. 3.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SABINO, Fernando. **Protesto tímido**, 2015. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009>. Acesso em: 22 abr. 2015.

SILVA, Aurenívia Ferreira da. **Um estudo da realização da sequência narrativa no gênero notícia**. 2008. 80 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2007.

SILVA, Rebelo da. Última corrida de touros em Salvaterra. **Contos bem contados,** 2016. Disponível em: <http://contosbemcontados.blogspot.com.br/2008/06/ltima-corrida-de-touros-em-salvaterra.html>. Acesso em: 20 jan. 2016.

TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1982.

VERÍSSIMO, Érico. **O resto é silêncio,** 2009. Disponível em: <http://artigosefemeros.blogspot.com.br/2009/07/o-resto-e-silencio-de-ericoverissimo.html>. Acesso em: 22 abr. 2014.

WEIL, P.; TOMPAKOW, **R. O corpo fala:** a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Petrópolis: Vozes, 1973.

Pondo em prática

Este capítulo se destina à sugestão de atividades de fixação dos conteúdos estudados, as quais o professor poderia ajustar a cada série no nível Fundamental de ensino. Os diferentes modos de organização textual definem padrões de composição do texto, por vezes confundidos com gêneros do discurso pela escola. Os textos, a depender do gênero a que atendem e, consequentemente, dos contextos enunciativos e socioculturais a que se integram, podem compor-se dominantemente por um destes modos de organização: narração, descrição, argumentação e explicação. Dizemos que dependem do gênero do discurso e das práticas sociais em que eles acontecem porque nem sempre um desses padrões de organização é dominante no texto. Alguns gêneros, como a crônica, o anúncio, a carta, o e-mail pessoal, permitem mais flexibilidade e mais informalidade, de tal maneira que o texto pelo qual se manifestam apresenta-se tão heterogêneo no modo de organizar os tópicos que não se poderia enquadrá-lo em uma única sequência dominante.

Entretanto, não poderíamos lidar com heterogeneidades se não houvesse modos homogêneos padronizados, e eles podem ser um valioso ponto de partida para as aulas de compreensão e produção de textos, na medida em que não se limitam a fórmulas que emolduram os tipos de texto, mas se expandem ao estreito relacionamento entre os aspectos superestruturais do texto, a macroestruturação das unidades de conteúdo mais ou menos previsíveis para cada gênero do discurso, as escolhas lexicais e as orientações persuasivas que entrelaçam todos os fatores de textualidade. Com a caracterização desses modos de organização pelos quais podem pautar-se tipicamente os textos, pretendemos contribuir para conscientizar o professor de que é producente mostrar as possibilidades composicionais dos textos e refletir sobre sua funcionalidade nas práticas linguageiras — talvez um bom começo para direcionar o aluno a uma leitura mais crítica e a uma produção textual menos ingênua e improfícua.

Este capítulo sugere algumas atividades de leitura e de escrita que devem ser adaptadas pelo professor para cada realidade com a qual se depara em sua lida de sala de aula. Dividimo-lo em duas partes: a primeira contém exercícios relativos a cada uma das sequências descritas neste e-book, seguidos de um pequeno comentário que possa auxiliar o professor nas explicações que advirão de cada tarefa; a segunda contém blocos de tarefas mais gerais de compreensão textual e de escrita, igualmente comentadas.

Modo de organização descritivo

Atividade 1

Os itens a seguir devem ser resolvidos de acordo com o próximo texto:

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras.
Mulheres entre laranjeiras.
Pomar, amor, cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.
Êta vida besta, meu Deus...

Fonte: Andrade (*1978, p. 34*).

a) O que está sendo descrito no poema, ou seja, o que está sendo tematizado na descrição?

b) Que aspectos do objeto descrito foram destacados, ou aspectualizados, no poema?

c) Essa aspectualização repercute na seleção dos termos que vão orientar os pontos de vista do locutor. Observe, neste texto, que a carga positiva ou negativa que se pode perceber advém da escolha das caracterizações. Assim, releia o texto de Carlos Drummond de Andrade e identifique o ponto de vista do locutor sobre o objeto descrito. Retire 2 trechos que comprovem sua resposta.

Trata-se da descrição de uma cidade pequena do interior, em que a vida apenas passa, e nada parece acontecer na pasmaceira do lugar. Essa sensação é construída pelo locutor por uma série de recursos lexicais e sintáticos, como o adjetivo "qualquer" atribuído a "cidadezinha" no título, que define a tematização e orienta o ponto de vista que vai ser construído: o de vida sem "graça", reforçado por sintagmas nominais que aspectualizam o cenário de cidade pequena: "Casa

entre bananeiras/ mulheres entre laranjeiras/ pomar, amor, cantar". Vale notar que o adjetivo "besta" (assim como outros) nem sempre tem carga pejorativa, mas, neste caso, tem e colabora para a representação de um referente de vida pacata, sem grandes acontecimentos, o que é normal numa "cidadezinha qualquer". As estruturas sintáticas paralelas e a repetição vocabular na segunda estrofe intensificam a representação de monotonia: "Um homem vai devagar./Um cachorro vai devagar./ Um burro vai devagar". O advérbio "devagar" ainda aparece no penúltimo verso, que também estabelece relações (o que é próprio das descrições) com a concepção de "fofoca", daí a personificação "as janelas olham". O verso final é a expressão máxima do sentimento de enfado que as interjeições "Eta" e "meu Deus" sintetizam e que se confirmam no adjetivo "besta". O belo do poema, que dá literariedade ao texto, cria-se a partir das orientações de sentido que as formas linguísticas articulam para construir referentes no contexto ficcional.

Atividade 2

A descrição não é isenta de argumentação, pois, ao colocar em relevo certos elementos, o locutor denuncia um ponto de vista e deixa indicações no cotexto que orientam o interlocutor a alcançá-lo. Como a função básica da descrição é caracterizar ou qualificar o objeto focalizado, a escolha dos vocábulos tem um peso na persuasão, uma vez que orientam para uma avaliação. Identifique, no exemplo a seguir, a caracterização que confirma a força física do personagem Jerônimo:

"Jerônimo era alto, espadaúdo, construção de touro, pescoço de Hércules, punho de quebrar um coco com um murro; era a força tranquila, o pulso de chumbo".

Fonte: Azevedo (2011, p. 64).

Através da descrição, o locutor pode intervir no texto, conduzindo o raciocínio do interlocutor para aspectos positivos ou negativos em relação ao objeto, personagem ou fato em destaque. No caso em análise, os predicativos <u>alto,</u> <u>espadaúdo</u>, <u>construção de touro</u> e todos os outros elementos que seguem ao verbo <u>ser</u> contribuem para valorizar a compleição física e a força de Jerônimo. Assim, no relevo dado a alguns elementos hierarquizados, que constroem um sentido para o texto como um todo, na descrição de aspectos, ou nas ações dos personagens, há sempre um componente a ser destacado, um ponto de vista que direciona um sentido para o texto.

Por isso, na escolha lexical, no uso de determinados vocábulos, faz-se sempre uma seleção que gera uma expectativa de sentido e um compromisso do locutor. Explicitar esses aspectos é desvendar estratégias de construção do texto descritivo, que estão ligadas a estratégias de persuasão.

Atividade 3

A sequência descritiva pode constituir um precioso instrumento para a composição de textos dominantemente narrativos, explicativos ou argumentativos, uma vez que ela realça certos detalhes de objetos, cenas, pessoas, fatos, animais etc. No modo de organização argumentativo, por exemplo, pequenas sequências descritivas podem ser inseridas, tornando mais relevantes os aspectos descritos e transformando-os em argumentos para as ideias defendidas pelo locutor do texto. Leia o texto seguinte, que poderia perfeitamente constituir um gênero crônica, e destaque três trechos que ajudem a construir o ponto de vista do locutor sobre a ideia de que a afinidade é o mais *sutil, delicado e penetrante dos sentimentos*, e também *o mais independente*. Em seguida, justifique por que selecionou esses trechos.

AFINIDADE – Arthur da Távola

A afinidade não é o mais brilhante, mas é o mais sutil, delicado e penetrante dos sentimentos. É o mais independente. Não importa o tempo, a ausência, os adiamentos, as distâncias, as impossibilidades. Quando há afinidade, qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, a conversa, o afeto no exato ponto em que foi interrompido. Afinidade é não haver tempo mediando a vida. É uma vitória do adivinhado sobre o real. Do subjetivo para o objetivo. Do permanente sobre o passageiro. Do básico sobre o superficial.

Ter afinidade é muito raro. Mas, quando existe, não precisa de códigos verbais para se manifestar. Existia antes do conhecimento, irradia durante e permanece depois que as pessoas deixaram de estar juntas. O que você tem dificuldade de expressar a um não-afim, sai simples e claro diante de alguém com quem você tem afinidade.

Afinidade é ficar longe pensando parecido a respeito dos mesmos fatos que impressionam, comovem ou mobilizam. É ficar conversando sem trocar palavras. É receber o que vem do outro com aceitação anterior ao entendimento. Afinidade é sentir com. Nem sentir contra, nem sentir para, nem sentir por, nem sentir pelo. Quanta gente ama loucamente, mas sente contra o ser amado! Quantos amam e sentem para o ser amado, não para eles próprios! Sentir com é não ter necessidade de explicar o que está sentindo. É olhar e perceber. É mais calar do que falar, ou, quando é falar, jamais explicar: apenas afirmar. Afinidade é jamais sentir por. Quem sente por, confunde afinidade com masoquismo. Mas

quem sente com, avalia sem se contaminar. Compreende sem ocupar o lugar do outro. Aceita para poder questionar. Quem não tem afinidade, questiona por não aceitar.

Afinidade é ter perdas semelhantes e iguais esperanças. É conversar no silêncio, tanto nas possibilidades exercidas quanto nas impossibilidades vividas. Afinidade é retomar a relação no ponto em que parou sem lamentar o tempo de separação. Porque tempo e separação nunca existiram. Foram apenas oportunidades dadas (tiradas) pela vida, para que a maturação comum pudesse se dar. E para que cada pessoa pudesse e possa ser, cada vez mais, a expressão do outro sob a forma ampliada do eu individual aprimorado.

Fonte: Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/afinidade/>. Acesso em: 20 jan. 2016.

O texto elege a temática da afinidade para sustentar a opinião de que esse sentimento que se estabelece entre pessoas que se amam e se respeitam é de uma grandeza superior a muitos outros. Para dar sustentação a esse ponto de vista, o locutor insere inúmeros trechos de sequência descritiva, muitos deles compostos por estruturas de definição, como:

"Afinidade é ficar longe pensando parecido a respeito dos mesmos fatos que impressionam, comovem ou mobilizam. É ficar conversando sem trocar palavras. É receber o que vem do outro com aceitação anterior ao entendimento. Afinidade é sentir com. Nem sentir contra, nem sentir para, nem sentir por, nem sentir pelo."

"Afinidade é jamais sentir por."

"Afinidade é ter perdas semelhantes e iguais esperanças. É conversar no silêncio, tanto nas possibilidades exercidas quanto nas impossibilidades vividas. Afinidade é retomar a relação no ponto em que parou sem lamentar o tempo de separação."

Atividade 4

Uma função da descrição é a indicação de elementos que fazem parte do tema-núcleo de um texto, de acordo com os objetivos do locutor. Assim como a descrição pode servir ao modo de organização argumentativo, pode também – e com mais frequência ainda – servir ao modo de organização narrativo. Se o texto é dominantemente narrativo, é de se esperar que contenha segmentos descritivos, ou para caracterizar o tempo e o espaço em que se dá a narrativa, ou para dar detalhes dos personagens. O texto a seguir é uma reprodução de anedotas populares. Reconheça, nesse texto, os trechos descritivos inseridos e explique como as características do personagem menino colaboram para a compreensão dos sentidos da narrativa:

Era uma vez um menino magrinho, de olhos vivos e com cara de levado, do sertão de Pernambuco. Na soalheira danada do meio-dia, estava ele sentado na poeira do caminho, imaginando bobagem, quando passou um gordo vigário, a cavalo:

– Você aí, menino, para onde vai essa estrada?

– Ela não vai, não senhor, nós é que vamos nela.

– Engraçadinho... Como você se chama?

– Eu não me chamo não senhor, os outros é que me chamam de Zé.

Fonte: Campos (2015, p. 228).

A descrição, nesta ocorrência, concentra-se no primeiro parágrafo, em que são apresentados, no cenário da narrativa, os dois personagens que atuam na história: o menino e o vigário. Ambos são descritos de forma caricaturesca: "Era uma vez um menino magrinho, de olhos vivos e com cara de levado, do sertão de Pernambuco. Na soalheira danada do meio-dia, estava ele sentado na poeira do caminho, imaginando bobagem, quando passou um gordo vigário, a cavalo". O menino é "magrinho, de olhos vivos e com cara de levado, do sertão de Pernambuco", uma representação que socialmente se faz de crianças espertas. O vigário é tipicamente gordo e percorre as longas distâncias a cavalo, como em muitos sertões. A cena se passa no sertão de Pernambuco, "na soalheira danada do meio-dia", em uma estrada empoeirada. Essa elaboração dos personagens, do tempo e do lugar, geralmente explicitada em sequências descritivas inseridas, é importante para situar o enredo a se desenrolar na narrativa.

Atividade 5

Reconheça o texto dado a seguir como um texto descritivo, cuja organização é captada graças à estruturação do tema em subtemas, apresentados por meio de duas operações básicas: a aspectualização e a relação. Transcreva três fragmentos que identificam a sequência descritiva. Em seguida, resolva as questões propostas:

A mais nova casa noturna da Pauliceia, o Colúmbia, é também a mais badalada e atual coqueluche. Ela revive os anos dourados de um ponto tradicional dos Jardins, o cruzamento das ruas Estados Unidos e Augusta. Nos anos 50, o Colúmbia era uma requintada confeitaria, tradicional e familiar. Agora os três sócios com experiência no ramo transformaram o velho depósito da confeitaria, no andar superior, numa nova opção de lazer. São mais de 800 metros quadrados que se desdobram em quatro ambientes: três bares, com sólidos balcões originais de madeira e mármore, um restaurante e uma pizzaria, além de uma moderna discoteca, com projetores e telas de cinema [...].

Fonte: Jornal do Brasil (1991, p. 28).

a) Explique como o objeto descrito, o Colúmbia, é aspectualizado em relação a objetos afins. Que aspectos do Colúmbia foram selecionados para caracterizá-lo?

b) Que relações o locutor estabelece entre o Colúmbia e outras casas noturnas badaladas? Que relações estabelece entre o Colúmbia de antes e o de hoje?

Descrever é sempre aspectualizar, enumerar as partes de um objeto, de um lugar, de personagens, de acontecimentos, tendo em vista fazer uma identificação/denominação e uma definição. Enquanto denominar está mais para a temática e a classificação, definir consiste em uma expansão do tema em subtemas aos quais se associam atributos do ser e do fazer. A função principal do descritivo é manter uma relação de inclusão do todo com as partes, daí seu duplo papel: ao mesmo tempo que unifica o referente, ele o fragmenta no plano da aspectualização, do detalhamento. No texto em apreço, o locutor aspectualiza o tamanho e os compartimentos da casa noturna Colúmbia: *"São mais de 800 metros quadrados que se desdobram em quatro ambientes: três bares, com sólidos balcões originais de madeira e mármore, um restaurante e uma pizzaria, além de uma moderna discoteca, com projetores e telas de cinema"*.

Com o enaltecimento dessas partes, o todo se valoriza, e isso homologa o ponto de vista de que o Colúmbia como casa noturna é a coqueluche do momento em que o texto é escrito. Além disso, dois tipos de relação são estabelecidos. No primeiro, o locutor põe o Colúmbia em uma relação comparativa implícita, de um lado, com outras casas noturnas; de outro, com um ponto tradicional dos Jardins: "*A mais nova casa noturna da Pauliceia, o Colúmbia, é também a mais badalada e atual coqueluche. Ela revive os anos dourados de um ponto tradicional dos Jardins, o cruzamento das ruas Estados Unidos e Augusta.*" No segundo, há um cotejo entre o que o Colúmbia era nos anos 50 e o que é hoje: "*Nos anos 50, o Colúmbia era uma requintada confeitaria, tradicional e familiar.*"

Atividade 6

A descrição, muitas vezes, é convocada para compor textos de gêneros humorísticos, desses que circulam amplamente nas redes sociais. Veja como isso acontece no texto de humor seguinte, que simula um anúncio classificado de par perfeito:

> Homem de 40 anos, que só gosta de mulher, após casamento de sete anos, malsucedido afetivamente, vem através deste anúncio procurar mulher que só goste de homem para compromisso duradouro, desde que esta preencha certos requisitos:
>
> PRETENDIDO exige que a PRETENDENTE tenha idade entre 28 e 40 anos, não descartando, evidentemente, aquelas de idade seguinte do limite inferior, descartando as acima do limite superior. Devem ter um grau razoável de escolaridade, para que não digam, na frente de estranhos: 'menas vezes', 'quando eu si casar', 'pobrema no úter', 'eu já si operei de apênis', 'é de grátis', 'vamo de a pé', 'adoro tar com você' e outras pérolas gramaticais.
>
> Os olhos podem ter qualquer cor, desde que sejam da mesma e olhem para uma só direção. Os dentes, além de extremamente brancos, todos os 32, devem permanecer na boca ao deitar e nunca dormirem mergulhados num copo d'água.
>
> [...]

Fonte: Disponível em: <http://mundomisturado.com/2010/05/29/anuncio-para-arrumar-namorada/>. Acesso em: 22 out. 2015.

Agora, seguindo o modelo de gênero acima, produza um anúncio classificado humorístico tomando a si mesmo(a) como sujeito. Complete os trechos:

Garoto(a) de 14 anos vem, por este anúncio, procurar um(a) namorado(a) que preencha certos requisitos:

PRETENDIDO(A) exige que o(a) PRENTENDENTE tenha idade entre ________

Os olhos podem ser ____

Quem tiver interesse ____

O professor deve atentar para as restrições do gênero anúncio dos classificados de um jornal: o espaço reduzido, a diagramação, os aspectos tipográficos e, sobretudo, o que vai ser priorizado na hierarquização dos traços selecionados para a descrição no estabelecimento de relações associativas.

Modo de organização narrativo

Atividade 1

Como vimos, para existir narrativa, é preciso que os acontecimentos se sucedam no tempo, mesmo que as ações não sejam relatadas numa cronologia linear, normal. Também é necessário que haja uma tensão, um fato narrativo (conflito) que faça com que o interlocutor fique na expectativa do desenrolar dos acontecimentos e que se conduza para um fim.

Leia o texto seguinte e responda, em seguida, ao que se pede:

UMA QUESTÃO DE PRIORIDADE

Uma senhora bem idosa estava no convés de um navio de cruzeiro segurando seu chapéu firmemente com as duas mãos para não ser levado pelo vento.

Um cavalheiro se aproxima e diz:

— Me perdoe, senhora... não pretendo incomodar, mas a senhora já notou que o vento está levantando bem alto o seu vestido?

— Já, sim, mas é que eu preciso de ambas as mãos para segurar o chapéu.

— Mas, senhora... a senhora deve saber que suas partes íntimas estão sendo expostas! — disse o cavalheiro.

A senhora olhou para baixo, depois para cima, e respondeu:

— Cavalheiro, qualquer coisa que o Sr. esteja vendo aqui embaixo tem 85 anos. O chapéu eu comprei ontem.

Fonte: Disponível em: <http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2010/03/uma-questao-de-prioridade-277566.html>. Acesso em: 10 jan. 2016.

a) Como são descritos os personagens da piada e em que lugar/tempo ela se passa?

b) Qual a trama da piada? Cite um trecho que evidencie o clímax (ponto alto de tensão da narrativa).

c) Qual a resolução dos acontecimentos?

d) Toda narrativa é contada com um propósito. Diga qual a finalidade avaliativa da piada.

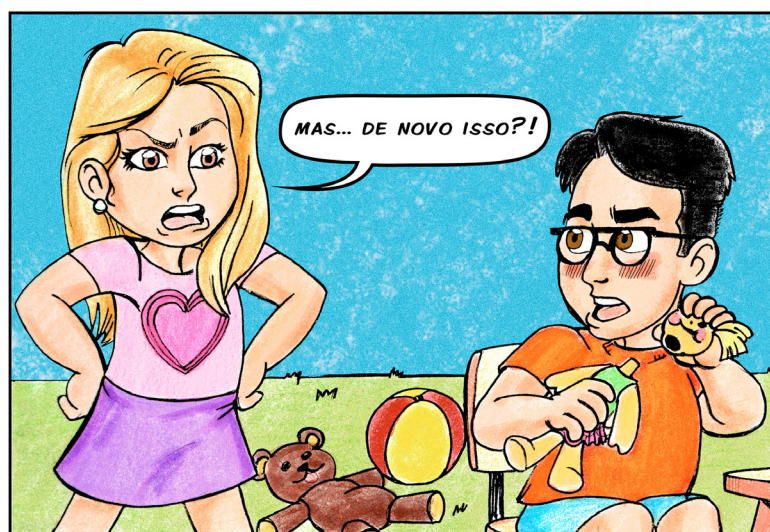
e) A narrativa das piadas deve levar ao riso. Que conhecimento de mundo é necessário para que se perceba o humor no texto em exame?

O propósito desta atividade é, primordialmente, evidenciar a presença da descrição como sequência inserida em textos dominantemente narrativos. Para isso, o aluno precisa identificar os trechos em que a situação da narrativa é apresentada sob o modo descritivo, observando as propriedades que são aspectualizadas nos elementos descritos.

Em seguida, o professor deve salientar que, diferentemente de um texto com dominância descritiva, um texto narrativo apresenta uma trama, uma transformação de predicados, o que faz com que uma dada situação que estava no estado 1 (no caso, a senhora idosa no convés de um navio segurando um chapéu) passe por sucessivas modificações até chegar ao estado 2, 3 etc., daí as fases de complicação, clímax e resolução.

Por fim, é necessário mostrar que toda narrativa é motivada por um princípio moral. Essa avaliação nem sempre está presente nos diversos gêneros cujos textos têm sequência narrativa dominante, mas ela existe de todo modo. Na piada em apreço, o bem material, o chapéu, passa a ser mais importante do que o valor de cobrir devidamente as partes íntimas para a boa convivência em nossa sociedade, que ainda preserva esse costume.

Atividade 2

Veja, com atenção, o quadrinho seguinte, que é parte de uma tira, e imagine a situação que está se passando. Em seguida, crie o restante da história. Desenhe balões com as falas dos personagens de tal modo que a trama se complique e depois se resolva ao final.

Uma sequência narrativa não se caracteriza apenas pela presença de personagens, nem pelo tempo nem pelo espaço sozinhos, nem pela sucessão de ações e acontecimentos. A narrativa requer uma sucessão de causas e efeitos

relacionados aos atores do enredo; são eles que põem os personagens no clímax, causado por algum motivo e, assim, constroem a configuração da trama, relacionando os acontecimentos que se sucedem. Neste exemplo, o aluno deve perceber que o fato narrativo (clímax) e os atores da narrativa são apresentados por elementos imagéticos apenas. Convém, num primeiro momento, solicitar ao aluno que reconheça as pistas cotextuais da imagem que permitem inferir sobre a trama que se passa no quadrinho. Num segundo momento, ele tentará elaborar a sucessão de acontecimentos em outro quadrinho, desenhado por ele a seu modo, mesmo sem ter habilidades artísticas para isso. O professor pode admitir a inclusão de balões para as falas e os pensamentos.

Atividade 3

Reflita sobre o esquema prototípico da narrativa, adaptado e modificado a partir do modelo de Adam (1992):

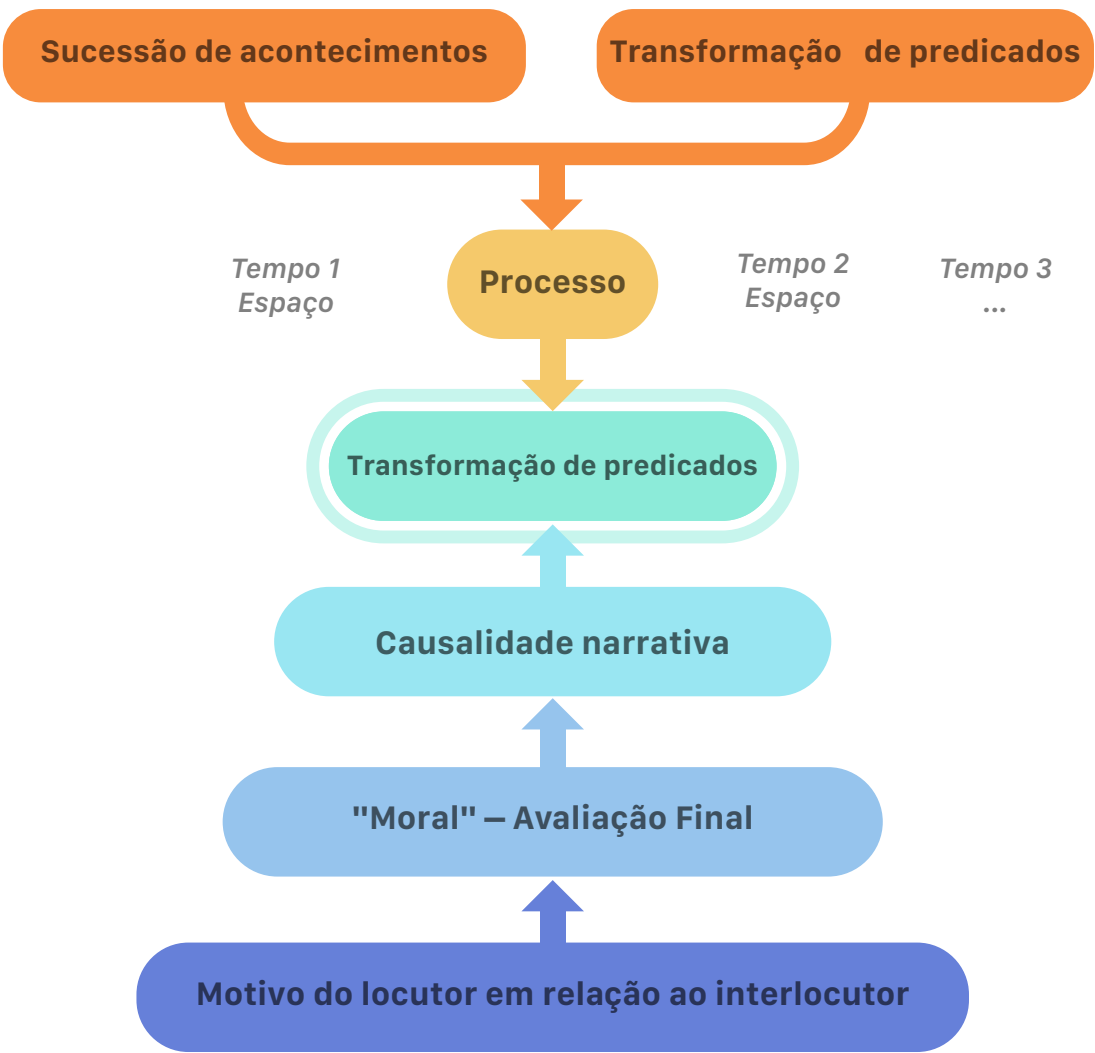



Figura 1: Esquema prototípico da narrativa

Fonte: Adam (1992).

Agora, identifique os elementos da narrativa, organizados acima, na parábola seguinte:

O MONGE MORDIDO

Um monge e seus discípulos iam por uma estrada e, quando passavam por uma ponte, viram um escorpião sendo arrastado pelas águas. O monge correu pela margem do rio, meteu-se na água e tomou o bichinho na mão. Quando o trazia para fora do rio o escorpião o picou. Devido à dor, o monge deixou-o cair novamente no rio. Foi então à margem, pegou um ramo de árvore, voltou outra vez a correr pela margem, entrou no rio, resgatou o escorpião e o salvou. Em seguida, juntou-se aos seus discípulos na estrada. Eles haviam assistido à cena e o receberam perplexos e penalizados.

— Mestre, o Senhor deve estar muito doente! Por que foi salvar esse bicho ruim e venenoso? Que se afogasse! Seria um a menos! Veja como ele respondeu à sua ajuda: picou a mão que o salvava! Não merecia sua compaixão!

O monge ouviu tranquilamente os comentários e respondeu:

— Ele agiu conforme sua natureza e eu de acordo com a minha.

Fonte: Disponível em: <http://paxprofundis.org/livros/parabolas/parabolas.html>. Acesso em: 20 out. 2015.

Parábola é uma narrativa alegórica curta que tem como propósito transmitir uma lição de sabedoria. A moral, neste caso, como um dos elementos da narrativa, é verbalizada pelo próprio personagem monge. O professor deve chamar a atenção do aluno para o fato de ser essa avaliação que instiga o locutor a narrar a história contada na parábola. O texto aborda a compaixão como tema e tem como sujeitos responsáveis pelas ações da narrativa o monge e seus discípulos. Pode-se solicitar ao aluno que reconheça os trechos em que se dá o clímax e o desdobramento dos fatos que se lhe seguem.

Atividade 4

Tendo em vista o esquema prototípico mostrado na questão anterior, redija, em pequenos grupos, uma parábola que explicite, no fim, a moral que a inspira.

Seria interessante que o professor acompanhasse, passo a passo, a execução desta tarefa, de maneira que ela fosse realizada por etapas. Assim, seria possível solicitar aos grupos que elegessem primeiro a moral que deveria servir de lição para alguma situação de vida, a qual eles também devem escolher logo. Em seguida, os grupos seriam instados a pensar na trama envolvendo os sujeitos e no que vai causá-la. Só então, começariam a redigir o texto.

Atividade 5

Imagine que você se inscreveu para um concurso de redação, promovido pelo governo federal e realizado em todas as escolas públicas, sobre memórias literárias. O concurso exige que você produza uma redação escolar, a ser lida apenas pela banca examinadora da seleção, sobre um fato muito marcante em sua vida. O texto, com no máximo 30 linhas, deve ser dominantemente narrativo e apresentar traços de um discurso literário.

O objetivo desta atividade é favorecer a produção de um texto que motive o aluno a escrever, particularmente narrar, com mais espontaneidade. O único fator que dificultará a naturalidade dessa contação é a exigência de recursos literários. Mas, se, para uns, isso é causa de dificuldades, para outros, é motivo de prazer, de fruição. Recomendamos que, em aulas anteriores a esta tarefa, sejam levadas para a sala de aula narrativas semelhantes, de caráter memorialístico, puxadas para o literário. A atividade permite, pois, a montagem de um texto de dominância narrativa e a incursão pelo terreno do literário, simultaneamente.

Modo de organização explicativo

Atividade 1

Vimos, no capítulo 2, que para construir um texto explicativo, é necessário colocar-se na posição de quem vai apresentar verdades incontestáveis, como se fosse portador de uma voz de autoridade. A explicação deve ser objetiva, clara e deve responder a uma indagação que se faz, explícita ou implicitamente. Dependendo do gênero em que figura o texto dominantemente explicativo, a pergunta "por que...?" pode se desdobrar em algumas outras, como em certas reportagens de revistas, panfletos de consultório médico ou odontológico, santinhos (pequenos prospectos de propagandas), matérias de sites de "tira dúvida" etc., como no texto seguinte. Respeitando a mesma linguagem objetiva e a mesma postura de autoridade, tente completar o texto respondendo ao último questionamento. Trata-se de um panfleto informativo que costuma ser divulgado em consultórios médicos e odontológicos. Note que, nestes casos, em torno da questão dos fatores que provocam o mau hálito, há outras que dela decorrem:

[...] Diga adeus ao mau hálito

Dúvidas mais frequentes:

Qual a causa do mau hálito?

A halitose é um sinal de que algo no organismo está em desequilíbrio e deve ser identificado e tratado. Existem mais de 50 causas e em aproximadamente 90% dos casos a origem é bucal. Pode ser de origem fisiológica (hálito da manhã, jejum prolongado, dietas inadequadas), razões locais (má higiene bucal, placas bacterianas retidas na língua ou amídalas, baixa produção de saliva, doenças da gengiva), ou mesmo razões sistêmicas (diabetes, problemas renais ou hepáticos, prisão de ventre e outros).

Por que há dificuldade em sentir o próprio hálito?

Como o olfato se adapta rapidamente a qualquer odor constante, o portador de halitose acostuma-se com o próprio hálito, não sendo capaz de perceber o seu problema.

Como saber se tenho mau hálito?

A melhor forma é perguntar a uma pessoa de sua inteira confiança se seu hálito está alterado ou costuma ser forte, em diferentes horários. Além disso, há profissionais capacitados que possuem aparelhos específicos para medir o seu hálito.

Mau hálito tem tratamento?

Sim. Existem profissionais especializados que podem solucionar esse problema, entretanto, o paciente tem papel fundamental na manutenção dos resultados. [...]

Fonte: Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/folder/10006003040.pdf>. Acesso em: 20 out. 2015.

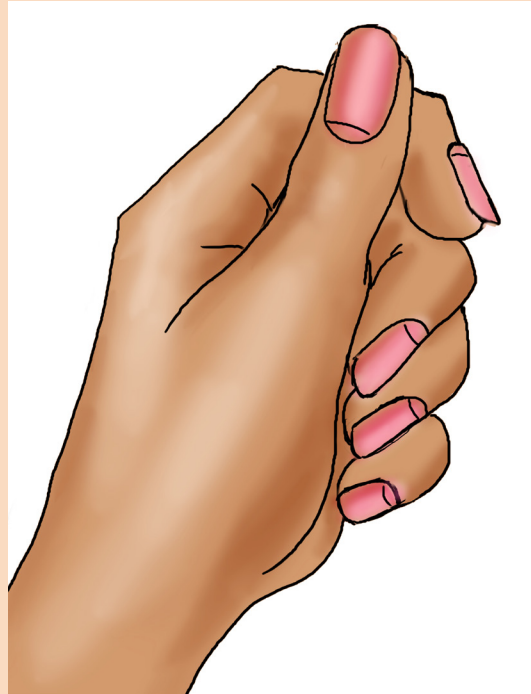
Responda à pergunta:

Por que tratar halitose?

Observação:

O aluno deve ater-se a problemas de embaraços sociais e familiares que o mau hálito causa. *Além da questão da saúde geral do paciente, o mau hálito pode causar constrangimentos sociais, afetivos e até profissionais com um comprometimento emocional importante em muitos de seus portadores. A pessoa com halitose sofre uma grande discriminação em seu meio.*

Atividade 2

Há mais de um modo de organizar textos explicativos. Um deles é por meio de uma justificação, que responda à pergunta: "por que afirmar isso...?". Atente para um trecho a seguir, extraído de sites que se prestam a expor gêneros de teor informativo, e responda: como ele se propõe a responder às perguntas *por quê?* e *como?*

Como fazer as unhas crescerem rápido e fortes? [sic]

As unhas, sobretudo para as mulheres, são muito importantes para sua estética e, por que não, para elas se sentirem dentro da moda. No entanto, muitas têm o mesmo problema: as unhas não crescem o suficiente ou quando crescem, são fracas e quebram facilmente. Neste artigo você aprenderá muito mais sobre o cuidado com as unhas para que essas fiquem sempre mais bonitas e saudáveis.

Por que a unhas quebram?

Para poder atacar o problema, primeiro é bom saber a causa de sua aparição. No caso das unhas, existem alguns hábitos ou atividades que podem prejudicá-las e evitar que cresçam saudáveis e fortes. Algumas das razões pelas quais talvez suas unhas não cresçam como gostaria são as seguintes:

– O hábito de roê-las

– Utilizar detergentes ou artigos de limpeza sem luvas

– Abrir garrafas ou tampas com elas

– Uma dieta pobre em vitaminas

– Fazer tarefas no jardim sem luvas

– Falta de higiene

– Não deixá-las "respirar" (isto é, ficar com elas muito tempo pintadas)

– Infecções como fungos

– Não consumir minerais. [...]

Fonte: Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/folder/10006003040.pdf>. Acesso em: 20 out. 2015.

Muitos desses textos, atrelados comumente a reportagens de revistas, a panfletos de consultório médico e odontológico, ou a matérias de sites "tira-dúvidas", respondem tanto à pergunta "como?", quanto à pergunta "por que?"; em muitas ocorrências, são constituídos por aspectos não somente verbais mas também imagéticos estáticos ou dinâmicos. Como no texto acima, os subtópicos já exibem a problematização em subtítulos, de modo a contribuir para a rápida localização das informações que o leitor busca. Assim, no texto em exame, a pergunta "por que as unhas quebram?" encabeça um subtópico já direcionado para justificar um problema por meio de uma dúvida bastante corriqueira. Outra pergunta esperável seria "como tratar?" ou "como prevenir?". O professor deve chamar a atenção do aluno para essa organização e hierarquização tópica, por demais frequente em gêneros assim, cujos textos se constroem por sequências explicativas.

Atividade 3

Outro modo de organizar um texto explicativo é expor um conjunto de ações que respondam a "como fazer para...". Imagine que seu professor o convidou para produzir uma pequena reportagem para o jornal da escola, explicando como fazer para não ter mau cheiro nos pés. Para redigi-la, pesquise antes sobre o assunto e procure atender a todas as fases da sequência explicativa. Lembre-se de adequar a linguagem ao nível do público que lerá o seu texto e fale como alguém que tem conhecimento do assunto.

Comece assim:

Poucas situações são tão embaraçosas como tirar um calçado e deixar as pessoas perceberem que você tem mau cheiro nos pés. Para evitar esse tipo de constrangimento, você precisa seguir algumas recomendações.

O professor deve mostrar ao aluno que um texto dominantemente explicativo contém uma fase de questionamento; outra de resolução, realizada por uma voz de autoridade; e outra de conclusão, por um comentário avaliativo. É importante iniciar esta atividade com a discussão das quatro etapas que orientam uma sequência explicativa prototípica (ver esquema seguinte), sempre destacando que nem todas as etapas precisam estar presentes, como a esquematização inicial e a conclusão. Na presente tarefa, deve-se frisar que a esquematização já foi apresentada logo no início do texto a ser continuado e que compete ao aluno elaborar as demais, com base nas pesquisas que realizou sobre a temática.

Sequência explicativa prototípica:

0. Esquematização inicial

1. Por que X? (ou Como?)

Problema (questão)

2. Porque

Explicação (resposta)

3. Conclusão-avaliação (nem sempre explícita)

Esquema fundado em Adam (1992) e adaptado para esta finalidade.

Atenção!

Convém não confundir um texto de sequência explicativa que atenda à pergunta "como?" com um trecho instrucional ou injuntivo, presente em determinados gêneros. Um trecho instrucional ou injuntivo se constitui de uma série de orações com verbos no imperativo, formalizando enunciados que orientem o interlocutor a realizar uma dada ação final. Certos gêneros se organizam por um plano textual que inclui, necessariamente, trechos injuntivos, como as receitas e os manuais de instrução, mas não se pode afirmar que o texto inteiro desses gêneros só contenha uma estrutura injuntiva, pois eles também se compõem de trechos descritivos, por exemplo. Embora seja inegável que o trecho mais importante de uma receita e de um manual de instruções seja a série de passos que o interlocutor deve seguir para obter o resultado desejado, não conhecemos nenhum esquema prototípico da injunção que aplique ao que se poderia chamar de "texto dominantemente injuntivo". Na verdade, o trecho instrucional de uma receita ou de um manual de instruções, por exemplo, não se aplica do mesmo modo a um edital de concurso, ou a uma prece, a uma simpatia, por exemplo. Talvez por isso, autores como Adam optem por relacionar o caráter instrucional às características dos gêneros, não dos tipos ou sequências textuais.

Autores como Bronckart (1999) e Marcuschi (2008) incluem entre os tipos textuais o injuntivo, mas essa não será a opção desta obra, uma vez que ela se apoia principalmente na proposta de Jean-Michel Adam para a descrição das sequências textuais. Adam (1992) não prevê nenhum modelo prototípico de sequência textual à semelhança do que existe para a narração, a descrição, a explicação e a argumentação. De fato, cada um desses quatro tem uma superestrutura subjacente que orienta o modo de

organização de qualquer texto que se diga narrativo, descritivo, explicativo ou argumentativo, mas não se pode dizer o mesmo da injunção (pelo menos até o momento). Assim sendo, diremos, aqui, que os trechos instrucionais presentes em certos gêneros com finalidade injuntiva mantêm em comum o traço linguístico de uma sequência de orações com verbos no imperativo, mas que cumprem propósitos diversos dependentes das finalidades de cada gênero do discurso.

Atividade 4

Muitas vezes, a sequência explicativa não é a dominante em um texto, mas está inserida nele, porque se encontra a serviço de outra sequência. Isso é muito comum em textos argumentativos, que se valem, por vezes, de explicações para tornar mais sólida a comprovação de um ponto de vista. Leia o texto seguinte, de organização argumentativa, e tente escrever, com suas palavras, pelo menos uma relação de explicação que comprove por que, para o autor, é preciso que o professor leve o aluno a pensar, e não simplesmente a memorizar conteúdos.

Ensinar a pensar

Espera-se que o professor desenvolva no seu aluno, em primeiro lugar, o homem do entendimento; depois, o homem da razão, e, finalmente, o homem da instrução. Este procedimento tem esta vantagem: mesmo que, como acontece habitualmente, o aluno nunca alcance a fase final, terá mesmo assim se beneficiado da sua aprendizagem. Terá adquirido experiência e ter-se-á tornado mais inteligente, senão para a escola, pelo menos para a vida.

Se invertermos este método, o aluno imita uma espécie de razão, ainda antes de o seu entendimento ter-se desenvolvido. Terá uma ciência emprestada, que ele usa não como algo que, por assim dizer, cresceu nele, mas como algo que lhe foi dependurado. A aptidão intelectual será tão infrutífera como sempre foi. Mas, ao mesmo tempo, terá sido corrompida num grau muitíssimo maior pela ilusão de sabedoria. É por esta razão que não é infrequente depararmo-nos com homens de instrução (estritamente falando, pessoas que têm estudos) que mostram pouco entendimento. É por esta razão, também, que as academias enviam mais para o mundo pessoas com a cabeça cheia de insanidades do que qualquer outra instituição pública.

Em suma, o entendimento não deve aprender pensamentos, mas pensar. Deve ser conduzido, se assim nos quisermos exprimir, mas não levado nos ombros, de maneira a que no futuro seja capaz de caminhar por si, e sem tropeçar.

(Texto de Immanuel Kant, traduzido por Desidério Murcho e adaptado pelas autoras para este fim específico). **Fonte:** Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_ensinarpensar.html>. Acesso em: 20 out. 2015.

O professor precisa levar o aluno a constatar, em primeiro lugar, que se trata de um texto dominantemente argumentativo, não explicativo. É necessário, para isso, que o professor estabeleça uma espécie de comparação entre este texto e um dos textos explicativos anteriores, a fim de demonstrar que, neste exemplo, existe uma opinião sendo construída desde o início: a de que é mais importante ensinar a pensar do que despejar muito conteúdo informativo na cabeça dos alunos. Assim, o professor deve destacar a frase "Espera-se que o professor desenvolva no seu aluno, em primeiro lugar, o homem do entendimento; depois, o homem da razão, e, finalmente, o homem da instrução.", a fim de evidenciar a diferença entre a proposição de uma opinião e a explicação de algum processo. Um texto argumentativo manifesta uma opinião, que pode ser sempre contestada, e busca apresentar uma base de sustentação para ela. É aí que pode entrar um trecho de sequência explicativa: para forrar a tese defendida.

Modo de organização argumentativo

Atividade 1

Reflita sobre a construção do raciocínio que subjaz à sequência argumentativa do texto humorístico a seguir:

Divulgando informação de utilidade pública:[sic]

O Ministério da Saúde adverte

'ENXUGUE BEM A CINTURA DEPOIS DO BANHO, POIS O MOSQUITO DA DENGUE E FEBRE AMARELA SE REPRODUZ EM PNEUS MOLHADOS'.

Dado 1: Se pneus molhados levam à proliferação de mosquitos

Dado 2: e se mosquitos levam à dengue e à febre amarela,

Conclusão: então, pneus molhados favorecem a dengue e a febre amarela. (Se A = B, e B = C, então A = C)

Dado 3: Ora, minha barriga é um pneu molhado,

Conclusão principal: logo posso contrair dengue ou febre amarela.

$$\frac{\begin{array}{c}A \rightarrow B \\ B \rightarrow C\end{array}}{A \rightarrow C}$$

Fonte: <http://www.ricosabor.com.br/66qc.html>. Acesso em: out. 2015.

Agora, tente explicitar um raciocínio semelhante para o seguinte texto de humor:

> [...]O Diabo é o pai da mentira, e a mentira tem perna curta.
> Nelson Ned tem perna curta.
> Logo, o diabo é o pai de Nelson Ned!
>
> Meu Deus, como eu não pensei nisso antes...?

Fonte: Disponível em: <https://cerebrodebanana.wordpress.com/2007/09/02/silogismo/>. Acesso em: 20 out. 2015.

Dado 1: ____

Dado 2: ____

Conclusão: ____

Dado 3: Ora, ____

Conclusão principal: logo _____________________________

O texto dominantemente argumentativo é organizado como se fosse a estrutura de um raciocínio formal: a partir de uma opinião inicial e comum, geralmente reconhecível pelos conhecimentos que temos, o locutor seleciona um conjunto de dados (argumentos) que devem conduzir o interlocutor a inferir uma conclusão que exprima uma tese (ou opinião principal desse texto). Tanto à tese inicial quanto aos argumentos, correspondem teses contrárias e argumentos que se opõem explícita ou implicitamente a eles. Esse jogo de restrições é que viabiliza a polêmica de todo texto composto por uma sequência argumentativa dominante: opiniões fundadas em certos argumentos podem ser contraditadas por outras igualmente apoiadas em argumentos. Cabe ao locutor que gerencia essa polêmica hierarquizar os argumentos de tal maneira que o interlocutor se convença de que a opinião principal defendida é razoável.

Adam (1992) demonstra como isso ocorre no enunciado "A marquesa tem as mãos doces, mas eu não a amo". Perceba-se a estruturação esquematizada e exemplificada na figura seguinte:

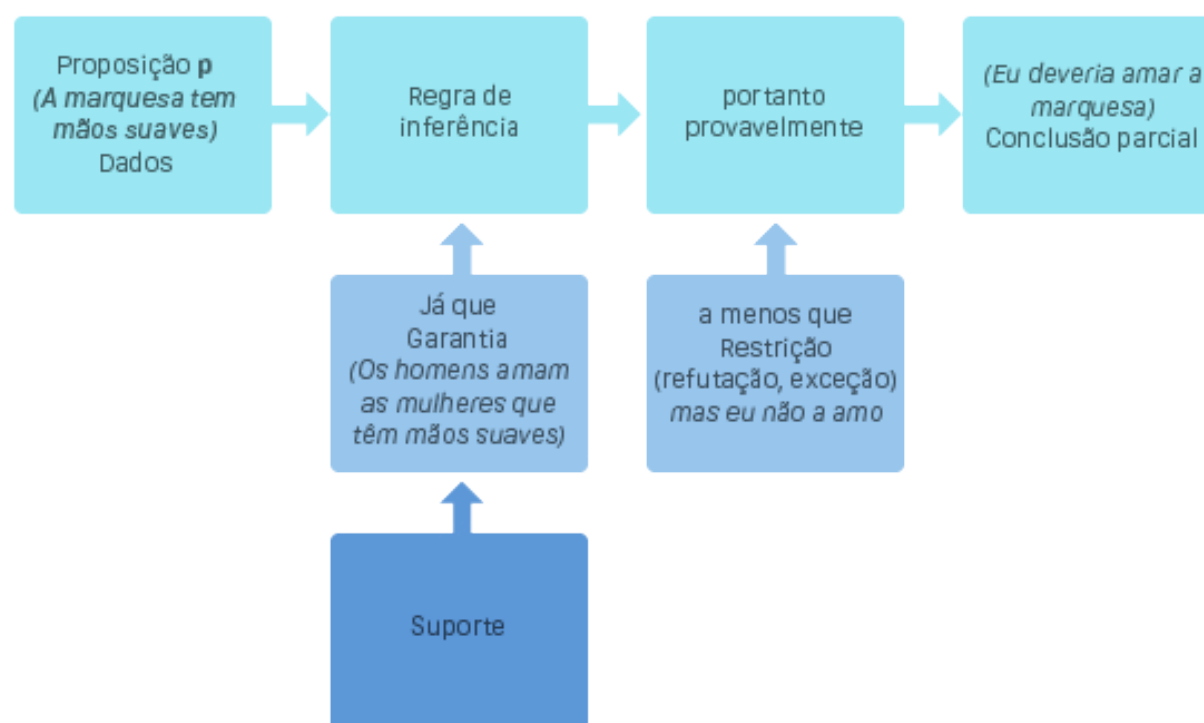



Figura 2: Visualização do movimento argumentativo

Fonte: Adam (1992, p. 106).

O primeiro raciocínio que se deduz é que, se a marquesa tem mãos suaves (A), então eu deveria amá-la (C). Como é possível passar do argumento (A), "mãos suaves", para a conclusão (C), "devo amar"? Essa passagem, segundo o autor, só se permite por causa dos conhecimentos compartilhados que temos sobre o mundo; são eles que asseguram as regras de inferência – as deduções possíveis que estabelecemos nessa passagem dos dados à conclusão. No exemplo do autor, é o conhecimento do senso comum de que os homens adoram mulheres de mãos suaves que nos permite engatar o seguinte raciocínio: "se a marquesa tem mãos suaves, e os homens adoram mulheres de mãos suaves, eu sou homem, portanto eu deveria amar a marquesa". Mas, como dissemos, a toda argumentação, corresponde uma contra-argumentação, mesmo que implícita. Assim, podemos opor a esse raciocínio uma restrição: "mas eu não a amo". Em textos mais extensos do que esse, outros raciocínios vão sendo encadeados, de modo que, ao final, vão se somando argumentos em defesa de um ponto de vista principal.

Atividade 2

Leia o seguinte trecho de uma entrevista e, depois, redija, com suas palavras, a conclusão principal (ou tese) e alguns argumentos que o entrevistado utiliza para defender essa opinião:

Veja – Que conselhos você daria para um jovem que acaba de começar na vida amorosa?

Gikovate – É preciso que o jovem entenda que o amor romântico, apesar de aparecer o tempo todo nos filmes, romances e novelas, está com os dias contados. Esse amor, que nasceu no século XIX com a revolução industrial, tem um caráter muito possessivo. Segundo esse ideal, duas pessoas que se amam devem estar juntas em todos os seus momentos livres, o que é uma afronta à individualidade. O mundo mudou muito desde então. É só olhar como vivem as viúvas. Estão todas felizes da vida. Contudo, como muitos jovens ainda sonham com esse amor romântico, casam-se, separam-se e casam-se de novo, várias vezes, até aprender essa lição. Se é que aprendem. Se um jovem já tem a noção de que não precisa se casar para ser feliz, ele pulará todas essas etapas que provocam sofrimento.

Chamada de capa da entrevista — **Fonte:** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/entrevistas/flavio_gikovate.shtml>. Rio de Janeiro: Abril S/A, n. 2.064, 11 jun. 2008. 158 p.

Tese: ____

Argumentos: ______________________________________

O aluno deve encontrar, no texto, comprovações de que o entrevistado faz uma exaltação à individualidade e acredita que o amor romântico, idealizado culturalmente desde o século XIX, muitas vezes não conduz à felicidade. Em seguida, o professor deve pedir que o aluno apresente evidências dadas pelo entrevistado de que o amor romântico não é o ideal para o ser humano ser feliz.

Atividade 3

Imagine que você precisa se afastar de uma pessoa que julgava ser um amigo, mas, na verdade, não era. Para resolver a questão, você decide lhe passar um e-mail pessoal tentando convencê-lo de que é melhor para ambos que se mantenham distantes. Essa é sua opinião, ou seja, sua tese. Para fundamentá-la, use alguns dos argumentos seguintes, elabore-os com suas palavras, acrescente outras razões e redija o e-mail:

– Escolho ter apenas amigos e pessoas verdadeiras perto de mim.

– Sou uma pessoa boa e mereço apenas ter perto de mim pessoas bondosas e equilibradas.

– Não quero conviver com a inveja e o rancor.

– Quero que as pessoas que não combinem com o meu jeito de ser e com o jeito de ser da minha família se afastem natural e gradativamente de mim de uma maneira que não seja dolorosa para ninguém.

– Escolho apenas a amizade verdadeira, sem conflitos, sem intrigas, sem fofocas.

O aluno deve ser orientado a escolher alguns dos argumentos listados na atividade, de acordo com o ponto de vista que deseja defender. Em seguida, o professor pode solicitar que ele, primeiro, elenque, em um rascunho, outros argumentos, de toda ordem (como uma pequena narrativa, uma descrição, uma explicação, exemplos, ilustrações, citações etc.). Após selecionar os argumentos, ele deve colocá-los em uma escala de importância; ao fazer isso, poderá constatar que nem todos são igualmente relevantes para a opinião que está sendo construída. Isso é o planejamento do e-mail pessoal com texto dominantemente argumentativo.

Atividade 4

Dependendo do gênero do discurso, dos propósitos, do contexto sociocultural em que o texto acontece, a sequência argumentativa pode exibir só argumentos e conclusões parciais, mas não a tese ou conclusão principal. Isso se dá, muitas vezes, em anúncios que não declaram abertamente seu objetivo comercial e omitem a opinião com a qual tentam persuadir o interlocutor.

Analise o conteúdo verbal de um anúncio do Banco Itaú e destaque dois argumentos, pelo menos uma restrição e duas conclusões parciais. Em seguida, redija o que poderia ser tese principal do texto:

Você pode sair alegre,
emocionado ou pensativo.
Mas uma coisa é certa:
quem escolhe ir ao cinema
nunca sai igual
Parece só entretenimento.
Uma hora e meia para desligar
o celulare não pensar em nada.
Fugir da rotina.Mas o cinema
é mais do que isso.Um bom filme
tem o poderde transformar
a vida de quem assistetrazendo
novos pontos de vista.
É por isso que escolhemos apoiar
o Espaço Itaú de Cinema.
E você, que filme vai escolher hoje?

Suas escolhas

#issomudaomundo

Itaú. Feito para você.

Fonte: Disponível em: <http://insightinteligencia.com.br/pdfs/68.pdf>. Rio de Janeiro: Insight. Comunicação, n. 68, p. 2-3, jan./fev./mar. 2015. 116 p. Trimestral. Versão digital.

O propósito maior desta tarefa é constatar que nem todo texto dominantemente argumentativo contém todas as macroproposições ou fases da composição argumentativa. Também tem o objetivo de chamar a atenção para a maneira como certos gêneros dispõem da sequência argumentativa para fazer valerem seus propósitos individuais.

Um gênero *anúncio publicitário*, por exemplo, pode ser organizado por um texto de sequência argumentativa, mas não destacar que sua maior tese é “seja adepto de meus produtos” ou “adira a essa ideia”.

Assim, no texto do ITAÚ, a opinião de que o cinema é muito importante para as pessoas e de que, por isso, uma dada instituição o apoia pode ocultar na conclusão uma nova tese, a de que as pessoas deveriam se vincular a essa instituição.

Atividade 5

Esta tarefa será realizada após um debate que o professor promoverá em sala de aula. Com base nos argumentos suscitados por esse debate, redija um artigo de opinião, a ser divulgado pelo blog de sua escola, advogando em favor do ponto de vista de que as mulheres, ao assumirem papéis antes desempenhados pelos homens, trouxeram prejuízos para si mesmas.

Esta tarefa precisa ser realizada em diferentes etapas. Primeiro, o professor deve estabelecer distinções entre tema e tese (ou opinião central). O tema é o assunto do qual se irá tratar. Dada a sua natureza muito geral, o tema necessita ser delimitado. Por exemplo, quando um exame indica um tema a ser desenvolvido em forma de redação, ele tem que sofrer uma delimitação. No caso desta tarefa, o tema seria o seguinte: “Consequências do fato de a mulher ter assumido vários papéis que, antigamente, eram exercidos só pelo homem”.

Diante desse tema, competiria ao aluno decidir se iria tratar, particularmente, de consequências positivas ou negativas para a mulher e/ou para outras pessoas. Nesta tarefa, a delimitação já foi dada: o aluno deverá tratar de consequências negativas para a mulher.

O passo seguinte será, então, mostrar que, em torno desse tema, uma opinião deve ser construída. A opinião é a tese que ele terá que sustentar até o final de seu texto argumentativo. Na situação em apreço, a tese também já foi dada: “as mulheres, ao assumirem papéis antes desempenhados pelos homens, trouxeram prejuízos para si mesmas”.

Na próxima etapa, o professor deve solicitar aos alunos que coletem informações de reportagens, de depoimentos, de entrevistas, de notícias, de gêneros literários etc. a respeito do tema proposto. Após isso, o debate será instaurado. O professor

divide a turma em dois lados e pede para que cada lado defenda um ponto de vista: um se encarrega das consequências positivas; outro, das negativas. Deve ser nomeada uma equipe de relatores para os argumentos fornecidos por cada lado. O resultado desse debate será socializado, via internet, para toda a turma. O texto do artigo de opinião será elaborado com base nos argumentados coletados.

Proposta de análise de texto

Nesta segunda parte deste capítulo, as atividades não se encontram separadas por modos de organização textual, mas por questões mais gerais de compreensão textual e por propostas de aplicação de itens da gramática ao texto.

Bloco de atividades I

As questões a seguir foram elaboradas por Maria Aparecida Lino Pauliukonis e todas se relacionam à crônica *As mãos de Ediene*. Você lerá um fragmento desse texto opinativo e terá oportunidade de observar como as sequências contribuem para a formação de argumentos do locutor em favor de uma tese que ele defende no texto.

As mãos de Ediene

Fritz Utzeri

INTRODUÇÃO

O texto que vamos analisar é um artigo do colunista Fritz Utzeri, publicado no Jornal do Brasil (JB), no Caderno B, em 02 de dezembro de 1999. Como em todo texto opinativo, o autor discute um problema, fornece suas opiniões acerca de um tema atual, que é objeto de debate, de polêmica: *a mutilação de crianças obrigadas a trabalhar desde pequenas, feito gente grande, para ajudar suas famílias miseráveis.*

Trata-se de um texto dominantemente argumentativo, que busca convencer os leitores de determinada tese. Para isso, é primordial que o texto se fundamente em argumentos. Vamos analisá-lo em partes, procurando fazer uma leitura analítica das *estratégias linguísticas* usadas como produtoras de significação. Veja que não estamos fechando o texto em uma leitura única, mas propondo uma técnica de leitura e interpretação,

baseada em elementos tanto linguísticos como extralinguísticos, que acreditamos passível de ser ensinada aos alunos.

ANÁLISE DO TEXTO – Leitura e Interpretação

Primeiramente, vamos lhe apresentar partes do texto a ser analisado (ou você pode lê-lo, ao final), e, a seguir, você pode acompanhar os fragmentos que vamos lhe apresentando, aos poucos, para análise; responda às indagações feitas de forma intuitiva.

Ediene tem 16 anos, rosto redondo, trigueiro, índio e bonito das meninas do sertão nordestino. Vaidosa, põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom.

Observe o início do texto: temos a apresentação da personagem, Ediene, por meio de uma ***descrição***, com destaque para sua idade e sua aparência física, para traços de sua fisionomia e detalhes de seu caráter. A partir desses aspectos positivos delineados pelo autor, aponte uma ***função textual,*** ou uma decorrência textual, para essa apresentação do objeto descrito.

Nota: lembre-se de que estamos considerando o texto como uma unidade de sentido, logo, cada parte deve contribuir para essa significação geral. Partimos do conceito de que normalmente a descrição cumpre uma função importante no fragmento narrativo onde se insere, já que se considera aqui descrever como o ato de apontar aspectos visíveis do objeto descrito, com uma FINALIDADE persuasiva. Na atividade discursiva da descrição, o texto é guiado por alguns princípios, tais como: "o quê?", ou seja, *pela natureza do objeto descrito*; "para quê?", ou seja, *pela finalidade da descrição*; "como?", ou seja, *pelas representações que o emissor faz desse objeto*; e "a quem?", ou seja, *pela figura do interlocutor a quem se dirige o texto*. Em sua resposta, leve em consideração esses princípios, ou seja, "como" e "o que" está sendo descrito, a posição do descritor frente ao objeto da descrição e uma possível finalidade textual persuasiva para o fragmento descritivo.

o quê?	pela natureza do objeto descrito;
para quê?	pela finalidade da descrição;
como?	pelas representações que o emissor faz desse objeto;
a quem?	pela figura do interlocutor a quem se dirige o texto.

Observe a sequência: *Mas Ediene é diferente...* O que sugere essa estrutura? O uso do *Mas* provoca a quebra de alguma expectativa anterior implícita? Qual? O que você acha que pode vir como sequenciamento?

Nota: observe que o uso do "Mas" sempre se opõe a uma conclusão a respeito do que se disse antes. Logo, o "Mas", neste caso, está introduzindo uma ***ideia adversa,*** levando a uma conclusão contrária à anterior.

Por sua vez, também o adjetivo ***diferente*** exige uma explicitação de sentido que precisa vir logo a seguir, pois apresenta uma qualificação, em forma de avaliação subjetiva. O que estamos afirmando é um princípio textual de organização do texto que deve se realizar, nessas circunstâncias. Espera-se que o texto preencha esses requisitos, para não se tornar incoerente, ou seja, explicite o adjetivo ***diferente,*** nesse caso.

Agora observe se o autor buscou preencher esses requisitos de que estamos falando e explicita o sentido do adjetivo na próxima sequência:

Jamais abraçará, não namorará de mãos dadas e, se tiver filhos, não os aconchegará em seus braços... A razão é simples. Ediene não tem braços.

Nesta segunda parte do primeiro parágrafo, aparece a informação: "Ediene não tem braços" e a revelação provoca surpresa no leitor. Reveja a leitura inicial que você fez do texto, desde o título, por exemplo, e releia principalmente o trecho onde o autor afirma que ela "**...**põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom".

Agora responda: como conciliar a leitura atual com a anterior? Quais são as reformulações que você está tendo de fazer para o texto adquirir coerência? Está sentindo falta de mais detalhes? Então observe o fragmento explicativo que vem a seguir.

A explicação para algumas afirmações do autor, como, por exemplo: "Ediene é diferente. Jamais abraçará... não namorará de mãos dadas...", aparece na sequência narrativa, no início do segundo parágrafo:

Ela os perdeu numa maromba, máquina do século passado, com dois cilindros de metal que amassam barro para fazer telhas e tijolos numa olaria. Os dedos que enche de anéis são os dos pés, com os quais escreve, desenha e passa batom".

Essa explicação do autor fornece uma orientação de sentido ao texto, pois agora sabemos que as "mãos de Ediene" não existem mais, depois que ela sofreu o acidente, e que, para as funções das mãos, ela usa os pés, com os quais escreve, pinta, passa batom e usa anéis. Concorda com essa interpretação de que o trecho narrativo veio preencher uma lacuna do segmento anterior? Ou você fez outra leitura?

Vamos agora justificar o título? Como você entende o título?

Uma das *respostas possíveis*: *as mãos* tornam-se elemento central até pela ausência, daí serem lembradas, focalizadas no título.

Observe a nova sequência: "Ediene, ainda menina, trabalhava na máquina infernal, quando se distraiu e seus braços voltaram ao barro".

Sabemos por meio dessa nova sequência narrativa dos detalhes do acidente: *ela era uma menina, quando foi colhida pela máquina, perdendo os braços.* Agora uma pergunta, cuja resposta está implícita: se se diz que os braços *voltaram ao barro,* então se pressupõe que poderiam ter estado lá antes, não é mesmo? Como entender o sentido dessa passagem: "seus braços voltaram ao barro"? e o uso do verbo "voltar" nesse caso?

Nota: sabe-se que o verbo "voltar" só pode ser usado com o sentido de retorno, trata-se, pois, de uma pressuposição, noção inferida do sentido do verbo. Para realizar essa leitura, de forma coerente, temos que considerar também outros elementos presentes em nosso conhecimento de mundo. Daí se poder afirmar que uma leitura de texto não se sustenta apenas com as informações linguísticas dadas em sua superfície, mas nos implícitos textuais também.

Recorremos às noções comuns partilhadas entre os leitores e às informações advindas de diversas fontes e que se manifestam de forma implícita. Temos que reconhecer outros textos, alguma citação, ou ideia que esteja sustentando essa possibilidade de leitura. Vamos relembrar trechos da Bíblia que relatam ter sido o primeiro homem (Adão) feito do barro e que, por causa do pecado original, todos deveriam retornar a ele: "Tu és pó e ao pó hás de retornar. Deus fez Adão do barro". Concorda com essa interpretação feita a partir da relação do verbo "voltar" com esses fragmentos bíblicos?

"Ela é uma das centenas de crianças mutiladas, todos os anos, trabalhando como gente grande, em troca de minguados cobres, indispensáveis para manter a vida das famílias miseráveis em todo o país".

Nesse fragmento, o autor relaciona o caso particular de Ediene com o de outras crianças iguais a ela, vivendo em condições precárias no país. Ele faz, dessa forma, uma generalização do problema. Qual é essa generalização? Formule em sua resposta a tese propriamente dita.

Resposta: no Brasil, como resultado do trabalho infantil em condições precárias, centenas de crianças são mutiladas todos os anos, para ajudar suas famílias miseráveis. Isso deve ser denunciado como crime hediondo.

Nota: nesse fragmento o texto apresenta características de um outro modo de organização, o chamado *modo argumentativo de organização de texto*. Esse é um modo que generaliza ou enfatiza ideias, faz relações por meio de abstrações, evoca conceitos gerais aplicados a um número grande de fatos, pessoas, mesmo que relacionados a um fato, a um exemplo particular narrado, como é o caso de Ediene.

Nesse trecho citado, o autor vale-se também de uma comparação, que funciona como um dos argumentos fundamentais para defesa de suas ideias. Observe: "Centenas de crianças mutiladas todos os anos, trabalhando como gente grande, em troca de minguados cobres...". Verifique quais os elementos da comparação, ou seja, os termos que compõem o argumento (de um lado, o *termo comparante,* e de outro, o *termo comparado*).

Resposta correta: Comparante: "como gente grande"; termo que está sendo comparado: "centenas de crianças" trabalham.

Seguimos na apresentação do texto: "Crianças que, a partir dos três anos, ajudam as famílias em canaviais, carvoarias, plantações de sisal, garimpos e olarias, sem direito a estudo, a brincadeiras, ao convívio de amigos; infância para sempre roubada, para ganhar entre R$12,50 e R$50,00 POR MÊS DE TRABALHO, COM JORNADA DE ATÉ 14 HORAS!".

Agora o autor explicita melhor sua tese, citando outros argumentos a favor dela e que também a delimitam. Vamos identificar todos esses elementos, ou seja: a *problemática*, *a tese* ou proposição e os *argumentos*.

A problemática: a situação degradante do trabalho infantil e da exploração de crianças desde a tenra idade, privadas de todos os direitos da infância, é um crime hediondo.

A tese: o autor posiciona-se francamente contra essa situação, denunciando que o trabalho infantil rouba à criança seu direito à infância.

Os argumentos: agora convidamos você a citar alguns argumentos:

Resposta: "Crianças ficam sem direito a estudo, a brincadeiras, ao convívio de amigos"; a pouca remuneração dada a elas configura trabalho escravo; o perigo a que estão expostas deve ser denunciado e o excessivo tempo de trabalho exigido delas entre outros. (ocultar)

"Quanto tempo você leva para gastar R$12,50? O que consegue comprar com isso?"

Nesse fragmento, o autor interpela o leitor, dirige-se diretamente a ele. É a primeira vez que o leitor é convidado a participar de forma mais direta do problema. Você que está fazendo esta análise acha que a interpelação direta ao leitor é uma boa estratégia para uma maior aproximação do texto com o leitor? Justifique sua resposta.

Nota: a essa altura, o texto já desenvolveu argumentos suficientes para convencer o leitor e persuadi-lo a fim de conseguir sua adesão. Espera-se que, como cúmplice, ele vá se sensibilizar com a desgraça de Ediene e de outras crianças como ela. Aquele leitor virtual, a que o texto se dirige, pode ser você, que está lendo o texto agora e sendo convidado a cooperar. Já pensou nisso? Essa pode ser uma das estratégias do texto que revela as intenções do autor, quando tenta trazer o leitor para perto do problema.

"Pense e reflita que custa UM MÊS de trabalho duro de um menino semiescravo."

A partir do que foi dito no fragmento, destaque mais um argumento que endosse a tese geral do autor, fortalecendo-a.

Resposta: a quantia irrisória que uma criança ganha em um mês de trabalho duro não dá para garantir o seu próprio sustento e o de sua família.

O texto ainda continua denunciando a corrupção e o desvio de dinheiro público, por parte de alguns inescrupulosos. O autor relembra fatos notórios de roubo apresentados pela imprensa, e cita também outros casos de crianças mutiladas como Ediene. Ao final, apresenta sua conclusão, no fragmento final do texto:

> "Até quando? Talvez fosse o caso de aproveitar a reforma do Judiciário e adotar de vez a lei muçulmana, a Charia. O ladrão teria a mão direita decepada. Se fosse hediondo (o que rouba criança e doente ou explora trabalho infantil é ladrão hediondo), perderia as duas mãos esmagadas em uma maromba bem azeitada. O Aurélio define, entre outras coisas, maromba como "esperteza e malandragem". Se todos os marombeiros e ladrões tivessem medo de perder as mãos na maromba, talvez Ediene não fosse obrigada a escrever com os pés, pudesse carregar um filho e acariciá-lo, feliz, com o carinho que só as mães sabem dar".

Você acha que essa passagem final também funciona como uma estratégia para sustentar a argumentação do autor? Qual o papel da conclusão para o sentido geral de um texto?

Análise dos modos de organização do discurso a serviço da argumentação

Nesse texto, como vimos, aparecem, de modo bem claro, três formas ou modos de organização do texto, a saber: o modo descritivo, o narrativo e o argumentativo. Cada um deles contribui para fortalecer a argumentação do autor, na defesa de suas teses. Vejamos como fazem isso:

No modo descritivo, podemos observar como os detalhes da descrição de Ediene estão a serviço do texto argumentativo.

No narrativo, a montagem da história, suas partes, o clímax e a moral implícita aparecem como contribuição para o fortalecimento de argumentos.

Finalmente no modo argumentativo, faz-se a análise de uma situação degradante e se apresenta uma denúncia, também embasada em fortes argumentos.

Estudo do texto e das estratégias de construção

Como se pode ver, o texto é o resultado de uma operação estratégica. Estamos usando o termo *estratégia* como um conceito relacionado ao uso

de táticas ou técnicas para se resolverem problemas; o termo, relacionado à linguagem "militar", lembra estratégias ou técnicas para ganhar batalhas e se espera que elas sejam usadas de uma forma clara, direta, com certa economia de forças e com o uso da razão e da objetividade.

Referindo-se aos processos utilizados como técnicas de persuasão em um texto, Carneiro (1990) diz que os diferentes modos de organizar o discurso (descrição, narração e argumentação) constituem em si mesmos uma importante estratégia persuasiva:

> Textualmente podem-se usar meios de persuasão como a seleção dos elementos que entram na composição do texto. Assim é possível selecionar os dados da descrição, os fatos da narração e os argumentos da dissertação argumentativa para adequá-los aos objetivos pretendidos (CARNEIRO, 1990, p. 50).

Vejamos a seguir as diferentes funções dos modos de organização.

Funções da descrição

No caso do texto de Ediene, foram destacados, entre outros, os seguintes traços descritivos:

(a) idade;

(c) cor da tez;

(b) formato do rosto;

(d) informação de sua origem.

Vamos analisar o processo de adjetivação, típico da descrição, que se faz por meio de três operações:

a) pela operação de caracterização: Ediene é descrita pela idade, 16 anos; pelo formato do rosto, redondo; pela cor da tez, trigueiro;

b) pela operação de informação e de restrição: (rosto) índio, das meninas do sertão nordestino, sabe-se de sua origem; e

c) pelo processo avaliativo ou operação de qualificação positiva: (rosto) bonito; percebe-se a posição do enunciador em relação a ela, como sendo de aprovação.

Nota: o uso da qualificação e da caracterização, por meio dos índices positivos ou favoráveis ao objeto descrito, constituem uma estratégia que conduz o raciocínio do leitor para uma apreciação positiva da personagem e contribuem, assim, para uma maior aproximação com o leitor. (Procure justificar a afirmação).

Atividades

1- Agora observe se o mesmo ocorre na descrição da maromba. Veja a estratégia da descrição, que se faz também pelas operações discursivas de caracterização (1), informação (2) e qualificação (3). Numere os trechos a seguir, de acordo com os itens dados:

a) Máquina do século passado (   )

b) Máquina de dois cilindros de metal para amassar barro para fazer tijolos e telhas (   )

c) Máquina infernal (   )

d) Marombeiro, no final, é associado a espertalhão (   )

Sugestão de respostas: (2); (1); (3); (3).

Nota: a descrição negativa contrapõe-se à de Ediene, protagonista da história, e serve para construir o grande vilão: a máquina infernal.

2- No início do texto, o autor se utiliza de vários adjetivos de base subjetiva, por isso teve de explicitar-lhes o sentido. Observe a explicitação dos adjetivos ***subjetivos***: ***Vaidosa:*** _______ (complete com fragmentos do texto); Ediene é ***diferente***: _______ (Por quê? Complete). Os cobres são minguados, mas são cobres indispensáveis, _______ pois_______.

Sugestão de respostas: Vaidosa: *põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom;* mas Ediene é diferente: Jamais abraçará... *A razão é simples. Ediene não tem braços.* Os cobres são indispensáveis, *pois sustentam as famílias miseráveis.*

Vejamos, a seguir, como a narração também contribui para a argumentação no texto.

Funções do modo narrativo

1- No modo narrativo, por meio da sequência de ações dos personagens, através do tempo, é que se forma uma trama ou história, a qual é revelada por um narrador. Esses elementos (*ações*, *personagens* e *narrador*) são essenciais na narração. Como ocorrem no texto *As mãos de Ediene*?

Sugestão de resposta: Narrador/enunciador: o Jornalista Fritz Utzeri; personagem: Ediene; fato ocorrido com ela: foi mutilada em uma maromba. Como se deu o fato constitui a narrativa das ações: *Ediene ainda menina trabalhava numa maromba, quando se distraiu e teve seus braços cortados pela máquina.*

2- Quais são as partes da narrativa, que formam sua macroestrutura, ou que dão o formato global da narração?

Nota: toda história (narrativa) tem um início, onde se focaliza uma situação ou um estado inicial, que é chamado de abertura. No caso*, Ediene, ainda menina, como uma criança normal, estava a trabalhar na maromba*. Depois vem o fato narrativo propriamente dito, que causa a desarmonia: *devido a sua distração, ela foi colhida pela máquina e, em consequência, teve os braços e mãos esmagados*. Nesse momento ocorre também o *clímax, a mutilação* para sempre de Ediene, o que contribui para embasar toda a argumentação do texto, sob a forma de comentários do autor, no modo argumentativo, que vem a seguir. Apresenta-se a denúncia ou tese do texto e também uma conclusão, ou moral da história: *o trabalho infantil em condições precárias é um crime hediondo frequente no Brasil, pois deixa milhares de crianças mutiladas, como Ediene.*

Análise do modo argumentativo

Redija um texto síntese, apresentando os seguintes elementos: proposta, tese e dois argumentos (máximo de 10 linhas).

Nota: os textos argumentativos, em geral, querem convencer o leitor de uma "verdade", que é a tese, querem alertar sobre problemas da sociedade, analisar, alterar pontos de vista. Um dos requisitos básicos para a argumentação é uma boa fundamentação das opiniões, o que geralmente se consegue quando elas são embasadas em fatos tidos como "reais"/ "verdadeiros", e não apenas em generalizações, ou ideias sem fundamento na realidade. Daí a importância de os textos argumentativos se apoiarem em exemplos concretos ou em casos particulares, em dados estatísticos, em resultados de pesquisas, ou em comparações de fatos de épocas diferentes, (retrospectiva histórica); ou em depoimentos, em citações de autores renomados – os chamados argumentos de autoridade – ou, enfim, em explicitações de relações de causa e efeito, que ajudam a explicitar a lógica das ideias defendidas. Por outro lado, não basta convencer, é preciso que o leitor aceite essas verdades como válidas e se torne cúmplice do autor, fazendo suas inferências também. Nesse caso, as "verdades" estão consoante as crenças do leitor.

Resumindo, neste texto, a disposição dos modos de organização do discurso:

Na introdução ou na apresentação anuncia-se o assunto: no texto em questão faz-se por meio de uma *descrição da personagem* e de sua situação atual. Logo a seguir, vem o *fato narrativo*, contado por meio de uma retrospectiva, que justifica o seu estado atual, para em seguida o autor se *posicionar em defesa* da infância e dos direitos dessas crianças.

O desenvolvimento constitui os argumentos apresentados em forma de denúncia da situação em que elas vivem. Como Ediene, outras crianças, em precárias condições, são mantidas como escravas do trabalho infantil.

A conclusão vem ao final, com uma solução apresentada em forma de hipótese para a solução do problema. Dessa forma o autor, de forma bastante crítica, posiciona-se claramente contra a situação problemática apresentada no texto.

Produção Textual: proposta de redação

A partir do texto lido e analisado, você está sendo convidado a produzir seu próprio texto.

Atividades:

Propostas de um resumo

Vamos propor um resumo: o autor parte de um exemplo, um caso particular, a história de Ediene, que foi mutilada em criança, perdendo os braços, por uma maromba. O autor propõe uma análise uma discussão mais profunda de uma situação degradante do país, o trabalho infantil semiescravo.

Tente resumir, agora, em forma de tópicos, os principais elementos desse texto argumentativo:

Proposta ou temática: ____

Tese ou proposição: ____

Argumentos principais (cite três): ______________________________

Conclusões: ____

Veja aqui as sugestões de respostas:

Temática: o texto fala da mutilação de crianças, exploradas e submetidas a trabalho semiescravo no país.

Tese: condena o absurdo desse quadro geral que ainda existe no Brasil, denuncia como crime a exploração do trabalho infantil e acusa os ladrões do trabalho dessas crianças, sugerindo um castigo à altura do crime hediondo.

Argumentos: a história de Ediene como exemplo do tratamento a que são submetidas as crianças; a denúncia de que o fato é comum e atinge grande parte da infância miserável do país; a situação de semiescravidão a que se submetem as crianças com jornadas de até 14 horas de trabalho; o preço irrisório como pagamento e a situação de miséria em que vivem as famílias etc.

Conclusão: deveria haver justiça, uma punição à altura desse crime hediondo: o autor sugere uma solução: o criminoso deveria ter suas duas mãos decepadas ou esmagadas em uma maromba, como prega a lei muçulmana, a Charia. A conclusão está baseada em uma hipótese para se resolver o problema: se houvesse a lei e todos os marombeiros fossem castigados, talvez Ediene estivesse hoje com suas mãos, poderia carregar e acariciar seu filho e não tivesse que escrever com os pés.

Outra Proposta de Redação

Construa um texto semelhante ao apresentado, em que deve haver a descrição física de uma pessoa (idade, cor da pele, compleição física, alguma característica especial do caráter), sua origem ou procedência, e dados de sua localização em determinada época, local e classe social. A seguir, construa a narração de um fato ou acontecimento em que essa pessoa estivesse envolvida (sofrendo algum dano físico) e depois proponha uma tese em relação à problemática criada e faça a sua defesa, embasada em argumentos.

A seguir, o fragmento da reportagem: As mãos de Ediene

As mãos de Ediene

Ediene tem 16 anos, rosto redondo, trigueiro, índio e bonito das meninas do sertão nordestino. Vaidosa, põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom. Mas Ediene é diferente. Jamais abraçará, não namorará de mãos dadas e, se tiver filhos, não os aconchegará em seus braços para dar-lhes o calor e o alimento dos seios de mãe. A razão é simples. Ediene não tem braços.

Ela os perdeu numa maromba, máquina do século passado, com dois cilindros de metal que amassam barro para fazer telhas e tijolos numa olaria. Os dedos que enche de anéis são os dos pés, com os quais escreve, desenha e passa batom nos lábios. Ediene, ainda menina, trabalhava na máquina infernal, quando se distraiu e seus braços voltaram ao barro. Ela é uma das centenas de crianças mutiladas, todos os anos, trabalhando como gente grande em troca de minguados cobres, indispensáveis para manter a vida de famílias miseráveis em todo o país.

Crianças que, a partir dos três anos, ajudam as famílias em canaviais, carvoarias, plantações de sisal, garimpos e olarias, sem direito a estudo, a brincadeiras, ao convívio dos amigos; infância para sempre roubada, para ganhar entre R$12,50 e R$50,00 POR MÊS DE TRABALHO, COM JORNADAS DE ATÉ 14 HORAS! Quanto tempo você leva para gastar R$12,50? O que consegue comprar com isso?

Pense e reflita que custa UM MÊS de trabalho duro de um menino semiescravo no Brasil. [...]

Até quando? Talvez fosse o caso de aproveitar a proposta da reforma do Judiciário e adotar de vez a lei muçulmana, a *Sharia*. O ladrão teria a mão direita decepada. Se fosse crime hediondo (o que rouba criança e doente ou explora trabalho infantil é ladrão hediondo), perderia as duas mãos, esmagadas numa maromba bem azeitada. O *Aurélio* define, entre outras coisas, maromba como “esperteza e malandragem”. Se todos os marombeiros e ladrões tivessem medo de perder as mãos numa maromba, talvez Ediene não fosse obrigada a escrever com os pés, pudesse carregar seu filho e acariciá-lo, feliz, com o carinho que só as mães sabem dar.

Fonte: Utzeri (1999, p. 8).

Agora, uma proposta de exercícios sobre itens gramaticais presentes no texto, cuja análise possibilita melhor entendimento do sentido do texto.

Itens gramaticais a serem explorados a serviço da interpretação:

- Emprego produtivo de conectores (usamos o termo conectores, porque não estamos tratando apenas de conectivos sintáticos, mas de outros elementos que também fazem a conexão das ideias, como expressões prepositivas, adverbiais, por exemplo).

- Objetivos: empregar, com conhecimento de causa, as diversas categorias de conectores e associar os constituintes do texto argumentativo com os conectores que os introduzem.

Itens propostos:

1. Conectores do grupo da causalidade: Ediene é aparentemente uma moça normal, mas isso não é realmente verdade, pois logo o autor previne o leitor dizendo que ela é diferente, elemento avaliador subjetivo, que exige explicitação: "Jamais abraçará, não namorará de mãos dadas e não aconchegará seu filho nos braços. A razão é simples: Ediene não tem braços".

O mesmo acontece com o adjetivo *Vaidosa*, com exemplificação: põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom.

Indicar as ideias de causa ou explicação (em sentido amplo) e as consequências apontadas no fragmento acima:

Sugestão de resposta: Porque Ediene não tem braços, jamais poderá abraçar, namorar de mãos dadas ou aconchegar o filho nos braços.

2. Condição/Condicionalidade: há um jogo entre uma condição e um fato condicionado. Aponte em que trecho isso ocorre nas orações a seguir: "Se tiver filhos, não os aconchegará nos braços".

Se todos os marombeiros tivessem medo de perder as mãos numa maromba, talvez Ediene não tivesse que escrever com os dedos dos pés...

Sugestão de resposta: Condição: Caso tenha filhos, condicionado: não vai poder aconchegar nos braços; Condição: (Se) Os marombeiros perdessem as mãos..., condicionado: Ediene teria os braços.

3. Ideias modais e comparativas

Observe o trecho a seguir: "Centenas de crianças, trabalhando como gente grande em troca de minguados cobres...". Como esse fragmento fornece a ideia de modo ou de comparação?

Podemos responder essa pergunta da seguinte forma: comparando o trabalho das crianças com o trabalho que se exige de um adulto; árduo, pesado (opções aceitas: comparação ou modo).

4. Noções conclusivas, explicativas e finais:

"Jamais abraçará, não namorará de mãos dadas e, se tiver filhos, não os aconchegará em seus braços para dar-lhes o calor e o alimento dos seios de mãe. A razão é simples: Ediene não tem braços".

Aponte uma ideia de conclusão, uma de explicação e uma de finalidade.

Conclusão: "Jamais abraçará..., pois Ediene não tem braços para aconchegar seu filho".

5. Noções no grupo da oposição:

Ediene é uma bonita moça de 16 anos do sertão nordestino, "mas Ediene é diferente". Ao dizer isso, "X, mas Y", o autor diz X como um argumento favorável à determinada tese ou conclusão implícitas e usa Y, por sua vez, como um argumento contrário a essa conclusão. Desse modo, podemos dizer que Y contraria a expectativa de X e marca uma oposição do argumentador. Explicite as conclusões que estão em oposição nesse fragmento dado.

6. Conectores com indicação de localização espacial e temporal:

Ediene, ainda menina, trabalhava numa maromba, quando se distraiu e seus braços voltaram ao barro.

Indique ideias de tempo e de lugar no fragmento, destacando-as:

tempo: ainda menina;

lugar: em uma maromba

7. Conectores da soma ou da conjunção: Exemplo 1: "Vaidosa, põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom". Exemplo 2: "Jamais abraçará, não namorará de mãos dadas e, se tiver filhos, não os aconchegará em seus braços".

O que está sendo ligado pela conjunção "e" nos dois casos? Nos dois empregos do "e" há ideia de soma, de conjunção das ações verbais: (1) põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom; (2) não namorará de mãos dadas e não aconchegará os filhos nos braços.

Sugestão: o primeiro é a ideia de conjunção e o segundo introduz uma ideia de consequência.

Ao afirmar: "Pense e reflita que custa UM MÊS de trabalho de um menino semiescravo no Brasil", podemos dizer que o autor discorda abertamente do trabalho infantil, indo contra o pagamento irrisório ou propõe apenas que o fato seja discutido ou debatido? Discuta.

Nota: propor que se debata algo impõe discordar agressivamente, propondo uma solução ou discordar de maneira ponderada, ou eufêmica, diante do fato ou da questão, apresentando prós e contras. No texto, a argumentação é refutativa ou ponderada?

Resposta: O autor se posiciona frontalmente contra, logo, é argumentação refutativa.

Solução: o autor apresenta uma solução ao fim do texto? Qual?

Resposta: sim, ele apresenta a solução no último parágrafo, por meio da lei da Sharia e o castigo aos marombeiros.

Vamos, agora, retratar o texto, por meio de sua macroestrutura ou organização geral.

Trata-se de uma análise e uma discussão sobre um fato, a mutilação radical de Ediene, adolescente do sertão nordestino. O que aconteceu com ela é um fenômeno corriqueiro no país. Todos os anos, para ajudar suas famílias, centenas de crianças são mutiladas por causa das condições de semiescravidão do trabalho. O autor denuncia um fato, culpando os marombeiros que exploram o trabalho infantil, classifica tal crime de hediondo e propõe castigo igual para os culpados: terem suas mãos decepadas ou esmagadas em uma maromba, como prega a *sharia*, lei muçulmana, que prevê o corte das mãos de ladrões e dos praticantes de crime hediondo.

8. Isotopias são reiterações (repetições) de ideias ou de termos pertencentes aos mesmos campos semânticos:

Analisar um texto, segundo os campos semânticos que o formam, consiste em destacar as ideias comuns, recorrentes a respeito de um campo, ou de uma concepção, que devem estar repetidas no texto para melhor compreensão da temática:

"Ediene para nós, no início, é apresentada como adolescente normal"; reiterações da ideia de normalidade: *tem 16 anos, rosto redondo, trigueiro, índio, bonito das meninas do sertão.*

O termo *Vaidosa* é especificado por ações recorrentes: põe anéis nos dedos, escreve e pinta os lábios com batom.

Ediene, mutilada, aparece nas reiterações: Ediene não tem braços; ideia que é enfatizada por: "Jamais abraçará, não namorará de mãos dadas, não aconchegará o filho nos braços"; e "os dedos que enche de anéis são os dos pés", com os quais escreve e passa batom nos lábios.

A noção de exploração do trabalho infantil aparece no trecho que se refere a outras *centenas de crianças mutiladas e miseráveis que trabalham como gente grande, em canaviais, sisal, garimpos... com jornadas de até 14 horas e ganham uma miséria (12,50 por mês); são privadas do estudo, das brincadeiras, do convívio com os amigos e têm sua infância roubada...*, como frisou o autor.

Explicar a importância do uso de isotopias para a fixação da temática do texto, ou seja: "exploração do trabalho infantil como crime hediondo".

Resposta: isotopia é um termo técnico para indicar a reiteração, a repetição necessária para a

composição do texto e o reconhecimento de sua temática. Logo, é fundamental para a interpretação, uma vez que ajuda a reiterar os temas, ao longo do texto, realçando-os.

9. Mecanismos de *coesão e de coerência*

Indicar os elementos coesivos:

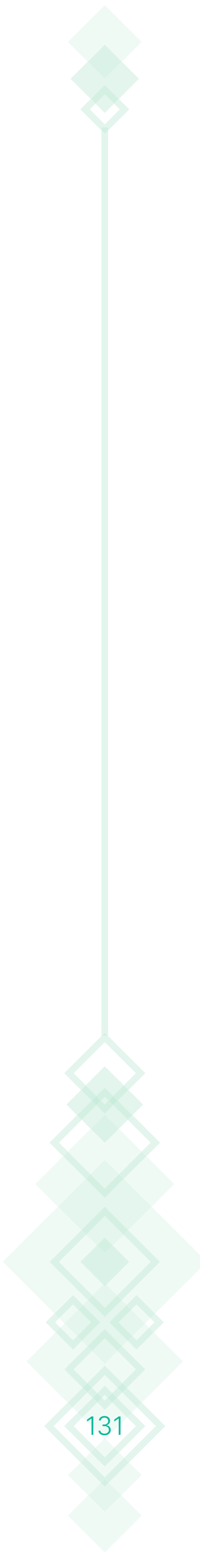
a) referencial: Ediene não tem braços. *Ela os* perdeu *numa maromba*. (*Ela* retoma *Ediene*).

Quando ainda menina, Ediene trabalhava na *máquina infernal*, quando *se* distraiu e *seus braços* voltaram ao barro (*seus* retoma *braços*).

b) sequencial: Ediene ainda menina trabalhava na máquina infernal, *quando se distraiu e seus braços voltaram ao barro.*

c) reiterativa: Ediene, ainda ***criança,*** teve sua ***infância*** para sempre roubada (criança e infância), trabalhando como gente grande, para ajudar as famílias pobres e miseráveis (***pobres*** e ***miseráveis*** é uma sinonímia).

d) enumerações: os detalhes dos aspectos físicos de Ediene para realçar sua juventude.

Outras enumerações dos locais de trabalho escravo: em canaviais, carvoarias, plantações de sisal, garimpos (enumeração de espaços).

10. Coerência derivada da lógica

Feita a partir de inferências ou implícitos com base em relações lógicas. Exemplo:

Crianças, trabalhando *como gente grande [...]*, cobres indispensáveis *para manter a vida de famílias miseráveis* em todo o país.

a. Implícitos: denúncia social, "As famílias deviam ganhar melhor para que as crianças não precisassem trabalhar desde pequenas".

b. Inferências que dão sentido lógico ao texto: as crianças trabalham muito, como *gente grande.* Tal fato já é em si um crime, um erro, pois lugar de criança é na escola, ou em brincadeiras, no convívio com outras crianças.

c. Além disso, *ganham pouco* e sofrem mutilações, pois as máquinas não são apropriadas para elas e as consequências são terríveis, tal como Ediene elas ficam marcadas para sempre. São muitos os fatos que relacionam causa e consequência e que implicam a denúncia, como o exemplo seguinte ilustra:

Exemplo: "Ela os *perdeu numa maromba, máquina infernal do século passado*".

11.Justificativa do uso do adjetivo qualificativo

A máquina é i*nfernal*. pois é ultrapassada e nem deveria existir mais. Há um século atrás ela foi muito utilizada, hoje ela já não é mais apropriada sobretudo para crianças que se distraem e são por ela colhidas. Logo, essa máquina está associada a algo maligno, daí o epíteto "infernal"

12. Outros aspectos gramaticais podem ser explorados pelo professor que puder perceber como a gramática está a serviço da construção dos sentidos do texto

As atividades seguintes foram retiradas da obra de SANTOS, M. I. et al. **Interação e linguagem** – 3º ano. Fortaleza: IPDH, 2014. Trata-se de um livro didático destinado a crianças do 3º ano do ensino fundamental. O objetivo das questões apresentadas aqui é construir noções elementares sobre textos narrativos, considerando, principalmente, o papel dos personagens e as macroproposições de conflito, resolução e moral. O uso da atividade foi autorizado pelos autores e pela editora.

Cobra Honorato

Há muito tempo, no rio Amazonas, numa noite de lua cheia, uma bela índia da tribo tapuia estava tomando banho quando viu que algo bem grande vinha se aproximando pelo rio, em sua direção. Algo que parecia um imenso veleiro, totalmente iluminado. Somente quando chegou bem perto, a índia percebeu que não estava vendo um veleiro. O que chegou junto dela foi a temida Cobra Grande, com seus olhos enormes brilhando como duas grandes fogueiras.

A índia tentou fugir, mas era tarde demais. A Cobra Grande a capturou. Essa cobra era um animal macho e se apaixonou pela jovem índia. O resultado desse encontro foi que ela ficou grávida e, meses depois, nasceram seus dois filhos: Honorato e Maria Caninana.

Como seus pais eram uma cobra e uma humana, os gêmeos eram especiais. Durante o dia, viviam como cobras e passavam o tempo no rio. À noite, eles se transformavam em humanos e podiam passear pela terra. Quando isso acontecia, eles saíam de seus corpos de cobra, que ficavam dormindo na beira do rio. Quando o dia amanhecia, os dois irmãos voltavam a ser cobras.

Eles eram muito diferentes. Honorato era alegre e bondoso. Maria Caninana era uma malvadeza só! Na sua forma de cobra ela fazia de tudo para prejudicar as pessoas: tentava afogar as pessoas que vinham tomar banho no rio, procurava virar os barcos e navios, assustava os peixes para que ninguém tivesse o que pescar. Ela não dava moleza para ninguém.

E o Honorato, sempre por perto, fazia sua parte para impedir as traquinagens da irmã. Salvava os índios que ela tentava afogar e desvirava as embarcações que ela pretendia afundar.

O tempo passou, os gêmeos cresceram. Honorato, na sua forma humana, era um rapaz forte e bonito. Ele sempre visitava sua mãe e participava das festas da aldeia, dançando com as índias e conversando com os amigos. A Maria Caninana continuava perversa e, já adulta, tinha ainda mais força e criatividade para fazer as maldades mais absurdas.

Por isso, Honorato não teve outra saída. Conseguiu prender a irmã em uma árvore oca e com isso a impediu de continuar machucando os outros. Assim, ele deixou de passar o dia todo consertando os erros que ela cometia.

Mas isso não deixou Honorato mais feliz, pois, apesar de toda sua bondade e alegria, ele sentia falta de algo: permanecer humano o dia todo, e não apenas à noite. Uma vez, enquanto conversava com a mãe, ele falou dessa vontade. A velha índia, então, lhe revelou um grande segredo: ela sabia como atender ao desejo do filho.

Era preciso que alguém corajoso pingasse três gotas de leite na boca do corpo de cobra de Honorato, enquanto estivesse dormindo. Depois disso, essa pessoa deveria dar uma martelada forte na cabeça da cobra.

O problema era que o corpo de cobra de Honorato era muito feio e terrível. Todos tinham muito medo de chegar perto quando Honorato não estava dentro dele, mesmo sabendo que o corpo dormia a noite toda. A própria mãe de Honorato já tentara fazer o encanto (sem que o filho soubesse), mas, na hora de fazer o que precisava ser feito, não conseguiu, de tão apavorada que ficou.

E outros tentaram, mas coragem que é bom... nada! Honorato já estava até pensando em desistir quando apareceu, em sua região, um soldado forte e destemido, que se ofereceu para ajudá-lo.

E o soldado cumpriu o que prometera. Chegou junto do corpo da cobra, pingou as três gotas de leite na boca dela e deu uma forte martelada em sua cabeça. Então, na manhã do outro dia, Honorato viu que continuava humano. Ele ficou muito feliz, passou a morar com a mãe e continuou fazendo boas ações.

E a Maria Caninana? Presa como estava, não conseguia mais armar as suas confusões e, quando se transformava em mulher, não tinha como andar e passear pela aldeia. E ninguém aparecia para ajudá-la.

Texto adaptado a partir de lenda de domínio público.

[...]

1. Toda narrativa tem personagens. Vamos ver, então, qual é a participação dos personagens da história da "Cobra Honorato".

a) Escreva o nome dos cinco personagens da história. Escreva, pelo menos, uma ação importante de cada um.

Personagem 1: ______________________________

Índia

Ação realizada: ______________________________

Teve dois filhos com a Cobra Grande; disse a Honorato o que fazer para quebrar o encanto.

Personagem 2: ______________________________

Cobra Grande

Ação realizada: ______________________________

Apaixonou-se pela índia e teve dois filhos com ela.

Personagem 3: ______________________________

Honorato

Ação realizada: ______________________________

Ajudava as pessoas; trabalhou para quebrar o encanto.

Personagem 4: ______________________________

Maria Caninana

Ação realizada: ______________________________

Assustava as pessoas; foi aprisionada em uma árvore oca.

Personagem 5: ______________________________

Soldado

Ação realizada: ______________________________

Pingou as três gotas de leite na boca do corpo da cobra e deu uma forte martelada em sua cabeça.

b) Geralmente, em uma narrativa, os personagens principais passam por um ou mais problemas que precisam resolver. Marque um X nos três problemas que fazem parte do texto lido.

(X) Uma das personagens gosta de fazer maldades com outras pessoas.

(X) Um dos personagens gostaria de ter outro tipo de vida.

(   ) Um dos personagens precisa conquistar o amor de uma garota.

(   ) Uma das personagens costuma mentir para conseguir o que quer.

(X) Um dos personagens terá de passar por uma situação perigosa.

c) Os problemas não acontecem todos ao mesmo tempo. Pensando nisso, diga a ordem dos problemas na história da Cobra Honorato.

Primeiro problema ____________________

Uma das personagens gosta de fazer maldades com outras pessoas.

Solução para o problema: ____________________

Honorato prende sua irmã em uma árvore oca.

Segundo problema ____________________

Um dos personagens gostaria de ter outro tipo de vida.

Solução para o problema: ____________________

A mãe de Honorato lhe explica o que deve fazer, e ele decide procurar alguém que o ajude.

Terceiro problema ____________________

Um dos personagens terá de passar por uma situação perigosa.

Solução para o problema: ____________________

O soldado pingou as três gotas de leite na boca do corpo da cobra e deu uma forte martelada em sua cabeça.

2. Na história da Cobra Honorato, existem dois heróis. Vamos nomeá-los.

Resposta: Cobra Honorato e o soldado

Complete o quadro a seguir, de acordo com as características dos heróis da história.

Personagem ____________________

Cobra Honorato

Qualidades de herói ____________________

Generoso e corajoso.

Ação heroica que realizou ____________________

Salvou as pessoas que a Caninana tentava afogar.

Trecho que mostra a boa ação do soldado ____________________

Soldado

Corajoso e solidário.

Derramou o leite materno na boca da Cobra Grande.

De que tipo de herói você gosta mais: do primeiro ou do segundo? Por quê?

____

Resposta pessoal

Circule apenas as características que você acredita que todo herói deve ter.

BONITO

CONFIANTE

CORAJOSO

FALANTE

GENEROSO

OTIMISTA

PODEROSO

RÁPIDO

SOLIDÁRIO

Resposta pessoal

Você já fez uma boa ação que deixou alguém feliz? Se tiver feito, diga qual foi. Se não tiver feito, dê um exemplo de uma boa ação que você gostaria de fazer. ____

____

Resposta pessoal

3. Uma boa história sempre tem um ou mais vilões, os personagens que tentam atrapalhar ou prejudicar os outros.

Na história da Cobra Honorato, Maria Caninana é uma vilã. Por quê?

Marque um X na resposta correta.

(   ) Ela procura prejudicar a Cobra Grande.

(   ) Ela tem muita raiva de sua mãe.

(X) Ela vira as embarcações.

A Cobra Grande é um vilão na história? Por quê? ____________________

____

Resposta pessoal

4.Vamos relembrar as informações mais importantes sobre a história da Cobra Honorato? Complete os quadros a seguir.

TÍTULO DA LENDA ______________________________

Cobra Honorato

PERSONAGENS ______________________________

Índia, Cobra Grande, Honorato, Maria Caninana, Soldado e as pessoas que a Caninana tentava afogar

LUGARES ONDE A LENDA ACONTECE______________________________

Rio Amazonas
Tribo onde a Índia morava

TEMPO EM QUE A LENDA ACONTECE ______________________________

Tempo no passado

PROBLEMAS QUE APARECEM NA LENDA (INDIQUE AS SOLUÇÕES)

Maria Caninana faz maldades;

solução: Honorato prende a irmã em uma árvore oca.

Honorato quer ser sempre humano;

solução: sua mãe lhe diz o que fazer e ele procura ajuda.

O encanto de Honorato deve ser quebrado;

solução: o soldado pingou as três gotas de leite na boca do corpo da cobra e deu uma forte martelada em sua cabeça.

LIÇÃO/ENSINAMENTO QUE A LENDA TRANSMITE

Devemos ajudar as pessoas.
Devemos ter coragem nos momentos difíceis.
Outras possibilidades coerentes sugeridas pelos alunos.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **Les textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

AZEVEDO, Aluísio Azevedo. **O Cortiço**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2011. p. 64.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BEAUGRANDE, Robert A. **New foundations for a science of text and discourse**. Norwood: Ablex, 1997.

BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. Londres/Nova York: Longman, 1981.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

CAMPOS, Paulo Mendes. **De um caderno cinzento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em construção**. São Paulo: Moderna, 1990.

CAVALCANTE, Mônica M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Langage et discours**: élements du semiolinguistique. Paris: Hachette, 1983.

______. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (Org.). **O discurso da Mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-44.

______. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In:______. **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 11-30.

______. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudos das práticas pedagógicas. In: GALVES, Charlotte et al. **O Texto**: leitura e escrita. Campinas: Pontes, 1988. p. 39-85.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. The Hague/Paris: Mouton, 1957.

COSTA VAL, Maria G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GALVES, Charlote; ORLANDI, Eni P.; OTONI, Paulo. (Org.). **O texto**: escrita e leitura. Campinas: Pontes, 1988. p. 39-85.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: ______. (Org.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 39-46.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

JORNAL DO BRASIL. **Revista de Domingo**. Rio de Janeiro, 31 maio 1991.

KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

______. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, Maria L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos.** 2. ed., v. 3. São Paulo: Cortez, 2005. p. 251-300.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

LAKOFF, George. 1977. Linguistic gestalts. In: **Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society**, v. 13, Chicago, 1977. p. 236-287.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Londres: The University of Chicago Press, 1980.

LINS, Maria da Penha Pereira; GONÇALVES, Lorena Santana. **O humor como discurso de prevenção**: o cartum sob a ótica da pragmática. Vitória: UFES, 2013.

LYONS, John. **Linguagem e linguística:** uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MARCUSCHI, Luiz A. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. Recife: EDUFPE, 1983.

______. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER, C. Gênero como ação social. In: MILLER, C. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: EDUFPE, 2009. p. 21-44.

PAULIUKONIS, Maria A. Lino. Processos de discursivização: da língua ao discurso. **Veredas**. Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 89-96, 2001.

PAULIUKONIS, Maria A.; GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

REDDY, M. (1979). The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Org.). **Metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 164-201.

ROSCH, Eleanor H. et al. Basic objects in natural categories. **Cognitive Psychology**, v. 8, p. 382-439, 1976.

SANTAELLA, Lúcia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 47-72.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Aurenívia Ferreira da. **Um estudo da realização da sequência narrativa no gênero notícia**. 2007. 79 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.

UTZERI, Fritz J.B. **Caderno B**. 2 dez. 1999. p. 8.

VAN DIJK, T. A. **La ciencia del texto**: um enfoque interdisciplinario. Barcelona/Buenos Aires: Edicionaes Paidós, 1978.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

WACHOWICZ, T. C. **Análise linguística nos gêneros textuais.** Curitiba: Ibpex, 2010.